

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
CURSO DE MESTRADO

PRAÇAS E QUALIDADE ESPACIAL: PLANO PILOTO DA CIDADE
DE MARINGÁ, PARANÁ

JOSÉ ALCIDES REMOLLI

MARINGÁ - PARANÁ
2010

JOSÉ ALCIDES REMOLLI

PRAÇAS E QUALIDADE ESPACIAL: PLANO PILOTO DA CIDADE DE
MARINGÁ, PARANÁ

Dissertação apresentada como requisito
parcial para a obtenção título de Mestre
– Área: Análise Regional e Ambiental –
pelo Programa de Pós-Graduação em
Geografia da Universidade Estadual de
Maringá, Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Luiz Domingos De Angelis

MARINGÁ - PARANÁ
2010

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

R389e Remolli, José Alcides
Praças e qualidade espacial : plano piloto da cidade de Maringá, Paraná / José Alcides Remolli. -- Maringá, 2010.
144 f. : il., figs. color.

Orientador : Prof. Dr. Bruno Luiz Domingos De Angelis.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2010.

1. Espaços públicos urbanos - Levantamento qualitativo. 2. Áreas verdes urbanas. 3. Paisagem urbana. 4. Maringá (PR) - Praças - Levantamento qualitativo. 5. Maringá (PR) - Espaços públicos - Distribuição espacial. 6. Arborização - Levantamento quantitativo - Praças - Maringá (PR). I. De Angelis, Bruno Luiz Domingos, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Departamento de Geografia. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

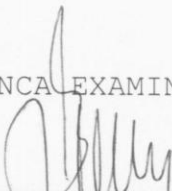
CDD 22.ed. 910.171155

**“PRAÇAS E QUALIDADE ESPACIAL: PLANO PILOTO DA CIDADE DE MARINGÁ,
PARANÁ”.**

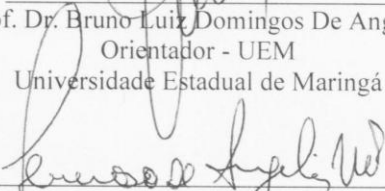
Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Geografia, área de concentração: Análise Regional e Ambiental.

Aprovada em **24 de agosto de 2010.**

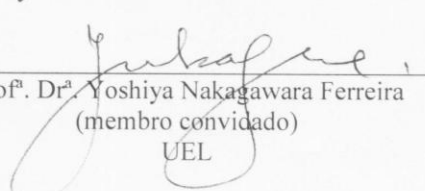
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Bruno Luiz Domingos De Angelis
Orientador - UEM
Universidade Estadual de Maringá



Prof. Dr. Generoso De Angelis Neto
Membro convidado
Universidade Estadual de Maringá



Profª. Drª. Yoshiya Nakagawara Ferreira
(membro convidado)
UEL

AGRADECIMENTOS

Escrever uma dissertação não é um processo que realizamos de forma isolada, pois entramos em contato com diversas pessoas através da troca constante de ideias ou de um simples diálogo, as quais promovem uma contribuição substancial na elaboração desse trabalho de pesquisa. Dessa forma, muitas delas tiveram papel primordial e merecem o meu mais profundo respeito e agradecimento.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por ter estado comigo durante todo esse tempo de estudo e pesquisa, me iluminando, me dando forças e sabedoria para que eu pudesse redigir este trabalho de pesquisa.

Expresso os meus mais sinceros agradecimentos ao Prof. Dr. Bruno Luiz Domingos De Angelis que, mediante sua orientação, constante incentivo e apoio, me indicou a direção correta a ser tomada nos momentos de maior dificuldade, e pela sua paciência e grande amizade, pela sua disponibilidade e pela sua maneira exigente e crítica diante das discussões a respeito das ideias apresentadas durante dissertação deste trabalho.

À valorosa contribuição do Sr. Antonio Mendes de Almeida (Toninho) – Assistente Legislativo –, do Setor de Arquivo da Câmara Municipal de Maringá, pela disponibilização e ajuda na coleta de informações referentes às leis que denominaram as praças da área em estudo.

A Sra. Romilda Domingos Rubin (Romi) – Auxiliar Administrativa –, do Setor de Cadastro Técnico da Secretaria Municipal de Controle Urbano de Obras Públicas (SEURB) da Prefeitura Municipal de Maringá, pela simpatia e presteza com que auxiliou na busca de informações e dados concernentes às praças da área do Plano Piloto da Cidade de Maringá.

Ao Sr. Francisco Gomes dos Santos (Chico Caiana), Diretor Administrativo da Secretaria Municipal de Serviços Públicos – SEMUSP –, pela ajuda na descrição dos serviços prestados por essa Secretaria junto à população e em especial nas áreas das praças.

Ao Sr. João Laércio Lopes Leal – Historiador –, da Gerência de Patrimônio Histórico e a Sra. Elizabeth da Silva Souza Dourado – Auxiliar Administrativo –, da Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Maringá, pela valiosa ajuda nas pesquisas realizadas nesse setor.

À Cida e à Miriam, Secretárias do PGE, pela amizade e dedicação na resolução de diversos problemas ocorridos durante a nossa trajetória junto à Pós-Graduação.

Ao Prof. Dr. William Mário de Carvalho Nunes – Diretor do Núcleo de Pesquisa em Biotecnologia Aplicada –, do Departamento de Agronomia da UEM, pelo incentivo e

apoio na liberação em tempo parcial para que eu pudesse realizar este trabalho de pesquisa.

À Rúbia de Oliveira Molina, pela contribuição providencial na confecção dos gráficos utilizados nesta dissertação, e ao colega de trabalho Carlos Alexandre Zanutto, pela grande ajuda na montagem de gráficos e formatação da dissertação.

Aos meus filhos Lucas: pela paciência em ceder seu computador para que este trabalho pudesse ser realizado e pela contribuição na montagem dos mapas; a Rodrigo, pela grande ajuda na tradução de texto e correção gramatical, e à Patrícia, pela amizade e carinho a mim dispensados durante o transcorrer desses anos de estudo.

À minha esposa Cecília, que por meio de seu apoio e compreensão foi a maior incentivadora para eu concluir mais essa etapa na minha vida, me dando muita força e estando sempre presente nas horas mais difíceis. Sua dedicação e seu carinho foram fundamentais nessa árdua trajetória. Meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Neste trabalho de pesquisa, realizou-se um estudo nas 36 praças localizadas na área do Plano Piloto da Cidade de Maringá, Estado do Paraná. Essa área refere-se ao traçado inicial da malha urbana da Cidade de Maringá, elaborado pelo urbanista Jorge de Macedo Vieira, as quais foram denominadas Zona 50 (Centro), Zona 1, Zona 2, Zona 3 (Vila Operária), Zona 4, Zona 5, Zona 6, Zona 7, Zona 8, Zona 9, Zona 10 e Zona 12. A coleta de informações foi efetuada por intermédio de pesquisa bibliográfica, avaliação qualitativa e de levantamento quantitativo com o objetivo de identificar, determinar o número de praças, de equipamentos e/ou estruturas, de levantamento da ocorrência de vegetação e de levantamento fotográfico. A tabulação desses dados subsidiou a análise e a avaliação da distribuição espacial, a facilidade de acesso e uso dessas praças, e mediante o levantamento quali-quantitativo obtiveram-se as características dos equipamentos, das estruturas e do seu mobiliário. Nessas praças, encontraram-se equipamentos e/ou estruturas em boas condições de uso pela população; iluminação rebaixada, promovendo maior segurança aos usuários; Academia da Terceira Idade e Academia da Primeira Idade, como novo tipo de equipamento, destinado à prática de atividades físicas, lazer e sociabilização entre a população. Outro item positivo verificado nessas praças foi referente à limpeza, manutenção dos gramados e da vegetação. Fica evidente a preocupação com os elementos arbóreos de uma mesma espécie que se repetem com grande frequência nessas áreas devido à ação de pragas e patógenos. O estado geral de conservação dessas praças, na sua maioria, está classificado entre os conceitos bom e ótimo. Observou-se que, mesmo esses espaços públicos passando por transformações nas suas formas e funções através do tempo e a concorrência com novas formas de lazer, a sua apropriação continua efetiva, principalmente pelas camadas mais carentes da população. Assim, com a realização deste trabalho espera-se apontar aspectos de relevância que possam servir de discussão e que venham a subsidiar melhoras na política de gestão desses espaços públicos urbanos.

Palavras chave: Espaços públicos; áreas verdes urbanas; paisagem urbana.

ABSTRACT

In this research work, a study was held in the 36 squares located in the Pilot Plan area of the city of Maringá, Paraná State. This area is referred to the initial urban plan of the city mesh of Maringá, drawn up by the urbanist Jorge de Macedo Vieira, which were denominated Zona 50 (Centro), Zona 1, Zona 2, Zona 3 (Vila Operária), Zona 4, Zona 5, Zona 6, Zona 7, Zona 8, Zona 9, Zona 10 and Zona 12. The data collection was performed through bibliographic research, qualitative evaluation and quantitative survey with the objective of identifying, determining the number of squares, of equipment and/or structures, of vegetation occurrence survey and of photographic survey. The tabulation of those data subsidized the analysis and evaluation of the space distribution, the access easiness and use of those squares, and, through the quali-quantitative gathering, it was obtained the characteristics of the equipments, of the structures and of its furniture. In these squares it were found equipment and/or structures in good conditions for use by the population; lowered lighting, promoting greater safety for users; *Academia da Terceira Idade* and *Academia Primeira Idade*, as a new type of equipment, for the practice of physical activities, leisure and sociability between the population. Another positive item verified in these squares was the cleaning, maintenance of lawn and vegetation. It is evident the concern with the arboreal elements of the same species that are repeated with great frequency in these areas due to action of pests and pathogens. The general state of conservation of these squares, in its majority, is classified between the concepts of good and great. It was observed that, even those public spaces going through transformations in their forms and functions through time and the competition with new leisure forms, its appropriation continues effective, mainly for the most lacking layers of the population. Then, with the accomplishment of this work, it is hoped to point out the aspects of relevance that can serve as discussion and that comes to subsidize improvements in the administration politics of those urban public spaces.

Keywords: Public spaces; urban green field; urban landscape.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Anteprojeto de Maringá.....	25
Figura 2	– Croqui parcial com a localização do Município de Maringá.....	26
Figura 3	– Croqui do Plano Piloto da Cidade de Maringá.....	36
Figura 4	– Praça Geoffrey Wilde Diment.....	40
Figura 5	– Praça Sem Denominação.....	41
Figura 6	– Praça Rotary Internacional.....	42
Figura 7	– Praça 21 de Abril.....	43
Figura 8	– Praça Pio XII.....	44
Figura 9	– Praça Ary Barrozo.....	45
Figura 10	– Praça 7 de Setembro.....	46
Figura 11	– Praça do Expedicionário.....	47
Figura 12	– Praça Amábele Giroldo.....	48
Figura 13	– Praça Lions.....	49
Figura 14	– Praça dos Sertões.....	50
Figura 15	– Praça Interventor Manoel Ribas.....	51
Figura 16	– Praça José Bonifácio.....	52
Figura 17	– Praça Presidente Kennedy.....	53
Figura 18	– Praça Napoleão Moreira da Silva.....	54
Figura 19	– Praça Raposo Tavares.....	55
Figura 20	– Praça Deputado Renato Celidônio.....	56
Figura 21	– Praça da Catedral.....	57
Figura 22	– Praça Vereador Malaquias de Abreu.....	58
Figura 23	– Praça Pedro Álvarez Cabral.....	59
Figura 24	– Praça Todos os Santos.....	60
Figura 25	– Praça Ministro Antônio Oliveira Salazar.....	61
Figura 26	– Praça Largo das Garças.....	62
Figura 27	– Praça Rocha Pombo.....	63
Figura 28	– Praça Júlio Jerônimo dos Santos.....	64
Figura 29	– Praça Vereador Oswaldo Vieira.....	65
Figura 30	– Praça Monsenhor Bernardo Cnudde.....	66
Figura 31	– Praça Prof. Nadir Aparecida Cancian.....	67
Figura 32	– Praça Emiliano Perneta.....	68
Figura 33	– Praça Regente Feijó.....	69
Figura 34	– Praça Pioneiro Fiori Progiante.....	70
Figura 35	– Praça Senador Ailton Souza Naves.....	71
Figura 36	– Praça da Américas.....	72
Figura 37	– Praça Salgado Filho.....	73
Figura 38	– Praça do Aeroporto.....	74
Figura 39	– Praça Jitsui Fujiwara.....	75
Figura 40	– Quantitativo de equipamentos e/ou estruturas existentes.....	78
Figura 41	– Academia da Terceira Idade.....	88

Figura 42 – Academia da Primeira Idade.....	89
Figura 43 – Avaliação qualitativa dos equipamentos e/ou estruturas.....	93
Figura 43 – Continuação.....	94
Figura 44 – Estado geral de conservação das 36 praças estudadas.....	95

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Formulário de levantamento quantitativo.....	28
Quadro 2 – Formulário de avaliação qualitativa.....	29
Quadro 3 – Relação das praças do Plano Piloto da Cidade de Maringá.....	37
Quadro 4 – Sigla e abreviaturas dos equipamentos e/ou estruturas.....	39
Quadro 5 – Formas das praças do Plano Piloto da Cidade de Maringá.....	80
Quadro 6 – Ocorrência das espécies arbóreas nas praças.....	112
Quadro 7 – Ocorrência das espécies arbóreas frutíferas nas praças.....	113
Quadro 8 – Ocorrência das espécies de palmáceas nas praças.....	113
Quadro 9 – Ocorrência das espécies arbustivas nas praças.....	114
Quadro 10 – Ocorrência das espécies de forrações nas praças.....	114

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

AMUSEP – Associação dos Municípios do Setentrião Paranaense

API – Academia da Primeira Idade

ATI – Academia da Terceira Idade

Av – Avenida

CMNP – Companhia Melhoramentos Norte do Paraná

CMM – Câmara Municipal de Maringá

CTNP – Companhia de Terras Norte do Paraná

DGE – Departamento de Geografia

EUA – Estados Unidos da América

Ha – Hectare

IAP – Instituto Ambiental do Paraná

PGE – Pós-Graduação em Geografia

PMM – Prefeitura Municipal de Maringá

PR – Paraná

R – Rua

RMM – Região Metropolitana de Maringá

SEMUSP – Secretaria Municipal de Serviços Públicos

SEPLAN – Secretaria de Planejamento

SEURB – Secretaria Municipal de Controle Urbano e Obras Públicas

Tv – Travessa

SUMÁRIO

Agradecimentos	iv
Resumo	vi
Abstract	vii
Lista de Figuras	viii
Lista de Quadros	x
Lista de Siglas e Abreviações	xi
Sumário	xii
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 Justificativa	3
1.2 Objetivo geral	3
1.3 Objetivos específicos	3
2 REFERENCIAL TEÓRICO	5
2.1 A praça no Brasil	11
3 MARINGÁ: A FORMAÇÃO HISTÓRICA	20
4 METODOLOGIA	25
5 DIAGNÓSTICO DAS PRAÇAS DO PLANO PILOTO DA CIDADE DE MARINGÁ.....	33
5.1 As praças do Plano Piloto da Cidade de Maringá	35
5.2 Levantamento quantitativo	76
5.3 Avaliação qualitativa	92
5.4 Arborização das praças	110
6 DISCUSSÃO	116

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
Referências	127
Apêndices.....	134

1 INTRODUÇÃO

As praças sempre foram presença marcante na história das cidades, constituindo-se em um referencial urbano marcado pela convivência humana. Muitas cidades devem seu surgimento e desenvolvimento às praças, principalmente no Brasil, pois a partir da sua demarcação na nova vila eram locados os edifícios públicos e as demais casas de moradia da população.

Com a evolução dessas vilas em cidades, esses espaços públicos passaram a receber um melhor tratamento por parte dos seus gestores. Com isso, passaram a contar com calçamento e mobiliários para maior conforto da população, cuja tendência é se apresentar cada vez mais crescente nos centros urbanos.

Na transição do modelo de urbanização colonial para o novo modelo de cidade, ocorrida em fins do século XIX, surge a praça ajardinada, sofrendo alteração em sua função de meramente religiosa ou de passeio, porque a beleza de seu ajardinamento acarreta novas formas de atividades voltadas ao lazer contemplativo, à recreação, à convivência e ao passeio.

Devido ao crescente aumento da população nos centros urbanos, e consequentemente das suas edificações, as praças são espaços públicos de grande importância na trama urbana, visto que propiciam à população um ambiente de convivência mais agradável, permitindo uma melhor circulação de ar, insolação e drenagem, servindo ainda como quebra da monotonia entre o verde e o cinza do concreto das construções.

O Brasil passou por um processo de urbanização intensa nas últimas quatro décadas, provocado pela mudança da população predominantemente rural para os centros urbanos. A consequência foi o crescimento desordenado das cidades brasileiras gerado pela falta de planejamento urbano adequado e pela especulação imobiliária, que na busca de maiores lucros acabara promovendo uma má distribuição dos espaços livres de

edificações, fazendo com que houvesse um menor número desses espaços em detrimento de um maior número de construções.

Nesse âmbito, o planejamento urbano constitui, hoje, em um dos fatores que merecem especial atenção, tanto por parte dos gestores municipais quanto da população de uma maneira geral, no sentido de resgate da cobertura vegetal como componente reestruturador no espaço urbano. Assim, as praças públicas, além de serem os locais da convivência comunitária e do cotidiano urbano, passam a assumir o papel não só como área de lazer, mas também como espaço verde, contribuindo como importante elemento indicador da qualidade ambiental nos centros urbanos.

Na Cidade de Maringá, a arborização encontra-se distribuída pelas calçadas, canteiros centrais, parques e praças, e contribui significativamente para que a população citadina tenha uma qualidade de vida satisfatória. Na área em que está localizado o Plano Piloto da cidade são encontrados dois parques e um horto florestal com matas nativas remanescentes à colonização da cidade, totalizando uma área de 143,43 há, e um bosque com grevêneas com área de 4,46 ha (BOVO; AMORIM, 2009).

As praças objetos deste estudo estão localizadas na Zona 50 (Centro), Zona 1, Zona 2, Zona 3 (Vila Operária), Zona 4, Zona 5, Zona 6, Zona 7, Zona 8, Zona 9, Zona 10 e Zona 12, sendo que dessas áreas apenas a Zona 9, Zona 10 e Zona 12 não foram contempladas com praças, constituindo atualmente a área denominada Plano Piloto, totalizando 36 praças.

Para que melhor pudessemos conhecer essas praças, realizamos um levantamento quantitativo e qualitativo das estruturas, dos equipamentos existentes e das condições de uso, juntamente com sua inserção no conjunto da praça e sua localização junto às diferentes áreas na malha urbana da cidade.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste trabalho foi proposta por De Angelis (2000), conforme explicitaremos no capítulo específico. Realizamos

levantamento fotográfico de todas as praças estudadas e pesquisas junto à Câmara Municipal, Prefeitura do Município e biblioteca em busca de subsídios que nos ajudassem a melhor conhecer e a descrever essas áreas.

1.1 Justificativas

O estudo das praças inseridas na área do Plano Piloto da Cidade de Maringá justifica-se pela sua presença marcante na composição da malha urbana, pela importância que representam na sociabilização e na disponibilidade de acesso ao lazer e práticas esportivas a todas as camadas da população.

Entretanto, a preservação desses espaços públicos urbanos relaciona-se diretamente ao uso que faz dele a população da cidade e o comprometimento dos órgãos públicos competentes em oferecer à população esses espaços em condições adequadas para uso, quer seja para entretenimento; para práticas esportivas; para a melhoria da qualidade ambiental ou simplesmente para higiene mental.

Por outro lado, a falta de comprometimento e do envolvimento da população aliada à natural displicência por parte do poder público contribuem para o aumento da depredação desses locais de uso coletivo.

1.2 Objetivo geral

Identificar a qualidade ambiental das praças localizadas no Plano Piloto da Cidade de Maringá, PR.

1.3 Objetivos específicos

- Analisar a distribuição espacial das praças que se encontram dentro da área de estudo;
- Caracterizar e avaliar quali-quantitativamente as estruturas e mobiliários dessas praças;

- Analisar a arborização e as demais vegetações que compõem as áreas das praças focalizadas;
- Documentar o estado da arte das praças do Plano Piloto.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Ao descrever o ambiente pré-histórico e a origem da cidade, Benévolo (2003) faz um relato dos estudos realizados sobre os vestígios de materiais humanos, encontrados através de escavações em antigas aldeias e que oferecem uma imagem da convivência humana nessa época.

Assim, pelas plantas dessas antigas aldeias encontradas pudemos notar que o homem, a partir do momento em que deixou de ser nômade e passou a conviver em comunidade, sentiu a necessidade de proteção às pessoas que passaram a fazer parte das comunidades que se formavam contra o ataque de invasores e de animais ferozes.

Dessa maneira, procurou construir suas casas em forma de círculo, mantendo um espaço livre ao centro, destinado ao culto de suas divindades, às danças e à troca de produtos excedentes, sendo, portanto, além de um local de comércio, um local onde ocorriam o encontro das pessoas, o social. Com a evolução das aldeias em cidades, esses espaços livres passaram a ter usos diferenciados, mas continuaram a ser de fundamental importância na reprodução das relações humanas e no exercício da convivência social.

Segundo Caldeira (2007, p. 11), já na cultura indígena a praça foi de vital importância para a convivência social da tribo, pois os estudos pela autora realizados apontam que a praça:

[...] remetem à organização espacial indígena que serve de contraponto para mostrar a ruptura com a estrutura que existia no Brasil com a chegada dos portugueses. As cidades jesuítas também desmontam a organização espacial indígena, colocando no centro da praça o cruzeiro e a igreja”. [...] Tanto os índios como “os portugueses usufruem certa forma da centralidade que já existia, e desta simbiose se originam várias cidades brasileiras. Mas destaca que as imposições das novas formas espaciais funcionaram como mecanismo de domínio.

As praças tiveram um papel muito importante na concepção da maioria das cidades no Brasil colonial, porque a sua gênese ocorre sempre pela doação de uma área

de sesmaria para determinado santo e a construção da capela e instituição de uma paróquia em seu louvor. Aos poucos, no seu entorno iam surgindo os casarios, os edifícios públicos que mais enobreciam a cidade, como a casa da Câmara, a cadeia e a casa dos governadores; depois, as casas de moradias da população e na sequência demarcadas as áreas destinadas à exploração agrícola e à criação de animais, que compunham uma freguesia, arraial ou vila.

Robba e Macedo (2003, p. 19-22) ressaltam que:

Tal estrutura de formação das cidades coloniais foi também a força geradora dos primeiros espaços livres públicos brasileiros: os adros das igrejas. O espaço deixado em frente aos templos é justamente o espaço de formação da praça. Conforme a povoação cresce, o adro da igreja se consolida como um elo entre a comunidade e a paróquia, o mais importante polo da vila e o centro da vida sacra e mundana, pois atrai para o seu entorno as mais ricas residências, os mais importantes prédios públicos e o melhor comércio. [...] A praça – até esse momento chamado de largo, terreiro e rossio – era o espaço de interação de todos os elementos da sociedade, abarcando os vários estratos sociais. Eram ali que a população da cidade colonial manifestava sua territorialidade, os fiéis demonstravam a sua fé, os poderosos, o seu poder, e os pobres, sua pobreza. Era o espaço polivalente, palco de muitas manifestações dos costumes e hábitos da população, lugar de articulação entre os diversos estratos da sociedade colonial.

Quanto a sua forma, as praças raramente eram de uma regularidade perfeita, mesmo quando relativamente quadrangulares, apresentando alinhamentos não seguidos à risca. Isso acontecia devido à inexistência de um traçado prévio ou de uma ideia diretriz que pudesse nortear os rumos a serem seguidos na locação das ruas e casas da vila; o aspecto predominante nesses locais era de completa desordem. São cidades cujos traçados trazem as mesmas marcas de outras cidades colonizadas pelos portugueses em outros continentes.

Santos (2001, p. 17) relata que:

[...] essa dupla marca – da Idade Média e da Renascença –, traziam-na os portugueses que descobriram e colonizaram nossa terra: esdrúxula combinação de cruzados, empenhados com sinceridade e fervor numa obra de catequese e de fé, e de homens de empresa, que à ambição da riqueza adicionavam o espírito de aventura e a audácia da raça.

Vale salientar que a Espanha utilizava um código legislativo que tratava da escolha correta do local para as novas povoações das colônias levando em consideração a salubridade, a terra, o clima, os pastos, os animais etc. Dessa maneira, a demarcação do traçado xadrez na composição urbana também facilitava a locação das praças.

Discorrendo a respeito desse código legislativo que disciplinava os traçados para as colônias, Santos (2001, p. 42-43) cita que os espanhóis, “se nem sempre lhe obedeciam com rigor, seguiam-nas pelo menos em parte, e principalmente quanto a essas duas particularidades: da *plaza mayor* e do traçado das ruas em xadrez”.

Ao tratar sobre os espaços públicos existentes nas cidades, Santana (2005, p. 127) afirma que:

[...] as cidades são palcos de reprodução das relações humanas, que ocorrem ora nos seus espaços construídos (habitações, indústrias, hospitais), ora nos espaços livres de edificações (parques, praças, canteiros) e nos espaços de integração urbana (rede rodoferroviária). Nesse sentido, parques, praças, ruas, avenidas, largos, entre tanto outros, recebem e incentivam o exercício da vivência social e servem de suporte ao exercício da cidadania, enquanto espaços públicos, pois contam com uma expressiva acessibilidade e acolhem simultânea e passivamente os mais variados usuários e as mais diversas formas de uso, seja na sua função pré-estabelecida, seja na sua possibilidade lúdica de existir.

A praça teve diferentes significados através dos tempos, passando do símbolo de liberdade na Grécia antiga – a Ágora Ateniense, situada próxima aos prédios públicos, por exemplo, era ponto de encontro dos cidadãos, onde podiam discutir política, exercer a democracia direta e expressar-se livremente – ao símbolo de poder emanado pelo Fórum Romano, que era o centro da vida política, comercial e judicial da Roma antiga.

Na história, algumas praças podem ser consideradas como monumentos sagrados, pois guardam no seu bojo a magnitude de um tempo, de um povo e de sociedades que foram de fundamental importância na colonização do espaço que hoje habitamos.

No que tange à relevância histórica para as praças, De Angelis (2000, p. 40) resgata algumas praças onde fatos marcantes aconteceram:

[...] na Ágora, Sócrates fora colocado sob processo. No Fórum de Roma nasceu o império homônimo. A Praça de São Petersburgo foi o berço da Revolução Comunista na extinta União Soviética. Na Plaza de Mayo, Buenos Aires, surgiu e resiste o movimento de mães que buscam seus filhos desaparecidos durante o regime militar. A Praça Tiananmen – ou T'ien-Na-Men – (Praça da Paz Celestial), em Pequim, é símbolo e testemunha da agonia e morte dos que buscavam democracia e liberdade na primavera de 1989.

Gomes (2005), observando Casé (2000), assinala como referencial de monumentos consagrados a Praça de São Marcos, em Veneza, na Itália – onde se localiza a Basílica de São Marcos (um dos melhores exemplos de arquitetura bizantina), sede da arquidiocese católica romana de Veneza desde 1807; Plaza Mayor (Madri) – de origem hispânica, era o local onde eram apresentados os espetáculos profanos (torneios, touradas, jogos), servia de mercado, representações teatrais e prática de justiça; e Plaza de Armas (Madri) – também de origem hispânica, assume a forma de praça urbana, sem estruturas e serviam para festas, mercados e feiras; quando localizadas extramuros, ficavam próximas a alojamentos e campos militares – possuía a função de exercícios, treinamentos e artes de guerra.

Em qualquer país, cultura ou idioma as praças sempre tiveram importância fundamental na paisagem urbana das cidades. “A princípio esses tinham como principal características serem espaços secos, sendo na Europa conhecidos por piazze ou Plaza”. Esses espaços serviam como ponto de encontro de comerciantes que os utilizavam para expor e vender seus produtos. “Já no Brasil esses mesmos espaços eram chamados de largos, pátios ou terreiros” (ROBBA; MACEDO, 2003, p. 16).

De acordo com Lamas (2004, p. 100-102):

[...] nas cidades islâmicas, a praça não existe. Quanto muito, o cruzamento de ruas produz uma área mais larga no ponto de confluência. A praça é um elemento morfológico das cidades ocidentais e distingue-se de outros espaços, que são resultado acidental de alargamento ou confluência de traçados – pela organização espacial e intencional de desenho. Esta intencionalidade repousa na situação da praça na estrutura urbana no seu desenho e nos elementos morfológicos (edifícios) que a caracterizam.

A comercialização de produtos diversos era realizada em pequenos bazares, localizados em conjuntos de ruas próprias para esse fim, ruas bastante estreitas, não havendo locais apropriados ao mercado.

Através dos tempos, a praça sempre foi marcada pela convivência e pelo lazer dos habitantes urbanos, sendo um referencial urbano e constituindo um espaço público muito importante. Todavia, foi por seu intermédio que muitas cidades brasileiras tiveram surgimento e posterior desenvolvimento, tornando-se um equipamento histórico e cultural bastante expressivo.

Conceituar ou definir o termo praça é uma tarefa árdua, tanto por parte do poder público quanto por parte dos pesquisadores e técnicos, devido às inúmeras definições ou conceitos que poderiam ser aplicados, dependendo da ótica de quem as estuda. O ponto de convergência entre os que tentam conceituá-la é o fato de ela constituir-se como um espaço público.

Com a evolução das cidades ao longo dos tempos, o papel exercido pela praça na *urbe* altera-se significativamente, mas por outro lado o que sempre a caracterizou – o seu caráter social – permaneceu e ainda permanece como a mais intrínseca qualidade.

Na realização de estudo sobre as praças e as suas funções na vida brasileira, Robba e Macedo (2003, p. 17), com o objetivo de buscar melhor definição com a maior clareza possível, consideram duas premissas básicas – o uso e a acessibilidade do espaço – para chegarem ao seguinte conceito: “Praças são espaços livres públicos urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos”.

Destarte não podemos considerar a praça somente para o lazer. Ela tem funções tão relevantes quanto o descanso, haja vista que promovem a melhoria do meio ambiente mediante a distribuição da ventilação em meio às edificações e com a dissipação da poluição, permitindo ainda a circulação entre áreas significativas na dinâmica urbana,

como opção de recreação para atividades coletivas e configurando-se como uma área de embelezamento ao propiciar acesso aos recursos naturais pela cidade ou ainda produzindo espaços estéticos artificiais para amenizar e contrastar com a paisagem de concreto das construções da cidade (ORTH; CUNHA, 2000).

Também é fundamental lembrarmos que o lazer torna a cidade moderna mais humanizada, mais apropriada ao convívio humano. Além disso, lazer não significa ócio. Significa sim o uso do tempo livre em espaços reproduzidos para o uso coletivo e individual do indivíduo de modo pró-ativo e democrático, ainda que distintos uns dos outros, abrigando todas as camadas sociais. E a praça é um exemplo bem apropriado (SILVA, 2004).

Gomes (2005, p. 103), ao asseverar sobre o conceito de praça desenvolvido por Robba e Macedo (2003), observa que:

[...] esse conceito foi elaborado tendo em vista as características das praças nas cidades contemporâneas, embora não desconsidere o caráter de sociabilidade que sempre esteve intrínseco às funções da praça. Assim, descarta-se a possibilidade de enquadrar como praças, canteiros centrais de avenidas, rotatórias, pequenos espaços gramados ou qualquer outro espaço público que não ofereça condições de lazer ou acessibilidade à população, fato corriqueiro entre muitos órgãos públicos municipais quando procuram, de maneira aleatória, ampliar o número dos seus espaços públicos e de lazer perante a comunidade, considerando elementos meramente quantitativos.

Em sua história, a praça teve várias funções – a de mercado –, quando na Idade Média e no período colonial brasileiro eram utilizadas para as atividades comerciais e feiras; a militar – em que eram utilizadas para exercícios e manobras militares, sendo que estes praticamente deixaram de existir, salvo algumas exceções, em que essa função acabou sendo transferida para grandes avenidas, principalmente quando localizadas em grandes centros urbanos; a religiosa e a de convívio social.

2.1 A Praça no Brasil

A praça, no transcorrer da história, passou por diversas transformações de formas, funções e usos. Muitas dessas modificações que ocorriam nas principais cidades da Europa promoveram significativas mudanças também nos países de colonização europeia.

No Brasil, essas transformações também se fizeram sentir e as praças tais quais as conhecemos hoje – com diferentes tipos de vegetação, arborizadas e com vários tipos de mobiliário – começam a tomar forma com a implantação do Passeio Público do Rio de Janeiro, em 1783 (GOMES, 2005).

O Passeio Público do Rio de Janeiro é considerado “um dos primeiros jardins públicos do Brasil, sendo contemporâneo ao surgimento de outros jardins públicos europeus da segunda metade do século XVIII”.

Segawa (1996, p. 108); Robba e Macedo (2003 p. 23) definem o Passeio Público do Rio de Janeiro como:

Foi construído sobre uma lagoa aterrada na periferia da cidade, como melhoramento para a recém-transferida capital do vice-reino e que veio a tornar-se o grande ponto de encontro da população carioca no final do século XVIII e começo do século XIX.

O Passeio Público surgiu do aterramento da lagoa do Boqueirão que apresentava condições impróprias para a saúde e que contribuiu com uma epidemia naquele período, daí a decisão em transformá-la em um passeio, que servia ao povo carioca como local de contemplação e usufruto das espécies vegetais existentes e das esculturas estrategicamente dispostas pelo escultor Mestre Valentim da Fonseca e Silva (SEGAWA, 1996).

Descrevendo a importância desse espaço para a população, Segawa (1996, p. 77) propala que “o Passeio Público não se prestava para emoldurar nenhum monumento – ao

contrário, como um insubordinado da hierarquia colonial, era um monumento à vegetação, à natureza, monumento a si mesmo”.

A caracterização da praça foi evoluindo com o passar dos anos e com a maneira como passou a ser vista e visitada, e posteriormente passou a ser considerada como um espaço útil e não apenas para reintegrar a sociedade ao meio ambiente natural ou a uma obra de passagem.

Até então, os jardins se restringiam somente às propriedades religiosas ou aos quintais das residências, sendo destinados a fins utilitários, onde eram plantadas árvores frutíferas e plantas medicinais. As edificações dessa época começam a deslocar-se das divisas dos terrenos e passam a ser envoltas por jardins diversos. As ruas e as praças mais importantes passam a ser contempladas com canteiros de flores ornamentais e árvores. Esse processo de ajardinamento faz com que aquelas praças coloniais mais antigas e tradicionais percam algumas das suas peculiaridades como largo, pátio e terreiro, diferente daqueles existentes na Europa, que se caracterizavam por possuir grandes espaços secos, ou seja, desprovidos de espécies vegetais (ROBBA; MACEDO, 2003).

Com a evolução desses espaços, onde a natureza envolvida passou a ser trabalhada de modo a mesclar-se aos complementos artísticos dispostos entre o verde, as praças passaram a transformar-se em espaços ajardinados como os que vemos hoje em dia, distintos dos espaços europeus.

Isto se torna visível na segunda metade do século XIX, quando houve expressivas mudanças na estruturação do espaço urbano brasileiro, pois a reforma do Passeio Público, a abertura dos jardins botânicos para visita pública e a consequente arborização de ruas e vias públicas possibilitaram que a população adquirisse o hábito da jardinagem e passasse a valorizar sua utilização para o embelezamento dos espaços privados e dos espaços livres públicos.

Na visão de Robba; Macedo (2003, p. 28-29):

[...] o surgimento da praça ajardinada é um marco na história dos espaços livres urbanos brasileiros, pois altera a função da praça na cidade. O mercado foi transferido para edificações destinadas a atividades comerciais; as demonstrações militares de poder perdem força no Brasil republicano, não acontecem mais nos largos e campos, deslocando-se para grandes avenidas. Assim, a praça-jardim deixa de ser – como eram, no período colonial, o largo, o terreiro e o adro da igreja – o palco da vida mundana e religiosa, civil e militar da cidade. A praça agora é um belo cenário ajardinado destinado às atividades de recreação e voltado para o lazer contemplativo, a convivência da população e o passeio.

Um espaço possui significado a partir de vários aspectos físicos, arquitetônicos ou pela influência que exerce na vida social, na cultura e na política, imprimindo à história os elementos que dela se incluem, valorizados e utilizados ao longo do tempo. É um manifesto da imagem e da arquitetura do espaço que aponta também as mudanças do ambiente que a rodeia e demonstra as consequências advindas disso (FIORE, p. 2006).

Essas mudanças aconteceram justamente no momento em que o país se encontrava independente e enriquecido, especialmente com a cultura cafeeira, e a nação objetivava – pela necessidade de auto-afirmar-se e ganhar credibilidade como exportadora de produtos agrícolas junto ao comércio europeu – modernizar o país e transformar as paisagens das cidades em conformidade com a imagem e semelhança dos grandes centros europeus.

Silva (2006) alega que a virada do século XIX e XX representou um marco no início da evolução desses espaços ajardinados, que passaram a assumir formas mais estruturadas, gerenciadas com o objetivo de se integrarem à vida da sociedade, englobando as transformações sociais das quais foram testemunhas e que os tornaram parte elementar que deu lugar à expressividade de profissionais a avaliar conceitos e funções.

Até o começo da década de 1950, entretanto, a figura da praça manteve-se sem muitas alterações, não sendo tão significativa a criação de novas áreas públicas destinadas a essa finalidade, muito embora tenha se consolidado o modelo de praça

ajardinada. Permanece nesse período o lazer contemplativo, destinado ao passeio e à apreciação da natureza nos espaços públicos, dando início ao lazer esportivo que, a princípio, estava restrito aos clubes e associações esportivas nas camadas mais abastadas e nas áreas de várzeas usadas pelas camadas mais pobres da população (ROBBA; MACEDO, 2003, p. 32).

Apesar de as mudanças, esses espaços ainda se configuravam como modelos estilizados e elitizados que em nada se assemelhavam à polivalência dos largos coloniais, passando pela modernidade urbana que transforma as praças em objeto de projetos de paisagismo, consolidando o hábito de se projetar a praça pública. Esse direcionamento das elites e da personalização das praças aos poucos provocou a evolução do uso desses espaços como formas estruturais passíveis de transformação e de projeção da vontade social.

Segawa (1996) e Dourado e Silva (2005) registram que dentro da cidade a praça – dependendo da sua localização e das características do bairro em que está instalada – passa a desenvolver várias e distintas funções e novas maneiras de uso. Além da forma tradicional de apropriação como o lazer contemplativo, a apreciação da natureza, a convivência social e os passeios, passa a incorporar novos programas como o lazer esportivo e infantil com boa aceitação pelos seus usuários.

Essa preocupação com os aspectos qualitativos do meio urbano, gradativamente levou as cidades a assumirem os espaços urbanos, incluindo aí as praças como locais de conforto e de encontro de comodidade para o cidadão que vier a utilizá-los. A praça é uma forma com usufruto e com funções que identificam a cidade e seus modos de vida e demonstram é a dinâmica da vida no espaço urbano que a rodeia (LAMAS, 2004; DOURADO; SILVA, 2005).

Ao se referir às novas formas de uso e funções, Robba e Macedo (2003, p. 97) enunciam que:

[...] ao longo do século, a praça moderna foi sendo adaptada à nova dinâmica da cidade, e seu programa diversificou-se ainda mais,

reunindo outras atividades, como, por exemplo, o lazer cultural, que passa a ser item recorrente do programa e exigem equipamentos como anfiteatros e conchas acústicas.

Os equipamentos urbanos nas comunidades preenchem as áreas que não são preenchidas por edificações, e seus usos e necessidades devem ser considerados para resgatar e garantir o conforto básico das populações. São bens públicos ou privados que encontram sua utilidade no funcionamento das necessidades básicas da cidade, implementados pelo poder público nos espaços urbanos destinados ao bem estar do homem moderno. Cada espaço urbano requer tipos distintos de equipamentos destinados a ocupar os espaços urbanos de acordo com a dinâmica local, hábitos e necessidades da população do entorno e da forma que esta os utiliza. É, finalmente, parte do equilíbrio da infraestrutura do território dos espaços urbanos da cidade moderna, tornando-se ponto neutro em que as desigualdades não encontram lugar (MORAES; GOUDARD; OLIVEIRA, p. 2008).

Ademais, equipamentos novos vão surgindo paulatinamente em substituição aos velhos elementos decorativos, adequando de acordo com as necessidades das formas de lazer desejadas pela população do seu entorno. Pistas para *skate* e para *bicicross*, quadras para prática de futebol de areia e vôlei, pistas de corrida e caminhada são alguns dos equipamentos destinados ao lazer contemporâneo. E estes equipamentos adicionados precisam de manutenção e orientação constantes seu uso correto e avaliação do grau de utilização. Essas medidas, embora aparentemente simples, servem para atender à sustentabilidade das cidades pela preservação e manutenção do verde.

Vale lembrar ainda que, a depender do tamanho de cada cidade, a dinâmica pode se alterar, porque os interesses mudam, o ritmo de vida se acelera (ou não), os encontros nas praças passam a ter significados distintos, assumindo assim um grau de importância diferenciado e significativo para a evolução dos espaços urbanos e dos cidadãos que os compõem.

A praça, ao assumir a nova condição de espaço de recreação diversificado com atendimento a uma faixa cada vez maior da população, promove mudanças nos desenhos e traçados da praça moderna de forma substancial, com a principal finalidade de sustentar a presença e a permanência dos usuários nessas áreas (SEGAWA, 1996).

Outros fatores que promovem essas mudanças relacionam-se aos hábitos e a sua localização. Se esses espaços urbanos localizam-se em centros com maior movimentação, por mais que seja necessário o ambiente bucólico e de integração com a natureza não será efetivado devido a inúmeros fatores, como ruídos produzidos pelo trânsito, fontes diversas de poluição, crescimento da violência em alguns pontos que o transformarão em ponto de prostituição, roubo e falta de infraestrutura para atrair as pessoas (DOURADO; SILVA, 2005).

Nesse contexto, o mau gerenciamento do espaço, considerado não somente como elo das cidades com a natureza, pode levar a esses tipos de mazelas e tornar essa fração da natureza um problema vivenciado pela população que depende diariamente do trânsito nesses espaços.

No que tange às novas funções que as praças desempenham junto à população do seu entorno, Gomes (2005, p. 117) postula que:

[...] é a de servir como local para caminhadas matinais e nos finais de tarde, principalmente para a população adulta e idosa. Para responder à procura, é interessante que as praças, especificamente as que comportam esse tipo de atividade sejam dotadas de calçadas perimetrais, que permitam a caminhada ou o ato de correr. Essa está sendo uma nova tendência que as praças assumem, por mais uma vez estarem mais próximas da população do que os parques. Dessa forma, esse constitui mais um argumento que permite reafirmar a praça enquanto espaço potencial para a melhoria da qualidade de vida urbana.

Ademais as praças não servem apenas ao propósito de aproximar as pessoas da natureza e a se integrarem aos seus benefícios, mas também na colaboração com a natureza no processo da permeabilização do solo para infiltração das águas de chuvas,

colaborando para a manutenção de temperaturas mais agradáveis, no embelezamento da cidade, e promovendo o bem estar dos indivíduos (DOURADO; SILVA, 2005).

Santos e Martins (2002) ensinam que a qualidade de vida engloba uma série de fatores conectados a vários tipos de questões, sejam elas materiais ou não, de cunho individual ou coletivo. A satisfação das necessidades básicas do homem pede mudanças na sociedade e a observação dos elementos envolvidos requer estudos que garantam a qualidade e sejam interpretados de modo a converter em benefícios para a vida urbana, seja individual, seja coletivo, respeitando-se especificamente a heterogeneidade dos espaços e das pessoas.

Se bem equipado e adequado às necessidades da população de seu entorno, o espaço compreendido como praça oferece maior qualidade de vida porque provê as necessidades das pessoas que a frequentam e consegue harmonizar o meio ambiente natural ao meio ambiente da cidade. Para que haja qualidade na vida urbana, indicadores de ordem social, ambiental e da própria percepção de quem a frequenta e mantém são fundamentais para a sua manutenção. É o processo de revitalização bem sucedida do espaço urbano incluído na rotina das pessoas (RIBEIRO; VARGAS, 2001).

Devido ao desenvolvimento das cidades, Almeida (2008, p. 8) expõe que “no Brasil a partir a década de 1980 marca a eclosão dos *shoppings center* e que esses edifícios-praças apresentam um grande crescimento”, e a população, particularmente a mais jovem, provoca certo esvaziamento das praças tradicionais, trocando os ambientes com vegetações naturais pelo ambiente fechado e climatizado de grandes edifícios envidraçados com infindáveis corredores de lojas, a insegurança dos espaços públicos pela segurança de espaços cuidadosamente controlados e planejados desses pequenos espaços artificiais.

Os espaços construídos compostos de ambientes controlados artificialmente passaram, com a evolução das cidades, a substituir e mesmo a privar os cidadãos de espaços verdes que se tornaram monótonos e simplificados extratos verdes de passagem.

Novas gerações desconhecem a importância e o percentual de uso que as praças representaram para gerações anteriores, pois convivem em espaços diversos do passado. A praça é considerada apenas uma quebra entre os espaços construídos de prédios e outras edificações, como passagens esvaziadas entre áreas com sentido e utilidade para as pessoas que nela transitam diariamente (GONÇALVES et al, 2008).

De Angelis (2000, p. 43) propala que, na atualidade:

Outros fatores que concorrem para o esvaziamento das praças são: o advento da informática no atacado, que trouxe para dentro das casas a TV a cabo, o *pay-per-view*, o *home-theather*, a internet. Inovações tecnológicas que, com seus chips, bytes de memória, imagens, encontros e diálogos virtuais, têm se constituído numa alternativa de lazer para muitos que acabam substituindo o espaço aberto (uma praça, por exemplo) por uma tela fechada de circuitos eletrônicos.

Rodrigues, citado por Dourado e Silva (2005, p. 73), argumenta que existe na atualidade o “cotidiano marcado cada vez mais pelo enclausuramento, pelo recolhimento”. Assim, as pessoas passam a assumir uma postura distinta ante a realidade, em que elas são obrigadas a evitar espaços que não ofereçam segurança, conforto e facilidades que são incutidas no dia a dia como necessárias. É uma substituição gradativa, mas será irreversível?

A crescente condensação de edificações, aliada à carência na divisão racional do espaço urbano tornam a qualidade de vida das pessoas cada vez mais comprometida, acarretando um indivíduo cerceado de suas necessidades básicas como lazer, contemplação, descanso, conforto, ações em grupo, e conseqüentemente, comprometendo sua saúde física, mental e emocional. A praça se configura, então, como uma opção de refúgio à rotina cada vez mais dinamizada pelo trabalho e pelo estresse.

A preservação de uma praça relaciona-se diretamente com o envolvimento e comprometimento da comunidade do seu entorno, visto que o seu desinteresse leva a sua depredação, principalmente quando não existem por parte dos órgãos públicos competentes condições necessárias para o seu uso, manutenção, conservação e entretenimento. Além disso, é essencial evoluir com a cidade.

Gomes (2005, p. 117) , ao comentar a respeito da preservação e conservação da praça pela população do seu entorno, destaca que:

[...] a praça é o lugar de todos. É o ponto de encontro onde a gratuidade prevalece ao mesmo tempo em que todos se sentem donos desse espaço. É preciso que as pessoas não deixem de ir à praça, pois se o distanciamento da comunidade prevalecer acarretará no seu definitivo esvaziamento. E as praças não serão mais o lugar da gratuidade, espontaneidade e sociabilidade.

O espaço urbano público deve cumprir seu papel aglutinador de pessoas e de ações que intensifiquem o lazer com qualidade, ou seja, que seja acessível e adequado, controlado e preservado para ser permanentemente utilizado como uma das áreas identificadas para o acesso humano na cidade moderna, de convivência e não como um intervalo entre áreas da vida moderna.

Assim, conforme ponderam Serdoura e Silva (2006, p. 7), a “percepção da qualidade do espaço público surge como consequência das imagens que se têm do local [...] e de como e por quem essas imagens são apreendidas”. Se houver identificação das pessoas no espaço público urbano, ele será frequentado, o que demandará maior necessidade de conservação e manutenção das áreas. Existe a necessidade de se reconhecerem as mudanças sociais e culturais da vida urbana e adequar os espaços para que se (re) criem os espaços e que estes sejam usados efetivamente para alcançarmos uma vida saudável e plena.

3 MARINGÁ: A FORMAÇÃO HISTÓRICA

A ocupação da região Norte do Estado do Paraná foi realizada por fazendeiros paulistas e mineiros que desbravaram novas áreas para o plantio do café. No começo do século XX, começaram a colonização do Norte do Paraná, na região hoje denominada Norte Velho, por meio da Companhia de Terras Norte do Paraná (CNTP), subsidiária da empresa colonizadora britânica *Paraná Plantations Company*.

Essa empresa adquiriu do Governo do Estado e de outros diversos posseiros, uma gleba de 515.000 alqueires e, com o arrendamento da estrada de ferro no trecho Ourinhos - Cambará no ano de 1929, essa empresa britânica, estende o trecho dessa rede em direção às suas terras, atingindo as margens do Rio Tibagi (GARCIA, 2006, p. 25).

A maneira como a colonização aconteceu nessas áreas, “tendo em vista a rapidez com que as matas foram derrubadas, povoadas e cobertas por plantações diversas, principalmente as lavouras de café”, possivelmente as tornam únicas no Brasil e no mundo, pela forma empresarial e pelo modo organizado que acompanhou o avanço da “onda cafeeira”, tanto por parte da empresa colonizadora como pelas empresas particulares e também pelo Governo do Estado (LUZ, 1997, p. 2).

Em 1939, com a deflagração da Segunda Guerra Mundial, o governo inglês passa a se desfazer dos seus investimentos estrangeiros e, com isso,

[...] um grupo de banqueiros brasileiros adquiriu a CTNP, a qual veio a se denominar Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP) somando-se à nova estrutura formada, mais 30.000 alqueires das terras existentes, região essa que passou a denominar-se de Norte Novíssimo (GARCIA, 2006, p. 25).

A Companhia colonizadora, sendo uma empresa voltada eminentemente para a vida rural e tendo como objetivo principal a exploração agrícola dessas áreas, não se descuidou em momento algum, em seu planejamento geral, do estabelecimento de pequenos núcleos urbanos que pudessem servir como pontos de apoio e convergência para a imensa região que necessitaria cada vez mais de serviços públicos e privados como retaguarda para seu desenvolvimento (GARCIA, p. 2006).

Dessa forma, paulatinamente, foram surgindo ao longo da rota do eixo ferroviário pequenos povoados e cidades implantadas pela empresa colonizadora, estabelecendo-se progressivamente, a uma distância de cem quilômetros umas das outras, as cidades consideradas como polo destinadas a centralizar as atividades econômicas, sociais e administrativas que se encontram em seu raio de ação. Essas áreas tinham cursos d'água e eram menos sujeitas a intempéries, localizadas nas partes mais altas do terreno (espigões), onde geralmente estavam demarcadas as estradas de rodagem. “Londrina é o primeiro núcleo urbano de relevância e é onde em 1929 a Companhia de Terras Norte do Paraná instalou a sua sede”. A partir daí novas cidades-polo foram instaladas, nascendo-se assim Maringá, Cianorte e Umuarama (LUZ, 1997, p. 3).

Predestinada a ser um dos núcleos urbanos mais importantes, a cidade de Maringá foi fundada em uma localização privilegiada na área colonizada pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, sendo lançada a sua pedra fundamental em 10 de maio de 1947 como distrito de Mandaguari, tendo sido traçada obedecendo a moldes urbanísticos previamente estabelecidos, e o seu projeto considerado um dos mais arrojados e modernos para época, prevendo-se dessa forma o seu rápido crescimento e as implicações dele decorrentes. Em 1948, passou à categoria de vila (GARCIA, 2006). “Maringá foi elevada a município pela Lei nº 790, de 14 de novembro de 1951, com os distritos de Iguatemi, Floriano e Ivatuba. Em 9 de março de 1954, foi instalada a Comarca de Maringá” (PREFEITURA MUNICIPAL DE MARINGÁ, 2008).

Como cidade pioneira, não contou de imediato com o conforto de um centro já há mais tempo estabelecido, mas como cidade planejada usufruiu das vantagens de contar com avançadas técnicas de urbanismo para a sua época.

A cidade passa rapidamente da etapa de mata virgem para um traçado urbanístico que obedece a um plano previamente elaborado, demarcado dentro das características topográficas do sítio escolhido e com a preocupação evidente na proteção das áreas verdes e na manutenção de diversas áreas com vegetação nativa. “Muitos dos benefícios

que as cidades mais antigas demoraram muito tempo para usufruir, em Maringá foram instalados em poucos anos” (LUZ 1997, p. 6-7).

A cidade de Maringá foi projetada pelo urbanista Jorge de Macedo Vieira, o qual, sem nunca ter estado na região antes, o fez apenas através do detalhamento existente no mapa topográfico da área, onde o traçado das curvas de nível e a declividade do terreno foram de grande valia na elaboração do desenho da cidade. Outro fator determinante foi a demarcação definitiva da linha ferroviária e de uma avenida acompanhando-a paralelamente no sentido leste-oeste, mantendo-se dois pequenos vales na face sul, como parques urbanos de reservas nativas, e concomitantemente preservando-se as nascentes existentes em ambos, instalando-se a vida comunitária em todo o seu entorno (REGO, 2001).

Na elaboração do traçado original orientado pela Companhia, que queria uma cidade composta por avenidas largas, praças e espaços para árvores, além de aliar-se à topografia local, e protegendo e preservando a natureza, foi realizada a construção de uma avenida atravessando a cidade de ponta a ponta, no sentido leste-oeste, denominada Avenida Brasil, com 7.450 m; zoneamento de uso do solo por funções – zona residencial para as classes sociais mais elevadas, zona residencial para as classes populares, zona comercial, zona industrial e zona destinada a abrigar os prédios públicos (Prefeitura Municipal, Fórum, Câmara Municipal, Biblioteca Municipal, Agência dos Correios e telégrafos, Central Telefônica e a Catedral) (PREFEITURA MUNICIPAL DE MARINGÁ, 2008).

Projetada para abrigar uma população de 200.000 habitantes dentro de um prazo de 50 anos, a cidade teve suas expectativas superadas em um espaço de tempo bastante curto, em consequência do surto cafeeiro que criou uma das economias mais fortes do país, cumprindo, assim, os princípios que nortearam a sua criação, vindo a tornar-se um importante polo de desenvolvimento sociopolítico-econômico no cenário nacional (GARCIA, 2006).

Geograficamente, o município de Maringá está localizado no Noroeste do Estado do Paraná, distando-se a 434 km da capital, Curitiba, limitando-se ao Norte com o município de Ângulo e Mandaguaçu; ao Sul com Floresta, Ivatuba e Marialva; a Oeste com Mandaguaçu e Paçandu, e a Nordeste por Iguaçu e Astorga (GARCIA, 2006).

O município de Maringá é cortado pelo Trópico de Capricórnio, estando a uma altitude de 555 m sobre o nível do mar, encontrando-se na região fisiográfica denominada Terceiro Planalto Paranaense, e relevo da região é predominantemente suave-ondulado, com grandes extensões de baixa declividade, apresentando uma declividade mais acentuada nos fundos de vale e solos com boa permeabilidade e com elevada capacidade de retenção – tipo Latossolo Roxo Distrófico a Moderado (GARCIA, 2006).

Territorialmente, apresenta-se com uma superfície de 486,527 km² e com uma área urbana de 128 km², o que representa 26,31% da área total do município, com uma população de 325.968 habitantes (PREFEITURA MUNICIPAL DE MARINGÁ, 2008).

Possui clima Subtropical Úmido Mesotérmico, com verão quente e inverno ameno, sendo que a ocorrência de chuvas acontece no verão entre os meses de novembro a fevereiro, apresentando leve queda nos meses de julho e agosto; sua precipitação média anual gira em torno de 1.500 a 1.600 mm, com temperatura média anual ficando entre 20° e 21°C, a média das temperaturas baixas entre 14° e 15°C e as máximas na casa dos 28°C. (EMBRAPA/IAPAR, 1984).

A área de Maringá pertence ao sistema hidrográfico da Bacia da Prata, sendo que a sua drenagem se processa através de bacias hidrográficas do Rio Pirapó, ao Norte, que por sua vez, é a responsável pelo abastecimento de água potável à população, e ao Sul pela bacia hidrográfica do Rio Ivaí (DE ANGELIS, 2000).

Maringá é sede da Microrregião 9, a qual integra a Associação dos Municípios do Setentrão Paranaense (Amusep), formado por trinta municípios do seu entorno, congregando uma população estimada em 700.000 habitantes, perfazendo uma área de

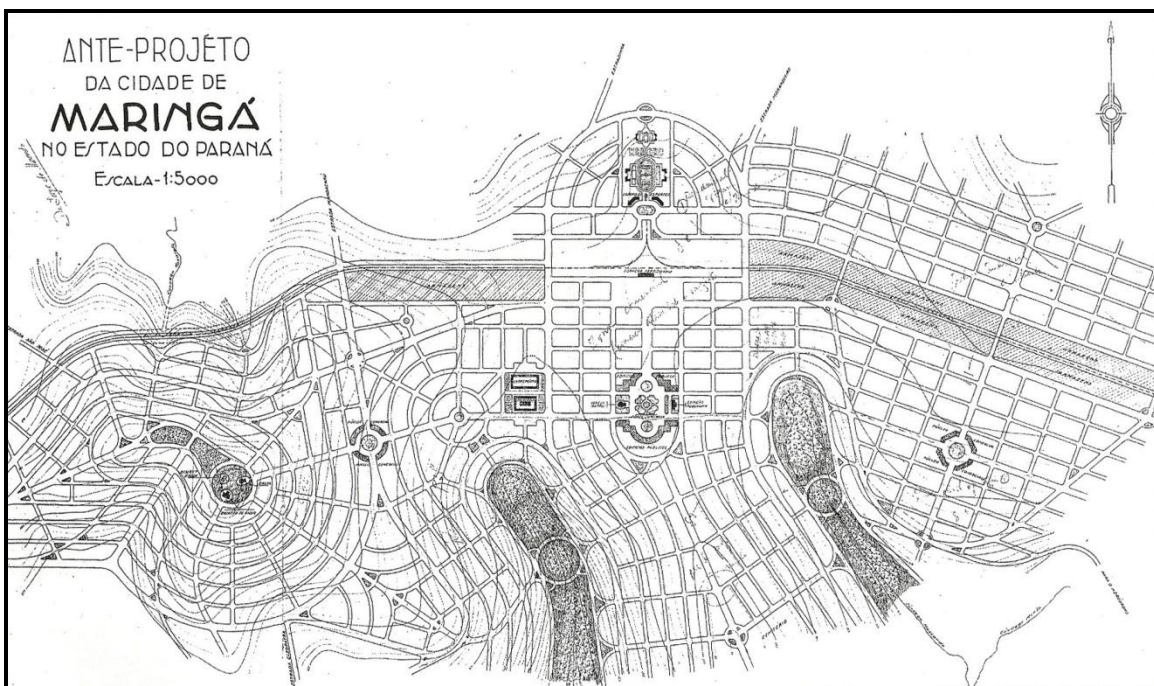
6.997 Km² no estado do Paraná (ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO SETENTRIÃO PARANAENSE, 2008).

A Região Metropolitana de Maringá (RMM) é o resultado de instituição recente, sendo criada pela Lei Estadual nº 83/98 e composta por oito municípios – Maringá, Sarandi, Marialva, Mandaguari, Paiçandu, Ângulo, Iguaçu, Mandaguaçu – em 2002 foram acrescentados o município de Floresta, pela Lei Complementar nº 13/565-2002, e em 2005, Doutor Camargo, Ivatuba, Astorga e Itambé, pelo Projeto de Lei Complementar nº 018/2005 e Presidente Castelo Branco, Lobato e Santa Fé, pelo Projeto de Lei complementar nº 442/2005 (OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES, 2008).

4 METODOLOGIA

O Plano Piloto da cidade de Maringá, localizada no Noroeste do Estado do Paraná (Figura 1), compreende a área relativa ao traçado inicial elaborado pelo urbanista Jorge de Macedo Vieira em meados de 1940 – um plano bastante moderno para a época, pois contemplava a cidade com um bom número de praças, grandes áreas com reservas de mata nativa da região e que se transformaram em parques e uma malha urbana dotada com amplas avenidas.

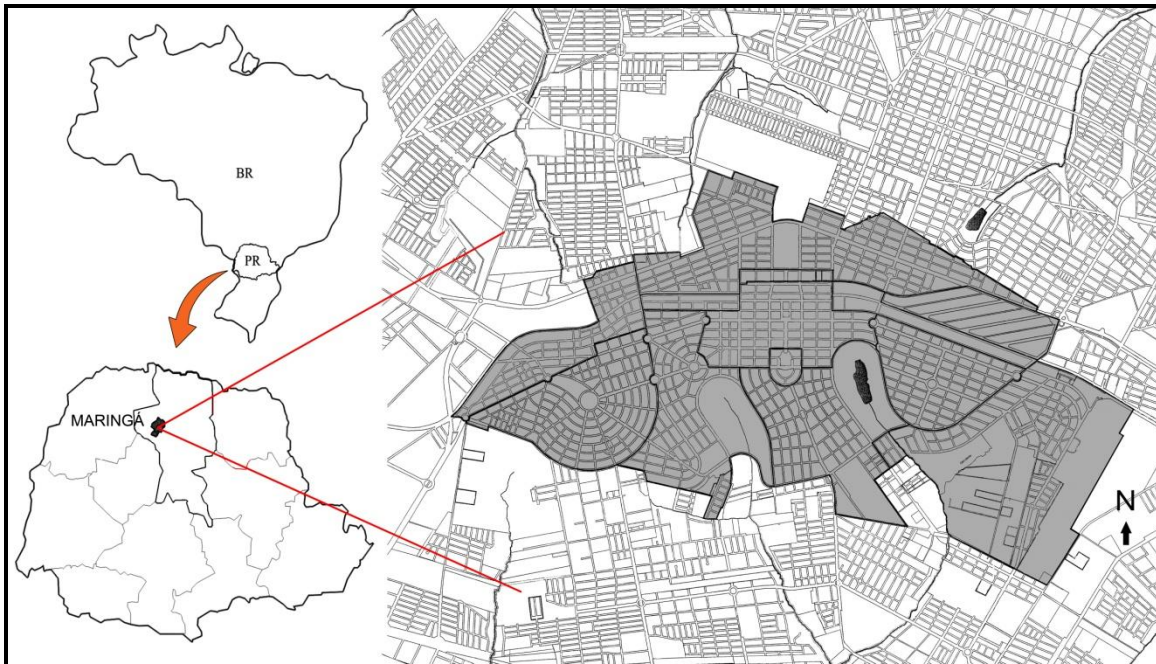
Figura 1 – Anteprojeto de Maringá, década de 1940 – Jorge de Macedo Vieira



FONTE: Meneguetti, 2007.

O objeto de estudo deste trabalho de pesquisa, as praças que se inserem no Plano Piloto da cidade (Figura 2), totalizam um universo de trinta e seis praças, distribuídas nas áreas denominadas Zona 50 (Centro), Zona 1, Zona 2, Zona 3 (Vila Operária), Zona 4, Zona 5, Zona 6, Zona 7, Zona 8. A Zona 9, Zona 10 e Zona 12 não foram contempladas com praças (Figura 3).

Figura 2 – Croqui parcial com a localização do Município de Maringá com destaque para o Plano Piloto



ORGANIZAÇÃO: José Alcides Remolli, 2010.

Os procedimentos metodológicos delineados para realização deste estudo pautaram-se na pesquisa bibliográfica – desenvolvida mediante leitura e fichamento de livros, teses e artigos relacionados à temática; pesquisa para levantamento de dados relativos às áreas de estudo – pesquisa esta realizada junto aos órgãos públicos da cidade. Para obtenção de dados relativos às praças localizadas na área do Plano Piloto da cidade, utilizamos levantamento de campo – desenvolvido através de formulários, para obtenção de informações concernentes ao levantamento quantitativo e à avaliação qualitativa dos equipamentos e estruturas existentes nas praças; levantamento fotográfico de todas as praças e, por fim, as atividades relacionadas à redação e tabulação dos dados obtidos em campo.

A coleta das informações referentes aos levantamentos quantitativos e qualitativos dos equipamentos e/ou estruturas existentes nas praças foi realizada durante os meses de janeiro a março de 2009 e as fotografias constantes nesta dissertação pertencem ao autor deste trabalho de pesquisa, sendo tiradas nos meses de março, junho e agosto de 2009.

Para o desenvolvimento deste trabalho, a metodologia utilizada para obtenção de dados das áreas das praças foi proposta por De Angelis (2000), que consiste de um formulário de levantamento quantitativo dos equipamentos e/ou estruturas – com o levantamento da existência ou não de 23 itens e as suas referidas quantidades; e de um formulário de avaliação dos equipamentos e/ou estruturas existentes – com a avaliação de 30 itens. Na sequência, pormenorizaremos os dois formulários.

O formulário utilizado para a coleta de dados a campo – formulário de levantamento quantitativo (Quadro 1) é composto dos seguintes itens: praça nº, nome da praça, localização, bairro e zona. Dados quanto à forma geométrica – quadrangular, circular, retangular, outra. Responsável pelo levantamento e data. Itens dos equipamentos/estruturas avaliados: bancos (quantidade e material), Iluminação (alta ou baixa), lixeiras (quantidade), sanitários, telefone público (quantidade), bebedouros, caminhos (material), palco/coreto, obra de arte (monumento, estátua, busto), espelho d'água/chafariz, estacionamento ponto de ônibus, ponto de táxi, quadra esportiva ou para prática de exercícios físicos: equipamentos, parque infantil, equipamentos, banca de revista, quiosque de alimentação e/ou similar, identificação, edificação institucional, templo religioso e outro.

O formulário de avaliação qualitativa (Quadro 2) possui os seguintes itens para avaliação: praça nº, nome da praça, localização, bairro e zona. Itens a serem avaliados: bancos, iluminação alta, iluminação baixa, lixeiras, sanitários, telefone público, bebedouros, piso, traçado dos caminhos, palco/coreto, monumento, estátua, busto, espelho d'água/chafariz, estacionamento, ponto de ônibus, ponto de táxi, quadra esportiva, equipamento para exercícios físicos, estrutura para terceira idade, parque infantil, banca de revista, quiosque para alimentação e/ou similar, vegetação, paisagismo, localização, manutenção das estruturas físicas, limpeza, segurança, conforto acústico, conforto térmico, conforto visual e outros.

Quadro 1 – Formulário de levantamento quantitativo dos equipamentos e estruturas

PRAÇA Nº: _____ ____/____/____			
NOME DA PRAÇA: _____			
LOCALIZAÇÃO: _____			
BAIRRO/ZONA: _____			
() Quadrangular () Circular () Retangular () Triangular () Outra			
Levantamento efetuado por: _____			

EQUIPAMENTOS/ESTRUTURAS	QUANT.	SIM	NÃO
01. Bancos: quantidade e material			
02. Iluminação: () Alta () Baixa			
03. Lixeiras			
04. Sanitários			
05. Telefone público			
06. Bebedouros			
07. Caminhos: material			
08. Palco/Coreto			
09. Obra de arte: () Monumento () Estátua () Busto			
10. Espelho d'água/Chafariz			
11. Estacionamento			
12. Ponto de ônibus			
13. Ponto de táxi			
14. Quadra esportiva			
15. Para prática de exercícios físicos: equipamentos			
16. Para terceira idade: estruturas			
17. Parque infantil: equipamentos			
18. Banca de revista			
19. Quiosque de alimentação ou similar			
20. Identificação			
21. Edificação institucional			
22. Templo religioso			
23. Outros			

FONTE: De Angelis (2000).

Quadro 2 – Formulário de avaliação qualitativa dos equipamentos e estruturas

Praça nº: _____ / ____/____	
Nome da praça: _____	
Localização: _____	
Bairro/Zona: _____	
ITENS AVALIADOS	NOTA
01. Bancos	
02. Iluminação alta	
03. Iluminação baixa	
04. Lixeiras	
05. Sanitários	
06. Telefone público	
07. Bebedouros	
08. Piso	
09. Traçado dos caminhos	
10. Palco/Coreto	
11. () Monumento () Estátua () Busto	
12. Espelho d'água/Chafariz	
13. Estacionamento	
14. Ponto de ônibus	
15. Ponto de táxi	
16. Quadra esportiva	
17. Equipamentos para exercícios físicos	
18. Estrutura para terceira idade	
19. Parque infantil	
20. Banca de revista	
21. Quiosque de alimentação e/ou similar	
22. Vegetação	
23. Paisagismo	
24. Localização	
25. Manutenção das estruturas físicas	
26. Limpeza	
27. Segurança	
28. Conforto acústico	
29. Conforto térmico	
30. Conforto visual	
31. Outros	

FONTE: De Angelis (2000).

Quanto à forma de avaliação qualitativa, cada um dos 30 itens foi avaliado por conceitos – ruim, regular, bom e ótimo –, aos quais correspondem notas que variam em uma escala de 0,0 (zero) a 4,0 (quatro), conforme segue: 0 —| 1,0 ↔ ruim; 1,0 —| 2,0 ↔ regular; 2,0 —| 3,0 ↔ bom; 3,0 — 4,0 ↔ ótimo, conceitos utilizados por De Angelis (2000).

No intuito de evitarmos que um mesmo equipamento ou estrutura tivesse avaliação diferenciada em diferentes praças, estabelecemos parâmetros fixos de avaliação. Dependendo do elemento em foco, consideramos na avaliação: condições de conservação, disponibilidade para uso, qualidade do material utilizado, manutenção, conforto, funcionalidade, entre outros. Na sequência, elencamos os parâmetros utilizados na avaliação de cada um dos itens da avaliação qualitativa.

- ✓ Bancos: estado de conservação, material empregado em sua confecção, conforto, locação ao longo dos caminhos, se recuados ou não, distribuição espacial – se em áreas sombreadas ou não, desenho, quantidade;
- ✓ Iluminação: alta ou baixa – em função da copa das árvores, tipo – poste, super poste, baliza, holofote, localização, conservação, atendimento ao objetivo precípua;
- ✓ Lixeiras: tipo, quantidade, localização, funcionalidade, material empregado, conservação;
- ✓ Sanitários: condições de uso, conservação, quantidade;
- ✓ Telefone público: localização – na praça, próximo ou distante de – e conservação;
- ✓ Bebedouros: tipo, quantidade, condições de uso, conservação;
- ✓ Piso: material empregado, funcionalidade e segurança, conservação;
- ✓ Traçado dos caminhos: funcionalidade, largura, manutenção, desenho;
- ✓ Palco/coreto: funcionalidade, conservação, desenho, uso – freqüente, esporádico, sem uso, se compatível com o desenho da praça;
- ✓ Monumento/estátua/busto: significância da obra de arte, conservação, inserção no conjunto da praça;
- ✓ Espelho d'água/chafariz: em funcionamento, se inserido ou não no contexto da praça, conservação;

- ✓ Estacionamento: conservação, sombreamento, segurança;
- ✓ Ponto de ônibus e de táxi: se na praça, próximo ou distante, presença ou não de abrigo, conservação;
- ✓ Quadra esportiva: quantidade, conservação, material empregado, com iluminação, esportes passíveis de serem praticados, cercada;
- ✓ Equipamentos para prática de exercícios físicos: tipo e quantidade; material empregado; conservação;
- ✓ Estrutura para a terceira idade: estruturas existentes; conservação; compatibilidade de uso com os usuários;
- ✓ Parque infantil: brinquedos que o compõem, material empregado e cor, se em área reservada e protegida, conservação, compatibilidade de uso com os usuários;
- ✓ Banca de revistas: localização – periférica ou central, em evidência ou não, material empregado em sua construção, desenho, estética – se compatível com a praça;
- ✓ Quiosque para alimentação e/ou similar: tipo – trailer, carrinho, construção em alvenaria, higiene, estética, localização;
- ✓ Segurança: em função da localização, frequência de pessoas, policiamento e conservação;
- ✓ Manutenção das estruturas físicas: estado geral dos equipamentos e estruturas;
- ✓ Limpeza: varrição dos gramados e caminhos;
- ✓ Localização: se próxima ou distante de centros habitados, facilidade de acesso;
- ✓ Vegetação: estado geral; manutenção;
- ✓ Paisagismo: escolha e locação das diferentes espécies, criatividade, inserção do ‘verde’ no conjunto;
- ✓ Conforto acústico: presença de agentes causadores de barulho;
- ✓ Conforto térmico: relação entre área sombreada e não, impermeabilização da área da praça e seu entorno;
- ✓ Conforto visual: harmonia entre elementos construídos e vegetação, característica visual do entorno.

Após a avaliação conduzida em cada praça sobre os itens considerados efetuamos a média aritmética simples, da qual obtivemos uma nota final e, conseqüentemente, um conceito, que permitiu classificá-la nos diferentes estados de conservação.

Santos (1985), ao descrever as relações que explicam a organização do espaço, faz uso dos conceitos de quatro categorias do método geográfico: *forma, função, estrutura e processo*. No desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, essas quatro categorias – *forma, função, estrutura e processo* – foram por nós utilizados.

A *forma* é o aspecto visível de um determinado objeto, correspondendo ao seu arranjo ordenado, em que passa a constituir um padrão espacial. Ela poderá se modificar, assumindo outros papéis em momentos diferentes da história.

A *função* constitui-se em uma tarefa, atividade ou papel a ser desempenhado pelo objeto. Existe uma relação direta entre forma e função, de modo que uma não existe sem a outra.

A *estrutura* refere-se à maneira pela qual os objetos estão inter-relacionados entre si, compondo o todo social; não possui exterioridade imediata, é invisível, subjacente à forma, uma espécie de matriz na qual a forma é gerada. Em qualquer ponto do tempo ao maneira de funcionamento da estrutura social atribui determinados valores às formas.

O *processo* define-se como uma estrutura em seu movimento de transformação, sendo uma ação realizada de forma contínua, objetivando qualquer resultado e implicando em tempo e mudanças.

5 DIAGNÓSTICO DAS PRAÇAS DO PLANO PILOTO DA CIDADE DE MARINGÁ

Nas cidades, as praças e as vias públicas são elementos de grande importância na estruturação da trama urbana e na articulação da circulação de pessoas, contribuindo sobremaneira na melhoria das condições climáticas, na qualidade do ar, na qualidade ambiental urbana e se constituindo como fator fundamental na quebra da monotonia da paisagem urbana.

A importância do elemento praça para a população tem variado bastante ao longo do tempo, tanto na forma de uso quanto na apropriação. Nas cidades de pequeno e médio portes elas são imprescindíveis, sendo, muitas vezes, a única forma de lazer e ponto de encontro da população. Nas cidades de grande porte elas sofrem a concorrência cada vez maior de outros espaços e atividades de lazer bem diversificadas (DE ANGELIS, 2000).

O Plano Piloto da Cidade de Maringá, projeto urbanístico de grande arrojo, originado através da elaboração do desenho da cidade pelo detalhamento de um mapa topográfico da região, primou por suas áreas inseridas nesse plano com uma quantidade razoável de praças, parques e espaçosas vias públicas com canteiros centrais floridos e exuberante arborização.

A maioria das praças projetadas dentro desse plano inicial constitui-se em espaços circulares coadjuvantes na distribuição do fluxo de veículos ao longo das avenidas, se inter-relacionando com outras avenidas e/ou com ruas. Comumente, esses espaços circulares também são chamados de “redondós” ou “rótulas”. Excelentes praças são encontradas nesses espaços, com arquitetura e paisagismo muito bem elaborados, o mais difícil é conseguir alcançá-las, principalmente no período diurno, pois a circulação de veículos é bastante intensa.

Outra forma de praças bastante comum encontrada nessa área são as de formato triangular, resultantes de recortes da malha urbana, haja vista o desenho da cidade,

especialmente as zonas que compõem o Plano Piloto da cidade terem sido elaboradas através das curvas de nível, da declividade e da sua configuração topográfica existentes no mapa planialtimétrico da região.

Com o objetivo de melhor conhecermos as praças inseridas no Plano Piloto da Cidade de Maringá, procedemos ao detalhamento de cada uma delas mediante o levantamento quali-quantitativo dos equipamentos e/ou estruturas existentes, separando-as por zonas. No levantamento realizado, utilizamos o “Formulário para levantamento dos equipamentos e/ou estruturas existentes” e o “Formulário de avaliação qualitativa” elaborado por De Angelis (2000).

Com a observação “in loco” e com os conhecimentos obtidos por meio dos levantamentos realizados em cada uma dessas praças existentes dentro do Plano Piloto, encontramos espaços com realidade completamente diferentes uns dos outros. Há espaços muito bem elaborados paisagística e arquitetonicamente, e que pela sua localização muitas vezes se torna inviável a sua utilização devido à dificuldade de se chegar até elas pelo excesso do fluxo de veículos em seu entorno. Há também as praças com um paisagismo mais simples e com pouca estrutura, cuja facilidade de acesso se tornam mais apropriadas ao uso pela população. Existem ainda praças completamente vazias, as quais se apresentam apenas como áreas de recorte na trama urbana, resultantes de reurbanizações de ruas e avenidas e, por fim, as praças completamente esquecidas pela administração pública, e o que é mais lamentável, localizadas em área de população mais humilde e carente, que carecem, portanto, de áreas destinadas ao lazer.

Abordaremos neste capítulo os seguintes conteúdos: no item 5.1 – As Praças do Plano Piloto da Cidade de Maringá-PR – uma descrição individualizada de cada praça contendo os dados obtidos mediante levantamento quantitativo dos equipamentos e/ou estruturas existente; levantamento da vegetação existente bem como sua localização, área, lei de criação e formato, juntamente com a foto da praça descrita.

No item 5.2 – Levantamento Quantitativo – fazemos referência à existência ou não de determinado equipamento e/ou estrutura nas áreas das praças, a quantidade existente por praça e com que frequência (%) eles são encontrados no número total de praças estudadas.

O item 5.3 – Avaliação Qualitativa – refere-se à qualidade em que encontramos os equipamentos e/ou estruturas existentes nas praças, sendo que os dados foram obtidos através de notas – de 0,0 a 4,0 – aplicando-se os conceitos ruim, regular, bom e ótimo e, dessa forma obtendo-se a porcentagem em cada conceito para cada equipamento e/ou estrutura.

No item 5.4 – Arborização das Praças – buscamos identificar as espécies com maior ocorrência – arbóreas, arbustivas, frutíferas, palmáceas e forrações – e não a sua quantificação nas áreas das praças.

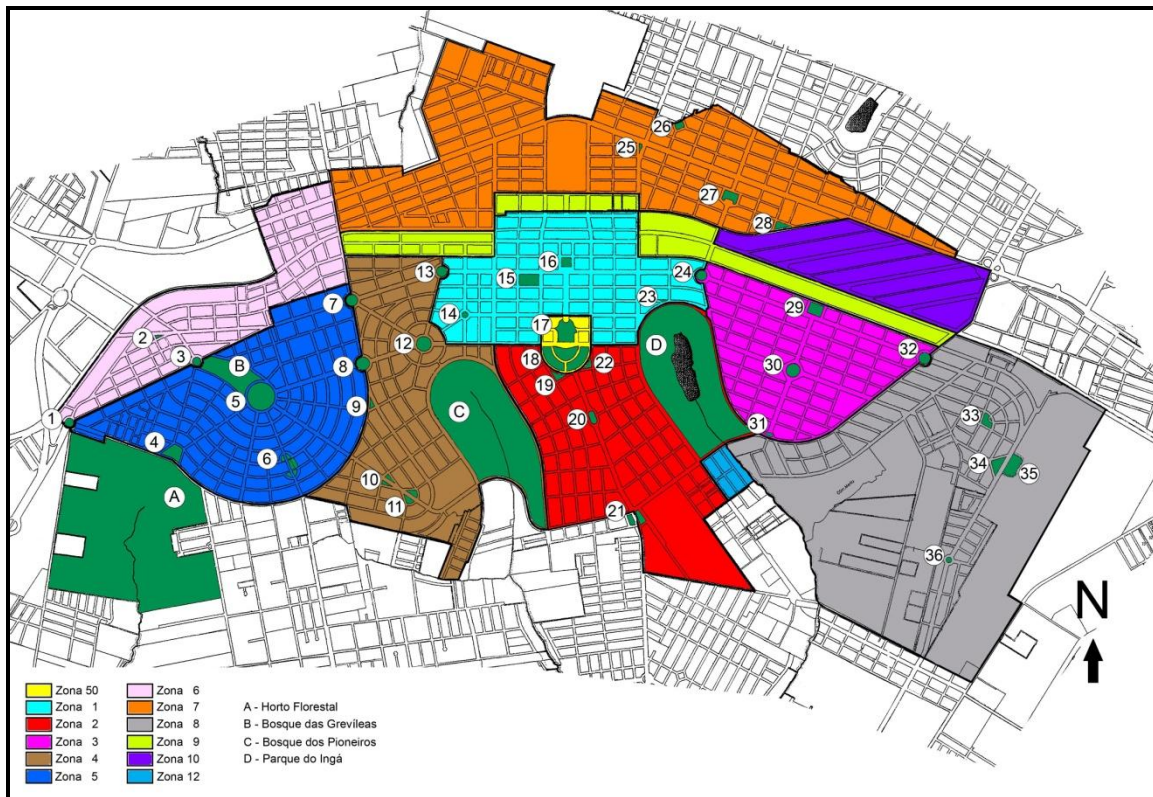
A localização das praças, que são objeto de estudo deste trabalho de pesquisa, bem como a divisão das Zonas em que elas se encontram inseridas, são enumeradas a seguir (Figura 3), e assinalamos com letras maiúsculas as áreas remanescentes de matas nativas e o Bosque das Grevíleas.

5.1 As praças do Plano Piloto da Cidade de Maringá - Paraná

Com o estudo específico realizado em cada uma das 36 praças que compõem o Plano Piloto da Cidade de Maringá (Quadro 3), através dos levantamentos quantitativos e qualitativos, conseguimos levantar subsídios e tomar conhecimento da real situação em que se encontra cada um desses espaços na área pesquisada.

De acordo com as diferentes características que apresenta cada um desses espaços, poderão apresentar maior ou menor volume de informações, dependendo da quantidade de equipamentos e/ou estruturas que os compõem.

Figura 3 – Croqui do Plano Piloto da Cidade de Maringá – Localização das Praças e Zoneamento



FONTE: Secretaria de Desenvolvimento Urbano, Planejamento e Habitação – Coordenadoria de Geoprocessamento. Prefeitura do Município de Maringá. (2008).
ORGANIZAÇÃO: José Alcides Remolli, 2010.

De maneira a facilitar a leitura dos equipamentos e/ou estruturas existentes em cada praça descrita e de forma a não torná-la tão extensa e repetitiva, fizemos uso de um quadro descritivo das praças. Nesse quadro, inserimos, de forma sintetizada, todas as informações referentes a cada uma das praças pesquisadas.

Na elaboração desse quadro descritivo das praças, usamos o “Quadro de siglas e abreviaturas dos equipamentos e/ou estruturas existentes” (Quadro 4), metodologia proposta por De Angelis (2000), tendo sido necessário acrescentarmos algumas modificações devido ao surgimento, ao longo do tempo, de novos equipamentos e/ou estruturas que foram introduzidas nas praças.

Quadro 3 – Relação das praças do Plano Piloto da Cidade de Maringá

Nº	PRAÇA	LOCALIZAÇÃO	ZONA
1	Geoffrey Wilde Diment	Av. Brasil x Av. Luis T. Mendes x Av. A. R. Saldanha x R. Castro Alves	6
2	Sem Denominação	Av. Paranavaí x Osmar Sossai x R. Borba Gato	6
3	Rotary Internacional	Av. Brasil x Av. Harry Prochet x Av. Dom Manuel da Silveira D'Elboux	6
4	21 de Abril	Av. Luis Teixeira Mendes x Av. Dos Andradass x R. Vitor Meireles	5
5	Pio XII	Av. Dom Manuel da Silveira D'Elboux x Av. Rio Branco	5
6	Ary Barrozo	Av. Carlos Correia Borges x R. Saint Hilaire X R Nelson Abraão	5
7	7 de Setembro	Av. Brasil x Av. Independência x Av. Curitiba	4
8	Do Expedicionário	Av. Rio Branco x Av. Luis Teixeira Mendes x Av. Independência	4
9	Amábil Girdo	Av. Humaitá x Av. Teixeira Mendes x Rua José do Patrocínio	4
10	Lions	R. Cons. Tobias x R. João Alfredo x R. Pandiá Calógeras x Av. Euclides da Cunha	4
11	Dos Sertões	R. Tupã x R. N. Peçanha x R. C. Beviláqua x Av. E. da Cunha	4
12	Manoel Ribas	Av. Tiradentes x Av. Curitiba x Av. Cidade de Leiria	4
13	José Bonifácio	Av. Brasil x Av. Cidade de Leiria	4
14	Presidente Kennedy	Av. XV de Novembro x Av. Parigot de Souza	1
15	Napoleão Moreira da Silva	Av. Brasil x Av. Duque de Caxias x Av. S. Dumont	1
16	Raposo Tavares	Av. Brasil X Rua Joubert de Carvalho	1
17	Deputado Renato Celidônio	Av. XV de Novembro x Av. Tiradentes x Av. D. de Caxias	50
18	Da Catedral	Av. Tiradentes x Av. Papa João XXIII	50
19	Vereador Malaquias de Abreu	Av. Papa João XXII x Rua Martin Afonso	2
20	Pedro Álvares Cabral	AV. Cerro Azul X Rua Santa Maria	2
21	Todos os Santos	Av. Cerro Azul x Av. Juscelino Kubitschek de Oliveira	2
22	Ministro Antônio Oliveiro Salazar	Av. Papa João XXIII x Rua São Tomé	2
23	Largo das Garças	Rua Neo Alves Martins x Av. Anchieta	1
24	Rocha Pombo	Av. Brasil x Av. Pedro Taques x Av. Laguna	3
25	Júlio Jerônimo dos Santos	Av. São Paulo x Av. Colombo	7
26	Vereador Oswaldo Vieira	Rua São Pedro x Rua Aristides Lobo	7
27	Mons. Bernardo Cnudde	Av. Pedro Taques x R. Floriano Peixoto x R. Francisco Glicério	7
28	Nadir Aparecida Cancian	Av. Bento M. da Rocha Netto x R. F. Peixoto x R. E. da Veiga	7
29	Emiliano Perneta	Av. Brasil x Av. Mauá	3
30	Regente Feijó	Av. Riachuelo x Av. Paissandu	3
31	Pioneiro Fiori Progiante	AV. Riachuelo x Av. Laguna	3
32	Senador Abilon Souza Naves	Av. Brasil x Av. Laguna x Av. Tuiuti	3
33	Das Américas	Rua Apucarana x Rua São Cristóvão x Rua Jandaia	8
34	Salgado Filho	Av. Dr. Gastão Vidigal x R. N. Esperança x R. C. Ferreira	8
35	Do Aeroporto	Av. Dr. Gastão Vidigal	8
36	Jitsuji Fujiwara	Av. Dr. Gastão Vidigal x Rua Cambira	8

FONTE: Secretaria de Desenvolvimento Urbano, Planejamento e Habitação – Coordenadoria de Geoprocessamento da Prefeitura do Município de Maringá, 2008.

ORGANIZAÇÃO: José Alcides Remolli, 2010.

A descrição de cada praça consta de uma fotografia da área em estudo e de um quadro onde estão colocadas, de forma sintetizada, as informações relativas a sua localização e Zona a que pertence, área, lei de criação, formato, existência de equipamentos e/ou estruturas – em formato de sigla – e a espécie de vegetação existente – arbórea, palmácea, arbustiva e forração.

Na coleta de informações a respeito das leis que nominaram as praças em estudo, junto ao Arquivo da Câmara Municipal, no Setor de Cadastro Técnico e no Setor de Patrimônio da Prefeitura Municipal, fora 15 praças, não foi possível encontrarmos as suas leis de criação, e uma não possui área.

No item “Classificação da Praça” fazemos referência à maneira como essa praça é utilizada, se de *passagem* – aquela utilizada pela população, apenas como ponto de ligação entre um ponto e outro; *permanência* – aquela utilizada pela população como lazer, caminhadas, passeio; *religiosa* – aquela que possui um templo religioso; e *esportiva* – aquela que possui uma ou mais quadras para prática de esporte.

No item “Entorno” fazemos menção às construções que circundam esse logradouro: *residencial* – quando constituído somente de residências; *comercial* – quando constituído somente de comércio e *residencial e comercial* – quando da existência tanto de residências como de área comercial.

Quadro 4 – Siglas e abreviaturas dos equipamentos e/ou estruturas

EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURA	SIGLA
Academia da Primeira Idade	Api
Academia da Terceira Idade	Ati
Banca de revista	Br
Bancos	Bn
Bebedouros	Bb
Caminhos calçados	Cc
Coreto	Ct
Edificação institucional	Ei
Espelho d'água/chafariz	Ec
Estacionamento	Et
Equipamentos para prática de exercícios físicos	Ef
Igreja	Ig
Identificação do logradouro	Id
Iluminação alta	Ia
Iluminação baixa	Ib
Lixeira	Lx
Monumento, busto, estátua	Mt
Palco	Pl
Parque infantil	Pq
Piscina	Pc
Ponto de ônibus	Po
Ponto de táxi	Pt
Quadra esportiva	Qd
Quiosque de alimentação	Qq
Sanitário	St
Telefone público	Tl

FONTE: De Angelis, 2000.

Figura 4 – Praça Geoffrey Wilde Diment



José Alcides Remolli – 20/06/2009.

LOCALIZAÇÃO: Av. Brasil x Av. Luis Teixeira Mendes x Av. Antonio Ruiz Saldanha x R. Castro Alves – Zona 6.								
ÁREA: 2.970,75 m²			LEI DE CRIAÇÃO: 490/1966			FORMATO: Circular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Sim	Ia - Não	Ib - Sim	Lx Não	St -Não	Tl- Sim	Bb-Não	Cc - Sim	Mt- Não
Ec - Não	Et - Não	Po - Não	Pt - Não	Qd -Não	Ef - Não	Ati- Não	Api- Não	Pq - Não
Br - Não	Qq -Não	Pc - Não	Id - Sim	Ei - Não	Ig - Não	Pl - Não	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Caesalpinia peltophoroides (Sibipiruna), Tabebuia avellanedae (Ipê-roxo), Jacaranda mimosaeifolia (Jacarandá mimoso), Delonix regia (Flamboyant), Tipuana tipu (Tipuana), Ligustrum japonicum (Ligustro), Colubrina glandulosa (Sobrasil).							
PALMAE	-							
ARBUSTIVA	Azalea indica (Azaléia).							
FORRAÇÃO	Paspalum notatum (Gramma-Mato-Grosso).							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 1 e 2.					ENTORNO – Comercial			
OBSERVAÇÃO – ex Praça Ivaí.								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

Figura 5 – Praça Sem Denominação



José Alcides Remolli – 02/05/2009.

LOCALIZAÇÃO: Av. Paranavaí x R. Osmar Sossai x R. Borba Gato – Zona 6.								
ÁREA: 971,26 m²			LEI DE CRIAÇÃO: *			FORMATO: Triangular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Sim	Ia - Não	Ib - Sim	Lx - Sim	St - Não	Tl - Não	Bb- Não	Cc - Sim	Mt- Não
Ec - Não	Et - Não	Po - Não	Pt - Não	Qd- Sim	Ef - Não	Ati- Não	Api- Não	Pq - Sim
Br - Não	Qq - Não	Pc - Não	Id - Não	Ei - Não	Ig - Não	Pl - Não	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Caesalpinia peltophoroides (Sibipiruna), Tabebuia avellanedae (Ipê-roxo), Schinus molle (Aroeira-salsa).							
PALMAE	-							
ARBUSTIVA	-							
FORRAÇÃO	Paspalum notatum (Grama Mato-Grosso).							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 2 e 4.					ENTORNO – Residencial			
OBSERVAÇÃO – Área considerada como terreno de uso para equipamento comunitário pela Prefeitura Municipal de Maringá e não como praça. * Essa praça não possui Lei de Criação pelo motivo de ter sido nomeada por ocasião da implantação da trama urbana da cidade.								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

Figura 6 – Praça Rotary Internacional



José Alcides Remolli – 02/05/2009.

LOCALIZAÇÃO: Av. Brasil x Av. Harry Prochet x Av. Dom Manuel da Silveira D’Elboux – Zona 6.								
ÁREA: 2.999,64 m²			LEI DE CRIAÇÃO: 1.345/1979			FORMATO: Circular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Sim	Ia - Não	Ib - Sim	Lx - Não	St - Não	Tl - Não	Bb -Não	Cc - Sim	Mt- Sim
Ec - Não	Et - Não	Po -Não	Pt - Não	Qd- Não	Ef - Sim	Ati-Não	Api-Não	Pq - Não
Br - Não	Qq - Não	Pc - Não	Id - Sim	Ei - Não	Ig - Não	Pl - Não	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Caesalpinia peltophoroides (Sibipiruna), Caesalpinia ferrea (Pau-ferro), Holocalyx balansae (Alecrim), Tipuana tipu (Tipuana), Tabebuia avellanedae (Ipê-roxo), Colubrina glandulosa (Sobrasil), Caesalpinia echinata (Pau-brasil), Jacaranda mimosaeifolia (Jacarandá mimoso), Melia azedarach (Cinamomo) e Eugenia uniflora (Pitanga).							
PALMAE	Euterpe edulis (Palmito juçara).							
ARBUSTIVA	Azalea indica (Azaléia) e Chamaecypanis uniflora (Tuia).							
FORRAÇÃO	Paspalum notatum (Gramma Mato-Grosso).							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 1 e 2.					ENTORNO – Comercial			
OBSERVAÇÃO – ex Praça 31 de Março.								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

Figura 7 – Praça 21 de Abril, destacando-se o Teatro Callil Haddad.



José Alcides Remolli – 20/06/2009.

LOCALIZAÇÃO: Av. Luis Teixeira Mendes x Av. dos Andradas x R. Vitor Meireles – Zona 5.								
ÁREA: 9.914,95 m²			LEI DE CRIAÇÃO: *			FORMATO: Semicircular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Não	Ia - Não	Ib - Sim	Lx - Não	St - Não	Tl - Sim	Bb - Não	Cc - Sim	Mt - Sim
Ec - Não	Et - Sim	Po - Sim	Pt - Não	Qd - Não	Ef - Não	Ati - Não	Api - Não	Pq - Não
Br - Não	Qq - Não	Pc - Não	Id - Sim	Ei - Sim	Ig - Não	Pl - Não	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Ficus microcarpa (Ficus) e Olea europea (Oliveira).							
PALMAE	-							
ARBUSTIVA	Chamaecyparis psifera (Tuia) e Duranta repens aurea (Pingo de ouro).							
FORRAÇÃO	Paspalum notatum (Gramma Mato-Grosso).							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 1 e 2.					ENTORNO – Residencial			
OBSERVAÇÃO – Por abrigar o Teatro Callil Haddad, é também conhecida como Praça do Teatro Callil Haddad.. * Essa praça não possui Lei de Criação pelo motivo de ter sido nomeada por ocasião da implantação da trama urbana da cidade.								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

Figura 8 – Praça Pio XII, destacando-se a caixa d’água em forma de cogumelo.



José Alcides Remolli – 20/06/2009.

LOCALIZAÇÃO: Av. Dom Manuel da Silveira D’Elboux x Av. Rio Branco – Zona 5.								
ÁREA: 28.055,21 m²			LEI DE CRIAÇÃO: *			FORMATO: Circular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Não	Ia - Sim	Ib - Não	Lx - Não	St - Não	Tl - Não	Bb -Não	Cc –Não	Mt- Sim
Ec - Não	Et - Não	Po - Sim	Pt - Não	Qd -Não	Ef - Não	Ati -Não	Api Não	Pq – Não
Br - Não	Qq - Não	Pc - Não	Id - Sim	Ei - Sim	Ig - Não	Pl - Não	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Tipuana tipu (Tipuana), Grevillea robusta (Grevílea), Mangifera indica (Mangueira) e Persea americana (Abacateiro).							
PALMAE	-							
ARBUSTIVA	-							
FORRAÇÃO	Paspalum notatum (Grama Mato-Grosso).							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 1 e 2.				ENTORNO – Residencial				
OBSERVAÇÃO – Também conhecida como Praça do Cogumelo. * Essa praça não possui Lei de Criação pelo motivo de ter sido nomeada por ocasião da implantação da trama urbana da cidade.								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

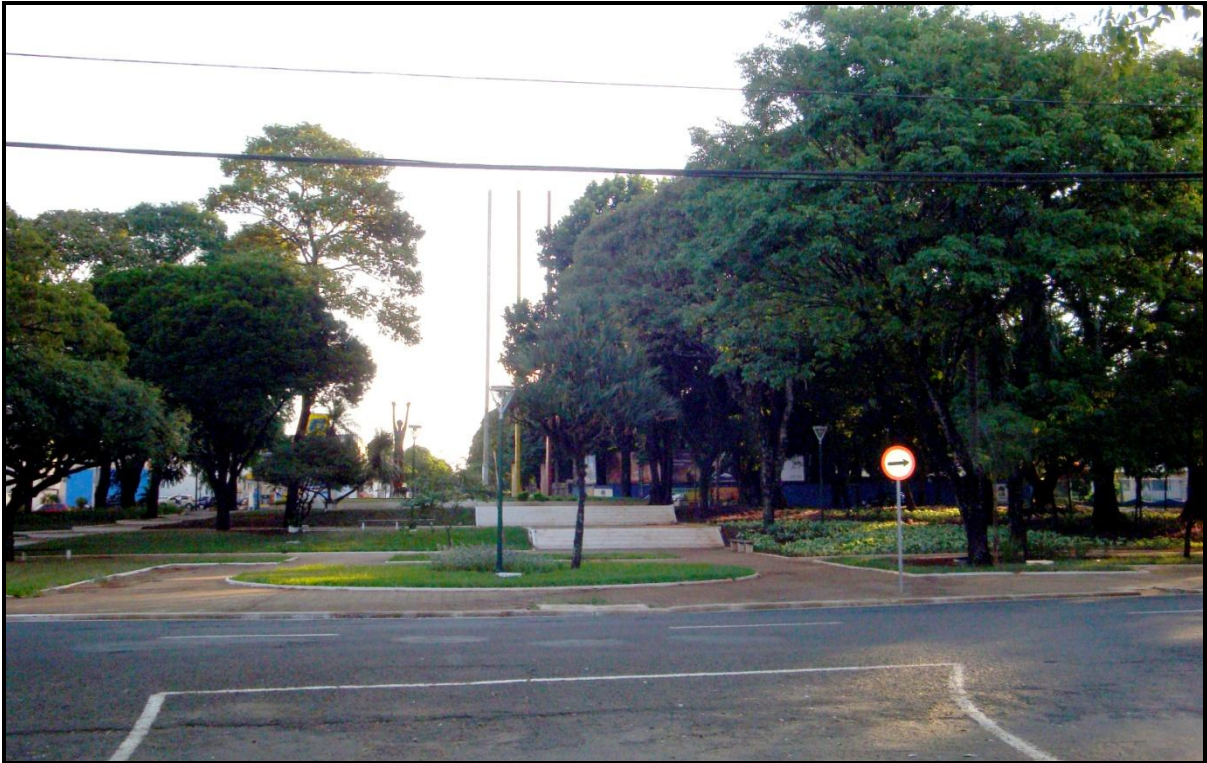
Figura 9 – Praça Ary Barrozo



José Alcides Remolli – 20/06/2009.

LOCALIZAÇÃO: Av. Carlos Correia Borges x R. Saint Hilaire x R. Nelson Abraão – Zona 5.								
ÁREA: 670,00 m²			LEI DE CRIAÇÃO: 289/1964			FORMATO: Triangular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Não	Ia - Não	Ib - Não	Lx - Não	St - Não	Tl - Sim	Bb -Não	Cc - Não	Mt- Não
Ec - Não	Et - Não	Po - Não	Pt - Não	Qd -Não	Ef - Não	Ati -Não	Api- Não	Pq – Não
Br - Não	Qq - Não	Pc - Não	Id - Não	Ei - Não	Ig - Não	Pl - Não	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Eucalyptus spp.(Eucalipto), Caesalpinia peltophoroides (Sibipiruna), Tabebuia avellanedae (Ipê-roxo), Tabebuia chrysotricha (Ipê-amarelo), Holocalyx balansae (Alecrim), Mangifera indica (Mangueira), Ficus microcarpa (Ficus).							
PALMAE	-							
ARBUSTIVA	-							
FORRAÇÃO	Paspalum notatum (Grama Mato-Grosso).							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 1 e 2.					ENTORNO – Residencial			
OBSERVAÇÃO – ex Praça dos Agricultores.								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

Figura 10 – Praça 7 de Setembro



José Alcides Remolli – 02/05/2009.

LOCALIZAÇÃO: Av. Brasil x Av. Curitiba x Av. Independência – Zona 4.								
ÁREA: 5.468,42 m²			LEI DE CRIAÇÃO: *			FORMATO: Circular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Sim	Ia - Não	Ib - Sim	Lx - Sim	St - Não	Tl - Não	Bb -Não	Cc - Sim	Mt- Sim
Ec - Não	Et - Não	Po - Não	Pt - Não	Qd -Não	Ef - Não	Ati -Não	Api - Não	Pq – Não
Br - Não	Qq - Não	Pc - Não	Id - Sim	Ei - Não	Ig - Não	Pl - Não	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Caesalpinia ferrea (Pau-ferro), Tipuana tipu (Tipuana), Caesalpinia peltophoroides (Sibipiruna), Tabebuia avellanedae (Ipê-roxo), Aspidosperma polyneuron (Peroba), Nectandra lanceolata (Canela), Holocalyx balansae (Alecrim), Cassia macranthera (Cássia amarela), Jacaranda mimosaeifolia (Jacarandá mimoso), Grevillea robusta (Grevílea), Mangifera indica (Mangueira), Eugenia uniflora (Pitanga).							
PALMAE	Syagrus romanzoffiana (Palmeira jerivá), Euterpe edulis (Palmito juçara).							
ARBUSTIVA	-							
FORRAÇÃO	Paspalum notatum (Gramma Mato-Grosso)							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 1 e 2.					ENTORNO – Comercial			
OBSERVAÇÃO – Também conhecida como Praça do Peladão por possuir em seu interior uma escultura em bronze de um homem nu, com 7,0 m. de altura, ao lado de três machados confeccionados em concreto, em homenagem aos pioneiros desbravadores. * Essa praça não possui Lei de Criação pelo motivo de ter sido nomeada por ocasião da implantação da trama urbana da cidade.								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

Figura 11 – Praça do Expedicionário



José Alcides Remolli – 03/05/2009.

LOCALIZAÇÃO: Av. Rio Branco x Av. Luis Teixeira Mendes x Av. Independência – Zona 4.								
ÁREA: 7.088,22 m²			LEI DE CRIAÇÃO: 996/1973			FORMATO: Circular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Sim	Ia - Não	Ib - Sim	Lx - Sim	St - Não	Tl - Não	Bb - Sim	Cc - Sim	Mt- Não
Ec - Não	Et - Não	Po - Não	Pt - Não	Qd -Não	Ef - Não	Ati -Não	Api-Não	Pq - Não
Br - Não	Qq - Não	Pc - Não	Id - Sim	Ei - Não	Ig - Não	Pl - Não	Ct - Sim	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Caesalpinia peltophoroides (Sibipiruna), Tipuana tipu (Tipuana), Caesalpinia ferrea (Pau-ferro), Tabebuia avellanadae (Ipê-roxo), Holocalyx balansae (Alecrim), Aspidosperma polyneuron (Peroba), Schinus terebinthifolius (Aroeira), Mangifera indica (Mangueira) e Eugenia uniflora (Pitanga).							
PALMAE	Dypsis lutescens (Areca bambú).							
ARBUSTIVA	Ixora coccinea (Ixora), Justicia brandegeana (Camarão-vermelho), Lantana camara (Cambará), Plumbago capensis (Bela-emília).							
FORRAÇÃO	Paspalum notatum (Gramma Mato-Grosso)							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 1e 2.				ENTORNO – Misto				
OBSERVAÇÃO – ex Praça Frei Caneca. Também conhecida como Praça do Café Cremoso.								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

Figura 12 – Praça Amábele Giroldo



José Alcides Remolli – 03/05/2009.

LOCALIZAÇÃO: Av. Humaitá x Av. Luis Teixeira Mendes x R. José do Patrocínio – Zona 4.								
ÁREA: 1.272,00 m²			LEI DE CRIAÇÃO: 575/1967			FORMATO: Triangular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Sim	Ia - Não	Ib - Sim	Lx - Não	St - Não	Tl - Não	Bb -Não	Cc - Sim	Mt- Não
Ec - Não	Et - Não	Po - Não	Pt - Não	Qd -Não	Ef - Não	Ati -Não	Api- Não	Pq - Não
Br - Não	Qq - Não	Pc - Não	Id - Não	Ei - Não	Ig - Não	Pl - Não	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Caesalpinia peltophoroides (Sibipiruna), Tipuana tipu (Tipuana), Cedrela fissilis (Cedro), Ligustrum japonicum (Ligustro), Cordia ecalyculata (Café de bugre).							
PALMAE	-							
ARBUSTIVA	-							
FORRAÇÃO	Ophiopogon japonicus (Grama preta).							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 1 e 2.					ENTORNO – Residencial			
OBSERVAÇÃO –								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

Figura 13 – Praça Lions



José Alcides Remolli – 20/06/2009.

LOCALIZAÇÃO: R.Cons. Tobias x R. João Alfredo x R. Pandiá Calógeras x Av. Euclides da Cunha – Zona 4.								
ÁREA: 6.934,00 m²			LEI DE CRIAÇÃO: 3.108/1992			FORMATO: Triangular bipartida		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Sim	Ia - Sim	Ib - Sim	Lx - Não	St - Não	Tl - Não	Bb -Não	Cc - Sim	Mt- Sim
Ec - Não	Et - Não	Po - Não	Pt - Não	Qd -Não	Ef - Não	Ati -Não	Api Não	Pq - Não
Br - Não	Qq - Não	Pc - Não	Id - Sim	Ei - Não	Ig - Não	Pl - Não	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Tabebuia avelanadae (Ipê-roxo), Tibouchina granulosa (Quaresmeira-rosa), Licania tomentosa (Oiti), Caesalpinia ferrea (Pau-ferro) e Araucaria angustifolia (Pinheiro-do-Paraná) e Eugenia uniflora (Pitanga).							
PALMAE	-							
ARBUSTIVA	-							
FORRAÇÃO	Paspalum notatum (Grama Mato-Grosso).							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 1 e 2.					ENTORNO – Residencial			
OBSERVAÇÃO –								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

Figura 14 – Praça dos Sertões



José Alcides Remolli – 20/06/2009.

LOCALIZAÇÃO: R.Tupã x R. Nilo Peçanha x R. Clóvis Beviláqua x Av. Euclides da Cunha – Zona 4.								
ÁREA: 5.631,00 m²			LEI DE CRIAÇÃO: *			FORMATO: Triangular bipartida		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Sim	Ia - Sim	Ib - Sim	Lx - Sim	St - Não	Tl - Não	Bb - Sim	Cc - Não	Mt- Não
Ec - Não	Et - Não	Po - Sim	Pt - Não	Qd -Sim	Ef - Sim	Ati -Sim	Api-Não	Pq - Sim
Br - Não	Qq - Não	Pc - Não	Id - Sim	Ei - Não	Ig - Não	Pl - Não	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Tabebuia avelanadae (Ipê-roxo), Tipuana tipu (Tipuana), Tabebuia chrysotricha (Ipê-amarelo), Tabebuia roseo-alba (Ipê-branco), Araucaria angustifolia (Pinheiro-do-Paraná) e Eugenia uniflora (Pitanga).							
PALMAE	-							
ARBUSTIVA	-							
FORRAÇÃO	Paspalum notatum (Grama Mato-Grosso).							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 1 e 2.					ENTORNO – Residencial			
OBSERVAÇÃO – * Essa praça não possui Lei de Criação pelo motivo de ter sido nomeada por ocasião da implantação da trama urbana da cidade.								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

Figura 15 – Praça Interventor Manoel Ribas



José Alcides Remolli – 20/06/2009.

LOCALIZAÇÃO: Av. Tiradentes x Av. Rio Branco x Av. Curitiba x Av. Cidade de Leiria – Zona 4.								
ÁREA: 8.824,73 m²			LEI DE CRIAÇÃO: *			FORMATO: Circular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Sim	Ia - Não	Ib - Sim	Lx - Não	St - Não	Tl - Não	Bb - Sim	Cc - Sim	Mt- Sim
Ec - Não	Et - Não	Po - Não	Pt - Não	Qd -Sim	Ef - Não	Ati -Não	Api-Não	Pq - Não
Br - Não	Qq - Não	Pc - Não	Id - Sim	Ei - Não	Ig - Não	Pl - Sim	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Holocalyx balansae (Alecrim), Tipuana tipu (Tipuana), Caesalpinia peltophoroides (Sibipiruna), Jacaranda mimosaeifolia (Jacarandá mimoso), Tabebuia avellanadae (Ipê-roxo), Licania tomentosa (Oiti), Tabebuia chrysotricha (Ipê-amarelo), Nectandra lanceolata (Canela).							
PALMAE	Roystonea spp. (Palmeira imperial/real).							
ARBUSTIVA	-							
FORRAÇÃO	Paspalum notatum (Grama Mato-Grosso).							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 1, 2 e 4.					ENTORNO – Residencial e Comercial			
OBSERVAÇÃO – Também conhecida como Praça do Bicicross. * Essa praça não possui Lei de Criação pelo motivo de ter sido nomeada por ocasião da implantação da trama urbana da cidade.								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

Figura 16 – Praça José Bonifácio



José Alcides Remolli – 02/05/2009.

LOCALIZAÇÃO: Av. Brasil x Av. Cidade de Leiria – Zona 4.								
ÁREA: 4.497,96 m²			LEI DE CRIAÇÃO: 996/1973			FORMATO: Circular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Sim	Ia - Não	Ib - Sim	Lx - Não	St - Não	Tl - Não	Bb -Não	Cc - Sim	Mt- Sim
Ec - Não	Et - Não	Po - Não	Pt - Não	Qd -Não	Ef - Não	Ati -Não	Api-Não	Pq - Não
Br - Não	Qq - Não	Pc - Não	Id - Sim	Ei - Não	Ig - Não	Pl - Não	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Caesalpinia peltophoroides (Sibipiruna), Tipuana tipu (Tipuana), Caesalpinia ferrea (Pau-ferro), Tabebuia avellanedae (Ipê-roxo), Holocalyx balansae (Alecrim), Aspidosperma polyneuron (Peroba), Schinus terebinthifolius (Aroeira), Mangifera indica (Mangueira) e Eugenia uniflora (Pitanga).							
PALMAE	Dypsis lutescens (Areca bambú).							
ARBUSTIVA	Ixora coccinea (Ixora), Justicia brandegeana (Camarão-vermelho), Lantana camara (Cambará), Plumbago capensis (Bela-emília).							
FORRAÇÃO	Paspalum notatum (Gramma Mato-Grosso).							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 1 e 2.					ENTORNO – Comercial			
OBSERVAÇÃO –								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

Figura 17 – Praça Presidente Kennedy



José Alcides Remolli – 03/05/2009.

LOCALIZAÇÃO: Av. XV de Novembro x Av. Parigot de Souza x R. Luiz de Camões – Zona 1.								
ÁREA: 1.590,43 m²			LEI DE CRIAÇÃO: 288/1964			FORMATO: Circular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Sim	Ia - Não	Ib - Sim	Lx - Não	St - Não	Tl - Não	Bb -Não	Cc - Sim	Mt - Sim
Ec - Não	Et - Não	Po - Não	Pt - Não	Qd -Não	Ef - Não	Ati -Não	Api -Não	Pq - Não
Br - Não	Qq - Não	Pc - Não	Id - Sim	Ei - Não	Ig - Não	Pl - Não	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Tipuana tipu (Tipuana), Tabebuia avellanedae (Ipê-roxo), Holocalix balansae (Alecrim), Cassia grandis (Cássia-rósea).							
PALMAE	Syagrus romanzoffiana (Palmeira jerivá).							
ARBUSTIVA	-							
FORRAÇÃO	Setcreasea purpurea (Trapoeiraba-roxa).							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 1 e 2.					ENTORNO – Misto			
OBSERVAÇÃO – ex Praça Martius.								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

Figura 18 – Praça Napoleão Moreira da Silva



José Alcides Remolli – 03/05/2009.

LOCALIZAÇÃO: Av. Brasil x Av. Duque de Caxias x R. Santos Dumont x R. Basílio Saltchuk – Zona 1.								
ÁREA: 11.520,00 m²			LEI DE CRIAÇÃO: 32/1957			FORMATO: Quadrangular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Sim	Ia - Não	Ib - Sim	Lx - Sim	St - Não	Tl - Sim	Bb - Sim	Cc - Sim	Mt - Sim
Ec - Não	Et - Sim	Po - Não	Pt - Sim	Qd -Não	Ef - Não	Ati -Não	Api-Não	Pq - Sim
Br - Sim	Qq - Sim	Pc - Não	Id - Sim	Ei - Não	Ig - Não	Pl - Não	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Caesalpinia peltophoroides (Sibipiruna), Jacaranda mimosaeifolia (Jacarandá mimoso), Ficus elastica (Falsa-figueira), Tabebuia avellaneda (Ipê-roxo), Caesalpinia ferrea (Pau-ferro), Delonix regia (Flamboyant),Holocalyx balansae (Alecrim), Schinus molle (Aroeira-salsa), Licania tomentosa (Oiti), Gallesia integrifolia (Pau-d’alho), Caesalpinia echinata (Pau-brasil), Albizia hasslerii (Farinha seca), Spathodea campanulata (Espatódea), Pterocarpus violaceus (Aldrago salgueiro).							
PALMAE	Roystonea spp. (Palmeira imperial/real), Syagrus romanzoffiana (Palmeira jerivá).							
ARBUSTIVA	Duranta repens aurea (Pingo de ouro).							
FORRAÇÃO	Paspalum notatum (Gramma Mato-Grosso), Setcreasea purpurea (Trapoeiraba-roxa).							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 1 e 2.					ENTORNO – Comercial			
OBSERVAÇÃO – ex Praça da Rodoviária								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

Figura 19 – Praça Raposo Tavares



José Alcides Remolli – 03/05/2009.

LOCALIZAÇÃO: Av. Brasil x R. Joubert de Carvalho x Tv. Guilherme de Almeida x Tv. Júlio de Mesquita Filho – Zona 1.								
ÁREA: 3.993,00 m²			LEI DE CRIAÇÃO: *			FORMATO: Quadrangular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Sim	Ia - Sim	Ib - Sim	Lx - Sim	St - Não	Tl - Sim	Bb -Não	Cc - Sim	Mt - Sim
Ec - Não	Et - Sim	Po - Sim	Pt - Sim	Qd -Não	Ef - Não	Ati -Não	Api -Não	Pq - Não
Br - Sim	Qq - Sim	Pc - Não	Id - Sim	Ei - Não	Ig - Não	Pl - Sim	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Caesalpinia peltophoroides (Sibipiruna), Tipuana tipu (Tipuana), Jacaranda mimosaeifolia (Jacarandá mimoso).							
PALMAE	Dypsis lutescens (Areca bambú).							
ARBUSTIVA	-							
FORRAÇÃO	Paspalum notatum (Grama Mato-Grosso).							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 1 e 2.					ENTORNO – Comercial			
OBSERVAÇÃO – * Essa praça não possui Lei de Criação pelo motivo de ter sido nomeada por ocasião da implantação da trama urbana da cidade.								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

Figura 20 - Praça Deputado Renato Celidônio – Centro de Convivência Comunitária



José Alcides Remolli – 03/05/2009.

LOCALIZAÇÃO: Av. Tiradentes x Av. XV De Novembro x Av. Duque de Caxias – Zona 50 (Centro).								
ÁREA: 23.050,00 m²			LEI DE CRIAÇÃO:DL* 111/1987			FORMATO: Retangular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Sim	Ia - Sim	Ib - Sim	Lx - Sim	St - Sim	Tl - Sim	Bb - Sim	Cc - Sim	Mt - Sim
Ec - Não	Et - Sim	Po - Sim	Pt - Não	Qd -Não	Ef - Não	Ati -Não	Api-Não	Pq - Não
Br - Sim	Qq - Não	Pc - Não	Id - Sim	Ei - Sim	Ig - Não	Pl - Não	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Caesalpinia peltophoroides (Sibipiruna), Tipuana tipu (Tipuana).							
PALMAE	Syagrus romanzoffiana (Palmeira Jerivá).							
ARBUSTIVA	Bougainvillea spectabilis (Primavera).							
FORRAÇÃO	Paspalum notatum (Grama Mato-Grosso).							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 1 e 2.					ENTORNO – Residencial e Comercial			
OBSERVAÇÃO – Formada da união das Praças D. Pedro II e Desembargador Franco Ferreira da Costa. Também conhecida como Praça da Prefeitura.								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

*DL – Decreto Lei.

Figura 21 - Praça da Catedral, destacando-se a Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória.



José Alcides Remolli – 02/05/2009.

LOCALIZAÇÃO: Av. Tiradentes x Av. Papa João XXIII – Zona 50 (Centro).								
ÁREA: 24.154,00 m²			LEI DE CRIAÇÃO:1592/1982			FORMATO: Semicircular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn – Não	Ia - Sim	Ib - Não	Lx - Sim	St - Não	Tl - Sim	Bb - Sim	Cc - Sim	Mt - Sim
Ec – Sim	Et - Sim	Po - Sim	Pt - Não	Qd -Não	Ef - Não	Ati -Não	Api-Não	Pq - Não
Br – Não	Qq - Não	Pc - Não	Id - Sim	Ei - Não	Ig - Sim	Pl - Não	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Caesalpinia peltophoroides (Sibipiruna), Tipuana tipu (Tipuana), Holocalyx balansae (Alecrim), Caesalpinia ferrea (Pau-ferro), Tibouchina granulosa (Quaresmeira rosa).							
PALMAE	Roystonea spp. (Palmeira-imperial/real), Caryota mitis (Cariota) e Ravenala madagascariensis (Palmeira-dos-viajantes).							
ARBUSTIVA	Bougainvillea spectabilis (Primavera).							
FORRAÇÃO	Paspalum notatum (Gramma Mato-Grosso).							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 2 e 3.					ENTORNO – Residencial e Comercial			
OBSERVAÇÃO – ex Praça Cássio da Costa Vidigal. Abriga a Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória com 124 m. de altura (10º monumento mais alto do mundo).								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

Figura 22 – Praça Vereador Malaquias de Abreu



José Alcides Remolli – 01/05/2009.

LOCALIZAÇÃO: Av. Papa João XXIII x R. Padre Germano Mayer xR. Martin Afonso – Zona 2.								
ÁREA: 3.020,76 m²			LEI DE CRIAÇÃO: 2.600/1976			FORMATO: Triangular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Não	Ia - Não	Ib - Sim	Lx - Não	St - Não	Tl - Não	Bb -Não	Cc - Não	Mt - Não
Ec - Não	Et - Não	Po - Sim	Pt - Não	Qd -Não	Ef - Não	Ati -Não	Api -Não	Pq - Não
Br - Não	Qq - Não	Pc - Não	Id - Não	Ei - Não	Ig - Não	Pl - Não	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Caesalpinia peltophoroides (Sibipiruna), Tipuana tipu (Tipuana), Pinus spp. (Pinus), Tabebuia avellanadae (Ipê-roxo), Chorisia speciosa (Paineira).							
PALMAE	-							
ARBUSTIVA	-							
FORRAÇÃO	Paspalum notatum (Gramma Mato-Grosso).							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 1 e 2.					ENTORNO – Residencial			
OBSERVAÇÃO – Portal de entrada da antiga sede da Associação Norte Paranaense de Reabilitação (ANPR).								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

Figura 23 – Praça Pedro Álvares Cabral



José Alcides Remolli – 01/05/2009.

LOCALIZAÇÃO: Av. Cerro Azul x R. Santa Maria – Zona 2.								
ÁREA: 2.712,11 m²			LEI DE CRIAÇÃO: 292/1964			FORMATO: Oval		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Sim	Ia - Sim	Ib - Sim	Lx - Sim	St - Não	Tl - Não	Bb - Sim	Cc - Sim	Mt - Não
Ec - Não	Et - Não	Po - Não	Pt - Não	Qd -Não	Ef - Não	Ati -Não	Api -Não	Pq - Não
Br - Não	Qq - Não	Pc - Não	Id - Sim	Ei - Não	Ig - Não	Pl - Não	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Caesalpinia peltophorides (Sibipiruna), Tipuana tipu (Tipuana), Tabebuia avellanedae (Ipê-roxo), Caesalpinia ferrea (Pau-ferro), Holocalyx balansae (Alecrim), Syzygium jambolanum (Jambolão), Murraya paniculata (Falsa-murta).							
PALMAE	Syagrus romanzoffiana (Palmeira jerivá).							
ARBUSTIVA	-							
FORRAÇÃO	Paspalum notatum (Gramma Mato-Grosso).							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 1 e 4.					ENTORNO – Residencial			
OBSERVAÇÃO – ex Praça Caravelas, também conhecida como Praça da Patinação.								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

Figura 24 – Praça Todos os Santos



José Alcides Remolli – 01/05/2009.

LOCALIZAÇÃO: Av. Cerro Azul x Av. Juscelino Kubitschek de Oliveira x R. Primo Monteschio x R. Monsenhor Kimura – Zona 2.								
ÁREA: 4.835,50 m²			LEI DE CRIAÇÃO: *			FORMATO: Retangular bipartida		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Sim	Ia - Sim	Ib - Sim	Lx - Sim	St - Não	Tl - Sim	Bb - Sim	Cc - Sim	Mt - Não
Ec - Não	Et - Sim	Po - Sim	Pt - Sim	Qd -Não	Ef - Sim	Ati -Sim	Api -Sim	Pq - Não
Br - Sim	Qq - Sim	Pc - Não	Id - Sim	Ei - Sim	Ig - Não	Pl - Não	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Caesalpinia peltophorides (Sibipiruna), Tipuana tipu (Tipuana), Tabebuia avellanedae (Ipê-roxo), Caesalpinia ferrea (Pau-ferro), Tabebuia chrysotricha (Ipê-amarelo), Tibouchina granulosa (Quaresmeira-rosa), Chorisia speciosa (Paineira), Jacaranda mimosaeifolia (Jacarandá mimoso), Ligustrum japonicum (Ligustro).							
PALMAE	Syagrus romanzoffiana (Palmeira jerivá).							
ARBUSTIVA	-							
FORRAÇÃO	Paspalum notatum (Grama Mato-Grosso).							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 1 e 2.					ENTORNO – Residencial			
OBSERVAÇÃO – * Essa praça não possui Lei de Criação pelo motivo de ter sido nomeada por ocasião da implantação da trama urbana da cidade.								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

Figura 25 – Praça Ministro Antônio Oliveiro Salazar



José Alcides Remolli – 01/05/2009.

LOCALIZAÇÃO: Av. Papa João XXIII x R. Padre Germano Mayer x R. São Tomé – Zona 2.								
ÁREA: 1.917,00 m²			LEI DE CRIAÇÃO: 837/1971			FORMATO: Triangular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Não	Ia - Não	Ib - Sim	Lx - Não	St - Não	Tl - Não	Bb -Não	Cc - Não	Mt - Não
Ec - Não	Et - Não	Po - Não	Pt - Não	Qd -Não	Ef - Não	Ati -Não	Api- Não	Pq - Não
Br - Não	Qq - Não	Pc - Não	Id - Não	Ei - Não	Ig - Não	Pl - Não	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA		Tabebuia avellanedae (Ipê-roxo).						
PALMAE		Syagrus romanzoffiana (Palmeira jerivá).						
ARBUSTIVA		-						
FORRAÇÃO		Paspalum notatum (Gramma Mato-Grosso).						
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 1 e 2.					ENTORNO – Residencial			
OBSERVAÇÃO –								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2			Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4	

Figura 26 – Praça Largo das Garças



José Alcides Remolli – 20/06/2009.

LOCALIZAÇÃO: R. Neo Alves Martins x R. Octávio Perito x Av. Anchieta – Zona 1.								
ÁREA: -			LEI DE CRIAÇÃO: *			FORMATO: Triangular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Sim	Ia - Sim	Ib - Sim	Lx - Sim	St - Não	Tl - Sim	Bb -Não	Cc - Sim	Mt - Não
Ec - Não	Et - Não	Po - Não	Pt - Não	Qd -Não	Ef - Não	Ati -Não	Api- Não	Pq - Não
Br - Não	Qq - Não	Pc - Não	Id - Sim	Ei - Não	Ig - Não	Pl - Não	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Caesalpinia peltophoroides (Sibipiruna).							
PALMAE	-							
ARBUSTIVA	-							
FORRAÇÃO	-							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 1 e 2.					ENTORNO – Residencial e Comercial			
OBSERVAÇÃO – * Essa praça não possui Lei de Criação pelo motivo de ter sido nomeada por ocasião da implantação da trama urbana da cidade.								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

Figura 27 – Praça Rocha Pombo



José Alcides Remolli – 01/05/2009.

LOCALIZAÇÃO: Av. Brasil x Av. Pedro Taques x Av. Laguna – Zona 3 (Vila Operária).								
ÁREA: 4.345,00 m²			LEI DE CRIAÇÃO: *			FORMATO: Circular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Sim	Ia - Não	Ib - Sim	Lx - Não	St - Não	Tl - Não	Bb -Não	Cc - Sim	Mt- Sim
Ec - Não	Et - Não	Po - Não	Pt - Não	Qd -Não	Ef - Não	Ati -Não	Api- Não	Pq - Não
Br - Não	Qq - Não	Pc - Não	Id - Sim	Ei - Não	Ig - Não	Pl - Não	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Tabebuia avellanedae (Ipê-roxo), Tipuana tipu (Tipuana), Caesalpinia ferrea (Pau-ferro), Delonix regia (Flamboyant), Araucaria angustifolia (Pinheiro-do-Paraná), Mangifera indica (Mangueira) e Eugenia uniflora (Pitanga) .							
PALMAE	Roystonea spp. (Palmeira imperial/real).							
ARBUSTIVA	Malpighia punifolia (Acerola).							
FORRAÇÃO	Paspalum notatum (Gramma Mato-Grosso).							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 1 e 2.					ENTORNO – Comercial			
OBSERVAÇÃO –* Essa praça não possui Lei de Criação pelo motivo de ter sido nomeada por ocasião da implantação da trama urbana da cidade.								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

Figura 28 – Praça Júlio Jerônimo dos Santos



José Alcides Remolli – 02/05/2009.

LOCALIZAÇÃO: Av. São Paulo x Av. Colombo – Zona 7.								
ÁREA: 1.647,73 m²			LEI DE CRIAÇÃO: 523/1967			FORMATO: Triangular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Sim	Ia - Sim	Ib - Sim	Lx - Sim	St - Não	Tl - Não	Bb - Sim	Cc - Sim	Mt - Não
Ec - Não	Et - Sim	Po - Sim	Pt - Sim	Qd -Não	Ef - Não	Ati -Não	Api -Não	Pq - Não
Br - Não	Qq - Não	Pc - Não	Id - Não	Ei - Não	Ig - Não	Pl - Não	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Caesalpinia peltophoroides (Sibipiruna), Tabebuia avellanedae (Ipê-roxo), Mangifera indica (Mangueira) e Ficus elastica (Falsa-figueira).							
PALMAE	-							
ARBUSTIVA	Duranta repens aurea (Pingo de ouro).							
FORRAÇÃO	Paspalum notatum (grama Mato-Grosso).							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 1 e 2.					ENTORNO – Comercial			
OBSERVAÇÃO –								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

Figura 29 – Praça Vereador Oswaldo Vieira



José Alcides Remolli – 01/05/2009.

LOCALIZAÇÃO: R. São Pedro x R. Aristides Lobo – Zona 7.								
ÁREA: 3.532,32 m²			LEI DE CRIAÇÃO: 1.439/1980			FORMATO: Quadrangular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Sim	Ia - Sim	Ib - Sim	Lx - Sim	St - Não	Tl - Sim	Bb - Sim	Cc - Sim	Mt - Não
Ec - Não	Et - Não	Po - Não	Pt - Não	Qd - Sim	Ef - Não	Ati - Não	Api - Não	Pq - Sim
Br - Não	Qq - Não	Pc - Não	Id - Sim	Ei - Não	Ig - Não	Pl - Não	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Tipuana tipu (Tipuana), Tabebuia avellanedae (Ipê-roxo), Jacaranda mimosaeifolia (Jacarandá mimoso), Caesalpinia ferrea (Pau-ferro).							
PALMAE	Phoenix dactylifera (Tamareira).							
ARBUSTIVA	-							
FORRAÇÃO	Paspalum notatum (Grama Mato-Grosso).							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 1 e 2.					ENTORNO – Residencial			
OBSERVAÇÃO – ex Praça Ipiranga.								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

Figura 30 – Praça Monsenhor Bernardo Cnudde, destacando-se a Igreja Divino Espírito Santo.



José Alcides Remolli – 01/05/2009.

LOCALIZAÇÃO: Av. Pedro Taques x R. Floriano Peixoto x R. Francisco Glicério – Zona 7.								
ÁREA: 7.964,32 m²			LEI DE CRIAÇÃO: 5.362/2001			FORMATO: Pentágono irregular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Sim	Ia - Não	Ib - Sim	Lx - Não	St - Não	Tl - Não	Bb -Não	Cc - Sim	Mt - Não
Ec - Sim	Et - Sim	Po - Sim	Pt - Sim	Qd -Sim	Ef - Não	Ati -Não	Api -Não	Pq - Sim
Br - Não	Qq - Não	Pc - Não	Id - Não	Ei - Não	Ig - Sim	Pl - Não	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Caesalpinia peltophoroides (Sibipiruna), Tabebuia avellanae (Ipê-roxo), Tipuana tipu (Tipuana), Jacaranda mimosae folia (Jacarandá mimoso), Delonix regia (Flamboyant), Murraya paniculata (Falsa-murta).							
PALMAE	Roystonea spp. (Palmeira imperial/real), Syagrus romanzoffiana (Palmeira jerivá), Phoenix dactylifera (Tamareira) e Acrocomia aculeata (Macaúba).							
ARBUSTIVA	-							
FORRAÇÃO	Paspalum notatum (grama Mato-Grosso).							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 1, 2, 3 e 4.					ENTORNO – Residencial e Comercial			
OBSERVAÇÃO – ex Praça General Gomes Carneiro. Também conhecida como Praça Divino Espírito Santo.								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

Figura 31 – Praça Prof. Nadir Aparecida Cancian, destacando-se o Teatro Barracão.



José Alcides Remolli – 23/06/2009.

LOCALIZAÇÃO: Av. Bento Munhoz da Rocha Netto x R. Floriano Peixoto x R. Evaristo da Veiga – Zona 7.								
ÁREA: 3.187,17 m²			LEI DE CRIAÇÃO: 1.699/1983			FORMATO: Triangular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Sim	Ia - Não	Ib - Sim	Lx - Sim	St - Não	Tl - Sim	Bb - Sim	Cc - Sim	Mt- Não
Ec - Não	Et - Não	Po - Sim	Pt - Não	Qd -Não	Ef - Sim	Ati -Sim	Api-Sim	Pq - Não
Br - Não	Qq - Não	Pc - Não	Id - Não	Ei - Sim	Ig - Não	Pl - Não	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Tipuana tipu (Tipuana), Murraya paniculata (Falsa-murta).							
PALMAE	Roystonea spp. (Palmeira imperial/real), Caryota mitis (Cariota) e Dypsis lutescens (Areca bambu).							
ARBUSTIVA	-							
FORRAÇÃO	Paspalum notatum (Grama-mato-grosso).							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 1 e 2.					ENTORNO – Residencial			
OBSERVAÇÃO – Também conhecida como Praça do Teatro Barracão.								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

Figura 32 – Praça Emiliano Perneta, destacando-se o Campanário.



José Alcides Remolli – 01/05/2009.

LOCALIZAÇÃO: Av. Brasil x Av. Mauá – Zona 3 (Vila Operária).								
ÁREA: 7.990,00 m²			LEI DE CRIAÇÃO: *			FORMATO: Quadrangular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Sim	Ia - Não	Ib - Sim	Lx - Sim	St - Não	Tl - Sim	Bb -Não	Cc - Sim	Mt - Não
Ec - Não	Et - Sim	Po - Sim	Pt - Não	Qd -Não	Ef - Não	Ati -Não	Api -Não	Pq - Não
Br - Não	Qq - Sim	Pc - Não	Id - Sim	Ei - Não	Ig - Sim	Pl - Não	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Caesalpinia peltophoroides (Sibipiruna), Holocalyx balansae (Alecrim), Tipuana tipu (Tipuana), Magnolia devayi (Magnólia).							
PALMAE	Syagrus romanzoffiana (Palmeira jerivá).							
ARBUSTIVA	-							
FORRAÇÃO	Paspalum notatum (Gramma Mato-Grosso)							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 1, 2 e 3.					ENTORNO – Residencial e Comercial			
OBSERVAÇÃO – Também conhecida por Praça da Igreja São José. * Essa praça não possui Lei de Criação pelo motivo de ter sido nomeada por ocasião da implantação da trama urbana da cidade.								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

Figura 33 – Praça Regente Feijó



José Alcides Remolli – 01/05/2009.

LOCALIZAÇÃO: Av. Riachuelo x Av. Paissandu – Zona 3 (Vila Operária).								
ÁREA: 6.959,03 m²			LEI DE CRIAÇÃO: *			FORMATO: Circular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Sim	Ia - Sim	Ib - Sim	Lx - Não	St - Sim	Tl - Sim	Bb - Sim	Cc - Sim	Mt- Não
Ec - Não	Et - Não	Po - Sim	Pt - Não	Qd -Sim	Ef - Não	Ati -Não	Api-Não	Pq - Sim
Br - Não	Qq - Não	Pc - Sim	Id - Sim	Ei - Não	Ig - Não	Pl - Não	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Tabebuia avellanedae (Ipê-roxo), Holocalyx balansae (Alecrim), Grevilea robusta (Grevílea), Araucaria angustifolia (Pinheiro-do-Paraná), Caesalpinia peltophoroides (Sibipiruna), Mangifera indica (Mangueira), Myrciaria cauliflora (Jabuticabeira).							
PALMAE	-							
ARBUSTIVA	-							
FORRAÇÃO	Paspalum notatum (Grama Mato-Grosso).							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 2 e 4.					ENTORNO – Residencial			
OBSERVAÇÃO – No interior dessa praça foi construído o Centro Social Urbano da Vila Operária. * Essa praça não possui Lei de Criação pelo motivo de ter sido nomeada por ocasião da implantação da trama urbana da cidade.								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

Figura 34 – Praça Pioneiro Fiori Progiant



José Alcides Remolli – 01/05/2009.

LOCALIZAÇÃO: Av. Riachuelo x Av. Laguna – Zona 3 (Vila Operária).								
ÁREA: 1.075,56 m²			LEI DE CRIAÇÃO: 3.386/1993			FORMATO: Semicircular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Não	Ia - Não	Ib - Sim	Lx - Não	St - Não	Tl - Não	Bb -Não	Cc - Não	Mt- Não
Ec - Não	Et - Não	Po - Não	Pt - Não	Qd -Não	Ef - Não	Ati -Não	Api- Não	Pq - Não
Br - Não	Qq - Não	Pc - Não	Id - Não	Ei - Não	Ig - Não	Pl - Não	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Tipuana tipu (Tipuana), Tabebuia avellanedae (Ipê-roxo).							
PALMAE	-							
ARBUSTIVA	-							
FORRAÇÃO	Paspalum notatum (Grama Mato-Grosso).							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 1 e 2.					ENTORNO – Residencial			
OBSERVAÇÃO –								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

Figura 35 – Praça Senador Abilon Souza Naves



José Alcides Remolli – 01/05/2009.

LOCALIZAÇÃO: Av. Brasil x Av. Tuiuti x Av. Laguna – Zona 3 (Vila Operária).								
ÁREA: 5.637,52 m²			LEI DE CRIAÇÃO: 166/1961			FORMATO: Circular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Sim	Ia - Sim	Ib - Sim	Lx - Não	St - Não	Tl - Não	Bb -Sim	Cc - Sim	Mt- Não
Ec - Não	Et - Não	Po - Não	Pt - Não	Qd -Não	Ef - Não	Ati -Não	Api- Não	Pq - Não
Br - Não	Qq - Não	Pc - Não	Id - Sim	Ei - Não	Ig - Não	Pl - Não	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Tipuana tipu (Tipuana), Caesalpinia ferrea (Pau-ferro), Tabebuia avellanedae (Ipê-roxo), Chorisia speciosa (Paineira), Caesalpinia peltophoroides (Sibipiruna), Delonix regia (Flamboyant), Mangifera indica (Mangueira) e Ficus Lyrata (Figueira-violino).							
PALMAE	-							
ARBUSTIVA	-							
FORRAÇÃO	Paspalum notatum (Gramma Mato-Grosso)							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 1 e 2.					ENTORNO – Residencial e Comercial			
OBSERVAÇÃO – ex Praça da Aviação.								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

Figura 36 – Praça das Américas, destacando-se a Igreja de São Miguel Arcanjo.



José Alcides Remolli – 01/05/2009.

LOCALIZAÇÃO: R. Apucarana x R. São Cristóvão x R. Jandaia – Zona 8.								
ÁREA: 4.364,60 m²			LEI DE CRIAÇÃO: *			FORMATO: Triangular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Sim	Ia - Sim	Ib - Sim	Lx - Sim	St - Não	Tl - Sim	Bb - Sim	Cc - Sim	Mt - Não
Ec - Não	Et - Não	Po - Não	Pt - Não	Qd -Não	Ef - Não	Ati -Sim	Api -Não	Pq - Não
Br - Não	Qq - Sim	Pc - Não	Id - Sim	Ei - Não	Ig - Sim	Pl - Não	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Caesalpinia peltophoroides (Sibipiruna), Tipuana tipu (Tipuana), Jacaranda mimosaeifolia (Jacarandá mimoso), Tabebuia avellanedae (Ipê-roxo), Delonix regia (Flamboyant) e Ligustrum japonicum (Ligustro).							
PALMAE	Roystonea spp. (Palmeira imperial/real).							
ARBUSTIVA	-							
FORRAÇÃO	Paspalum notatum (Grama Mato-Grosso).							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 1, 2 e 3.					ENTORNO – Residencial			
OBSERVAÇÃO – * Essa praça não possui Lei de Criação pelo motivo de ter sido nomeada por ocasião da implantação da trama urbana da cidade.								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

Figura 37 – Praça Salgado Filho



José Alcides Remolli – 01/05/2009.

LOCALIZAÇÃO: Av. Dr. Gastão Vidigal x R. Nova Esperança x R. Cariovaldo Ferreira – Zona 8.								
ÁREA: 1.416,00 m²			LEI DE CRIAÇÃO: *			FORMATO: Triangular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Sim	Ia - Sim	Ib - Não	Lx - Não	St - Não	Tl - Não	Bb -Não	Cc - Sim	Mt - Não
Ec - Não	Et - Não	Po - Sim	Pt - Não	Qd -Sim	Ef - Não	Ati -Não	Api -Não	Pq - Sim
Br - Não	Qq - Sim	Pc - Não	Id - Sim	Ei - Não	Ig - Não	Pl - Não	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Caesalpinia peltophoroides (Sibipiruna), Caesalpinia echinata (Pau-brasil), Tabebuia avellanedae (Ipê-roxo), Tabebuia chrysotricha (Ipê-amarelo), Grevillea robusta (Grevílea), Syzygium jambolanum (Jambolão) e Mangifera indica (Mangueira).							
PALMAE	Syagrus romanzoffiana (Palmeira-jerivá).							
ARBUSTIVA	Duranta repens aurea (Pingo de ouro).							
FORRAÇÃO	Paspalum notatum (Gramma Mato-Grosso).							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 2 e 4.					ENTORNO – Residencial			
OBSERVAÇÃO – * Essa praça não possui Lei de Criação pelo motivo de ter sido nomeada por ocasião da implantação da trama urbana da cidade.								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

Figura 38 – Praça do Aeroporto



José Alcides Remolli – 01/05/2009.

LOCALIZAÇÃO: Av. Dr. Gastão Vidigal – Zona 8.								
ÁREA: 5.289,00 m²			LEI DE CRIAÇÃO: *			FORMATO: Retangular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Sim	Ia - Sim	Ib - Não	Lx - Sim	St - Não	Tl - Não	Bb - Sim	Cc - Não	Mt -Não
Ec - Não	Et - Sim	Po - Sim	Pt - Não	Qd -Não	Ef - Não	Ati -Não	Ap- Não	Pq -Não
Br - Não	Qq - Não	Pc - Não	Id - Sim	Ei - Não	Ig - Não	Pl - Não	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Caesalpinia peltophoroides (Sibipiruna), Tabebuia avellanedae (Ipê-roxo), Tibouchina granulosa (Quaresmeira rosa).							
PALMAE	Syagrus romanzoffiana (Palmeira-jerivá) e Roystonea spp.(Palmeira imperial/real).							
ARBUSTIVA	-							
FORRAÇÃO	Paspalum notatum (Grama Mato-Grosso).							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 1, 2 e 4.					ENTORNO – Residencial			
OBSERVAÇÃO – * Essa praça não possui Lei de Criação pelo motivo de ter sido nomeada por ocasião da implantação da trama urbana da cidade.								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

Figura 39 – Praça Jitsuji Fujiwara



José Alcides Remolli – 02/05/2009.

LOCALIZAÇÃO: Av. Dr. Gastão Vidigal x R. Cambira – Zona 8.								
ÁREA: 1.256,00 m²			LEI DE CRIAÇÃO: 2.293/1987			FORMATO: Circular		
EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS								
Bn - Não	Ia - Não	Ib - Não	Lx - Não	St - Não	Tl - Não	Bb -Não	Cc - Não	Mt -Não
Ec - Não	Et - Não	Po - Não	Pt - Não	Qd -Não	Ef - Não	Ati -Não	Api-Não	Pq -Não
Br - Não	Qq - Não	Pc - Não	Id - Sim	Ei - Não	Ig - Não	Pl - Não	Ct - Não	
VEGETAÇÃO								
ARBÓREA	Caesalpinia peltophoroides (Sibipiruna), Tipuana tipu (Tipuana), Tabebuia avellanedae (Ipê-roxo) e Terminalia catappa (Chapéu-de-sol).							
PALMAE	-							
ARBUSTIVA	-							
FORRAÇÃO	Paspalum notatum (Gramma Mato-Grosso).							
CLASSIFICAÇÃO DA PRAÇA – 1 e 2.					ENTORNO – Residencial			
OBSERVAÇÃO –								
LEGENDA PARA CLASSIFICAÇÃO DAS PRAÇAS								
Praça de Passagem: 1		Praça de Permanência: 2		Praça Religiosa: 3		Praça Esportiva: 4		

Ao concluirmos o presente item referente ao levantamento quantitativo dos equipamentos e/ou estruturas e vegetação, além da caracterização, podemos afirmar que a forma de apresentação dessas informações mostrou-se eficiente, seja pela concisão das mesmas, seja por sua profundidade.

5.2. Levantamento Quantitativo

O objetivo principal na aplicação do levantamento quantitativo foi o de determinar a quantidade de praças existentes por Zonas, a sua localização na malha urbana e identificar os equipamentos e/ou estruturas existentes em cada uma delas, bem como detalhar a vegetação que as compõem.

Com a finalidade de facilitar a organização e a caracterização dessas praças, utilizamos a identificação com número, além de utilizarmos também o nome da praça e em que Zona ela se encontra instalada. Essa identificação através de números em muito contribuiu na elaboração do mapa de localização das praças inseridas nessa área de estudo.

Neste sentido, verificamos, através desse levantamento, uma uniformidade na distribuição dessas praças por Zonas, ficando evidenciada a sua diminuição na medida em que vai se afastando da área mais central do Plano Piloto. Nessa área de estudo, as praças não se fazem presentes apenas na Zona 9, na Zona 10 e na Zona 12.

Dentro da área do Plano Piloto notamos a presença de trinta e seis praças, estando assim distribuídas: Zona 50 (Centro) duas praças; Zona 1, Zona 2, Zona 7 e Zona 8, quatro praças cada; Zona 3 – Vila Operária –, com cinco praças; Zona 4, com sete praças; e Zona 5 e Zona 6, com três praças cada.

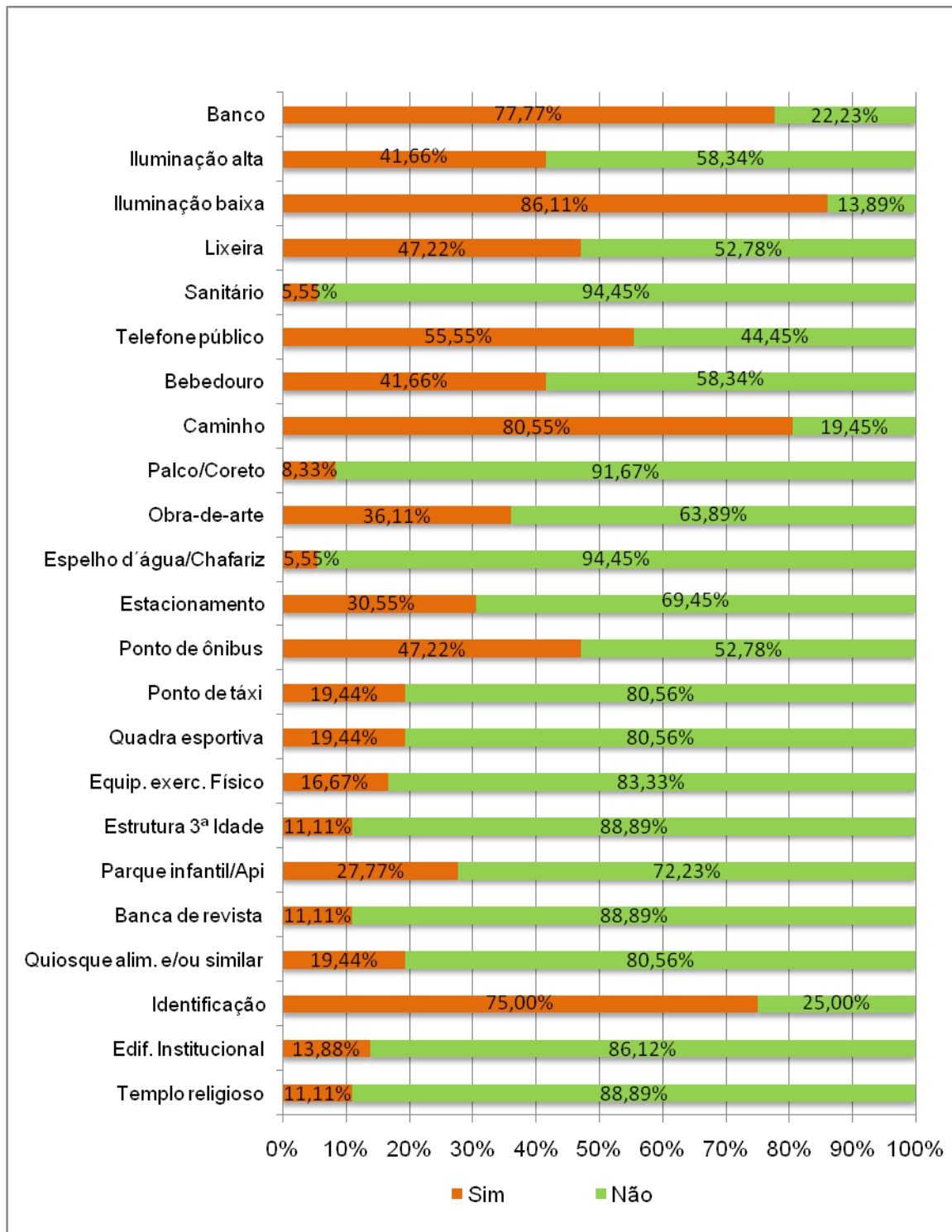
Quanto à conformação geométrica das praças, as que se apresentam em maior número são as praças circulares, ou seja, aquelas concebidas como elemento estruturador

na trama urbana, ajudando na melhor distribuição do fluxo de veículos na interseção de ruas e avenidas.

No caso das praças triangulares, constatamos que a sua localização encontra-se em recortes da malha urbana provocadas por descontinuidades no terreno, uma vez que a área do Plano Piloto foi elaborado levando-se em conta a situação do terreno – curvas de nível e declividade – na demarcação da trama urbana e viária da cidade. Outras formas encontradas são a quadrangular, semicircular, retangular, triangular bipartida, oval, pentagonal irregular e retangular bipartida.

Com as informações obtidas por intermédio desse levantamento quantitativo, foi possível organizarmos um cadastro completo de todos os equipamentos e/ou estruturas existentes nas praças. Na sequência, pormenorizaremos a porcentagem de praças em que cada um desses itens avaliados se faz presente (Figura 40).

Figura 40 – Quantitativo de equipamentos e/ou estruturas existentes nas praças



ORGANIZAÇÃO: José Alcides Remolli, 2010.

5.2.1 Localização

A localização das praças na trama urbana é de suma importância para que esses logradouros possam ter o seu uso e a sua apropriação de modo efetivo pela população. Sua distribuição deve ser de tal forma que seus usuários possam alcançá-las no menor tempo possível, ou seja, distante do local de moradia, em que o trajeto possa ser feito em uma caminhada a pé, gastando-se de 5 a 10 minutos.

5.2.2 Forma Geométrica

As formas geométricas predominante nas praças da área do Plano Piloto (Quadro 5) são a circular, com 33,34%, e a triangular, com 27,78%, ou seja, doze praças na primeira forma e dez na segunda. No caso das praças circulares, isto se deve ao fato de elas fazerem parte do sistema viário de ruas e avenidas da cidade como elemento estruturador no fluxo de veículos.

Essa forma de praça é originária do traçado de ruas e avenidas em curvas de nível, buscando-se o máximo aproveitamento do relevo do terreno em consonância com a sua declividade, agilizando a ligação viária com demais ruas e/ou avenidas.

As praças triangulares têm a sua gênese na sobra de áreas da trama urbana, haja vista que como a delimitação de áreas destinadas às residências também seguem as curvas de nível e a declividade do terreno, o sistema de desenho dos seus quarteirões são irregulares, e mesmo que se busque o aproveitamento máximo dessas áreas, sempre sobram vários recortes triangulares, e a melhor solução para esses espaços, por serem muitas vezes de tamanho reduzido, é a implantação de praças arborizadas e com estruturas de lazer para a população.

Em ambos os casos, o que representa 5,55%, as praças triangulares apresentam-se bipartidas (Praça dos Sertões e Lions), ou seja, foram seccionadas por uma avenida, mas mantém o mesmo nome nos dois lados, e o mesmo acontece com a Praça Todos os

Santos, só que esta possui formato retangular bipartido, representando 2,78% dos casos. Essa praça foi cortada ao meio por uma avenida para dar maior agilidade ao fluxo de veículos que fazem a ligação centro – bairros e vice-versa, no sentido norte-sul.

As praças quadrangulares são em número de quatro (11,11%), e duas são as retangulares (5,55%), as quais ocupam quadras inteiras na trama urbana; uma praça (2,78%) possui a forma oval, três praças (8,33%) o formato de semicírculo, uma (2,78%) de conformação irregular ou mais precisamente de um pentágono irregular, e uma (2,78%) no formato de semicírculo bipartido.

Quadro 5 – Formas das Praças do Plano Piloto da Cidade de Maringá

FORMA	QUANT.	%
Circular	12	33,34
Triangular	10	27,78
Quadrangular	4	11,11
Semicircular	3	8,33
Retangular	2	5,55
Triangular bipartida	2	5,55
Oval	1	2,78
Pentagonal irregular	1	2,78
Retangular bipartida	1	2,78
TOTAL	36	100,00

ORGANIZADO POR: José Alcides Remolli, 2010.

5.2.3 Identificação do Logradouro

No que se refere à identificação nominal, vinte e sete praças, ou seja, 75% (Figura 4) de um universo de 36 se encontram devidamente identificadas, mesmo que seja por uma pequena placa em seu interior. De Angelis (2000, p. 63) observa que “a identificação de todo e qualquer logradouro serve como referencial de localização dentro da malha urbana”. Normalmente, os nomes atribuídos a esses logradouros procuram homenagear personalidades de destaques da cidade, do estado ou do país, ou ainda datas marcantes na história do país.

Notamos a falta de identificação dos logradouros em 25% das praças localizadas nas zonas mais centrais da cidade.

5.2.4 Bancos

Os bancos são um tipo de mobiliário que não necessariamente devem fazer parte das áreas das praças, porém, com o intuito de se oferecer maior conforto, sempre que possível o ideal seria dotá-las de bancos, especificamente para que as pessoas da terceira idade, gestantes ou portadoras de algum tipo de deficiência não tenham seu espaço limitado. A praça, enquanto local de encontro e socialização entre as pessoas, é de suma importância que possua esse tipo de mobiliário. Os bancos podem apresentar-se de variadas formas e serem confeccionados com diversos tipos de materiais, como a madeira, o concreto, metal ou plástico, sendo que este, devido às intempéries, tem sua duração minimizada.

Nas áreas pesquisadas, os bancos estão presentes em 77,77% das praças. Quanto a sua instalação no interior das praças, a preferência é que estejam sob a copa das árvores e em locais em que não atrapalhem a circulação de pessoas, pois dessa maneira poderão oferecer maior conforto térmico aos usuários, particularmente nas épocas mais quentes do ano, haja vista as características climáticas da cidade apresentarem verão com temperaturas elevadas e inverno mais ameno, mas não rigoroso.

5.2.5 Iluminação

A praça como espaço público deve permitir que haja condições de uso e acesso da população diuturnamente, e para que isso aconteça, é necessário que haja um sistema de iluminação eficiente, principalmente onde as copas das árvores possam exercer interferência sobre esse sistema, e nesse caso, a implantação de luminárias rebaixadas tem sido o procedimento mais viável.

O sistema de iluminação pública das vias da cidade de Maringá passou nos últimos anos por uma reformulação geral, sendo priorizado o rebaixamento das luminárias com colocação de lâmpadas a vapor de mercúrio, contribuindo para um maior clareamento também no interior das praças. Houve também uma reformulação no sistema de iluminação interna de todas as praças com a padronização de postes e luminárias rebaixadas, propiciando-se, assim, maior claridade, segurança e acessibilidade à população também no período noturno.

Pelo levantamento realizado nas praças do Plano Piloto da Cidade de Maringá, constatamos que trinta e uma delas (86,11%) possuem iluminação rebaixada, sendo postes rebaixados apresentando luminárias com uma, duas ou quatro peças; quinze praças (41,66%) detêm apenas iluminação alta e em dez praças (27,77%) aparecem conjuntamente a iluminação alta e a iluminação rebaixada. Uma praça (2,78%) não possui nenhum tipo de iluminação, a não ser a iluminação pública rebaixada existente no seu entorno.

5.2.6 Lixeiras

As lixeiras são um tipo de mobiliário que obrigatoriamente deveria estar presente nas praças e distribuídas estrategicamente por todas as áreas da cidade. De Angelis (2000, p. 65) salienta que a “sua presença demonstra o nível de civilidade de uma comunidade e o respeito ao meio ambiente. A obrigatoriedade de fazer parte do mobiliário urbano das praças é inquestionável”. Esse tipo de mobiliário deveria constar nas praças que compõem o Plano Piloto da cidade e não apenas nas dezessete praças (47,22%) em que foi encontrado. A presença de lixeiras nessas praças, na sua maioria, se mostra insuficiente ao propósito a que se destinam e, em alguns casos, apresentam sinais de vandalismo. Em consequência da falta desse tipo de mobiliário em todas as praças podemos notar acúmulo de lixo nas lixeiras existentes ou ainda lixo espalhado entre os arbustos e no gramado.

5.2.7 Sanitário Público

Dentro da área de estudo encontramos sanitários públicos em apenas duas praças, ou seja, em 5,55% delas. Em um primeiro caso, os encontramos na Praça Deputado Renato Celidônio, na Zona 50, ao lado da Prefeitura Municipal da cidade. Nesse caso, essa estrutura pode ser chamada de pública, pois encontra-se aberta ao uso da população diuturnamente, contando com vigilância municipal e com um funcionário municipal responsável pelos serviços de limpeza e higienização do ambiente. É uma estrutura que por ser única na região central da cidade conta com um fluxo bastante grande pessoas em todo o seu entorno. Outra praça com essa estrutura é a Regente Feijó, localizada na Zona 3 (Vila Operária), mas este de uso bastante restrito à população, haja vista a praça ser totalmente cercada por estarem situadas na sua área as instalações do Centro Esportivo da Vila Operária, estando, portanto o seu uso restrito somente aos horários de funcionamento desse centro.

5.2.8 Telefone Público

As praças que contam com a presença de telefone público, tanto no seu interior como no seu entorno, somam um número reduzido, considerando-se a quantidade de praças existentes dentro do Plano Piloto – em número de trinta e seis. Em apenas vinte praças encontramos esse tipo de mobiliário, o que equivale a afirmar que 55,55% delas o possuem. Notamos, portanto, que mesmo tendo ocorrido a popularização dos telefones celulares nos últimos tempos, ou mesmo a facilidade na aquisição do sistema de telefonia fixa, esse tipo de equipamento nos espaços públicos se faz necessário, não sendo justificada a sua ausência em um número tão elevado de praças, como encontramos nessa pesquisa.

5.2.9 Bebedouros

Os bebedouros encontrados nas praças analisadas são de péssima qualidade, sendo que a maioria deles não poderia ser qualificada como tal, porque não passam de

simples torneiras colocadas ao nível do solo. A presença desse tipo de equipamento foi constatada em quinze praças (41,66%), e os de melhores condições de uso – pelo motivo de haver vigilância diuturnamente – foram encontrados no sanitário público da Praça Deputado Renato Celidônio e na Praça Regente Feijó.

5.2.10 Pisos e Caminhos

A presença de pisos e caminhos foi encontrada em vinte e nove praças, o que corresponde a 80,55% do total, mas em grande parte deles se fazem necessários serviços de manutenção, porque verificamos ladrilhos se soltando, áreas cimentadas rachadas e/ou quebradas e espaços com pedras “petit pavê” soltas. Diversas praças têm as suas áreas apenas gramadas, não possuindo calçadas em seu entorno, ou seja, no seu perímetro externo, o que dificulta a circulação de pessoas, principalmente nos dias de chuva. Em função disso, em algumas praças podemos notar a presença de trilhas em meio ao gramado, feitas pelas pessoas que procuram encurtar o caminho. Em algumas praças, observamos a falta de guias rebaixadas para acesso a cadeirantes, o que os obriga a circularem na rua em meio ao trânsito de veículos, privando-os de usufruir o ambiente das praças.

5.2.11 Palco/Coreto

Esse tipo de estrutura aparece em um número reduzido de praças, estando presente em apenas três delas (8,33%). O único coreto encontrado nas praças pesquisadas localiza-se na Praça dos Expedicionários, e pelo que pudemos notar pela dimensão diminuta que possui, a sua presença nesse espaço está mais para um simples elemento de decoração assentado no centro da praça do que de para o uso em apresentações artísticas. Os palcos são encontrados em outras duas praças: Praça Manoel Ribas e Raposo Tavares. Como no caso do coreto, os palcos também parecem ser simplesmente peças de decoração e local de desocupados. Exceção à parte pode ser notada em alguns dias da semana, onde, na Praça Raposo Tavares, no palco denominado

“Templo Aberto”, há pregações realizadas por várias igrejas. As apresentações artísticas e culturais são raras de acontecer nesses espaços.

5.2.12 Obras de Arte

Consideramos como obras de arte os monumentos, as estátuas e os bustos¹. Nas praças do Plano Piloto da cidade, observamos essas estruturas em apenas 36,11%, sendo que essa presença se refere a: monumentos (sete) e bustos (seis). Na atualidade, as praças acabaram se tornando local de passagem e lamentavelmente esse tipo de estrutura acaba ficando imperceptível aos olhos dos transeuntes.

5.2.13 Espelho d’água/Chafariz

É um tipo de estrutura de ocorrência restrita nas praças da cidade, sendo encontrado em 5,55%, ou seja, em duas das trinta e seis praças pesquisadas. Quando da realização deste trabalho, essas duas estruturas se encontravam desativadas para manutenção e limpeza. Tanto o chafariz existente na Praça da Catedral como o da Praça Monsenhor Bernardo Cnudde não se encontram em funcionamento pelo motivo de suas lâminas d’água servirem como fonte de disseminação para o mosquito da dengue (*Aedes aegypti*).

5.2.14 Estacionamento

Com o aumento significativo do número de veículos nas cidades, a necessidade por espaço para estacionamento nas áreas centrais faz com que o espaço da praça seja subtraído para esse fim. Na área do Plano Piloto da cidade de Maringá, esses espaços estão presentes em onze das praças pesquisadas (30,55%). Nesse aspecto, a cidade ainda não sofre pressão no sentido de ter esses espaços públicos invadidos por essa estrutura,

¹ Praças com Monumentos: da Catedral, Deputado Renato Celidônio, Rocha Pombo, José Bonifácio, Sete de Setembro, Pio XII e Rotary Internacional. Praças com Busto: Raposo Tavares, Napoleão Moreira da Silva, Presidente Kennedy, Manoel Ribas, Lions e 21 de abril.

mas podemos verificar o grande número de veículos que circulam por suas ruas e avenidas, com tendência de aumento a cada dia que passa.

5.2.15 Ponto de Ônibus e Táxi

Embora seja um tipo de estrutura que tradicionalmente não faz parte na composição das praças, a sua presença nelas, ou em seu entorno, segundo De Angelis (2000, p. 76), facilitaria imensamente “um deslocamento mais ágil para quem depende desse tipo de transporte, o que concorre em facilidade para se ir a esses logradouros”. Nesse levantamento, encontramos dezessete praças (47,22%) com ponto de ônibus e sete praças (19,44%) com ponto de táxi.

5.2.16 Quadra Esportiva

A quadra esportiva é um tipo de estrutura que tem como objetivo a participação de crianças e jovens nos esportes coletivos e no convívio social, uma vez que, estando ocupados com alguma atividade esportiva não perambulariam pelas ruas, praticando atos ilícitos. É uma forma, também, de incentivar a sociabilização da comunidade do seu entorno, uma vez que na organização de festas e eventos, há uma maior interação entre as pessoas. Nas praças pesquisadas, encontramos essa estrutura em sete delas (19,44%), apresentando-se de formas variadas: quadra poliesportiva cimentada, quadra para futebol de areia e quadra de areia para vôlei e futebol. Qualquer que seja a sua forma de construção, a quadra é hoje uma das estruturas mais populares que concorre para que haja uma apropriação assídua de seus espaços não só para a prática de esportes, mas para os mais variados tipos de brincadeiras entre as pessoas mais jovens.

5.2.17 Equipamentos para Prática de Exercícios Físicos

Apesar de ser uma estrutura confeccionada, em sua grande maioria, por material de baixo custo, como a madeira e barras de ferro, os equipamentos para a prática de exercícios físicos foram encontrados em duas das praças pesquisadas – na Praça Rotary

Internacional e na Praça do Aeroporto. Na primeira praça, esse espaço se apresenta de forma mais sofisticada, e os equipamentos – prancha de madeira para abdominal, barras horizontais e alongadores – estão em um ambiente à parte, cercados por pequenos troncos de eucaliptos com de 50 cm de altura e com portal também feito com troncos de eucaliptos, com mais ou menos 4 m de altura, estando as madeiras um tanto desgastadas devido ao tempo em foram construídos. Na segunda praça, os equipamentos são bem mais simples, porém se encontram em perfeitas condições de uso. São dois aparelhos para abdominais confeccionados em madeira e com base de ferro e duas barras de ferro sustentadas por madeira. A partir de 2006, surgiram nas de praças Maringá as Academias da Terceira Idade dotadas de modernos equipamentos para a prática de exercícios físicos, que a princípio seriam apenas para a utilização de pessoas idosas, mas que acabaram caindo no gosto das pessoas de maneira geral. No próximo item serão pormenorizados as Ati's e os equipamentos que as compõe. Encontramos seis praças (quatro com Ati's e duas com equipamentos simples) com esse tipo de equipamento, perfazendo 16,67%.

5.2.18 Estruturas para Terceira Idade

O que conhecíamos como estrutura para terceira idade, como forma de passatempo e lazer, eram as canchas de bochas, a cancha de malhas e as mesas quadriculadas para jogos de dama ou de xadrez. Essas estruturas ainda fazem parte de algumas praças da cidade, porém são estruturas de lazer que trabalham apenas a mente e a interação social das pessoas. Esse tipo de atividade acaba privilegiando as pessoas do sexo masculino em detrimento daquelas do sexo feminino. Objetivando um maior incentivo na prática de atividades físicas, inclusão social, melhora da autoestima dos praticantes e de sua saúde em geral, a cidade de Maringá, em um projeto pioneiro no Brasil, a partir de 2006 passou a dotar algumas de suas praças e parques de ATI's². Essas ATI's (Figura 41) são “uma versão da experiência chinesa, que existe há mais de dez anos nas Praças de Pequim” (FERREIRA 2008, p. 5). Esses espaços são dotados de equipamentos que servem em consonância com Ferreira (2008, p. 5), “para alongar, fortalecer, desenvolver a musculatura em geral e trabalhar a capacidade aeróbica dos

² Praças que apresentam Ati's: Nadir Aparecida Cancian, Todos os Santos, dos Sertões e das Américas.

indivíduos, principalmente para os idosos”. Os equipamentos que fazem parte de uma ATI são os seguintes: simulador de cavalgada duplo conjugado, remada sentada, alongador com três alturas conjugado, surf duplo conjugado, esqui duplo conjugado, rotação vertical, aparelho duplo conjugado, pressão de pernas duplos conjugado, multi-exercitador conjugado com seis funções, rotação diagonal dupla – aparelho duplo conjugado e simulador de caminhada duplo conjugado. Os praticantes de atividades físicas nesse tipo de estrutura são, na sua maioria, pessoas do sexo feminino com idade entre 18 a 60 anos (63,83%) e pessoas consideradas idosas (36,17%), segundo Ferreira (2008), fazendo com que haja sociabilização e troca de experiências entre os mais idosos e as pessoas mais jovens. Nas praças pesquisadas no Plano Piloto da cidade de Maringá, encontramos esse tipo de equipamento locado em 11,11% delas, ou seja, em quatro praças.

Figura 41 – Academia da Terceira Idade – Praça Nadir Aparecida Cancian, Zona 07

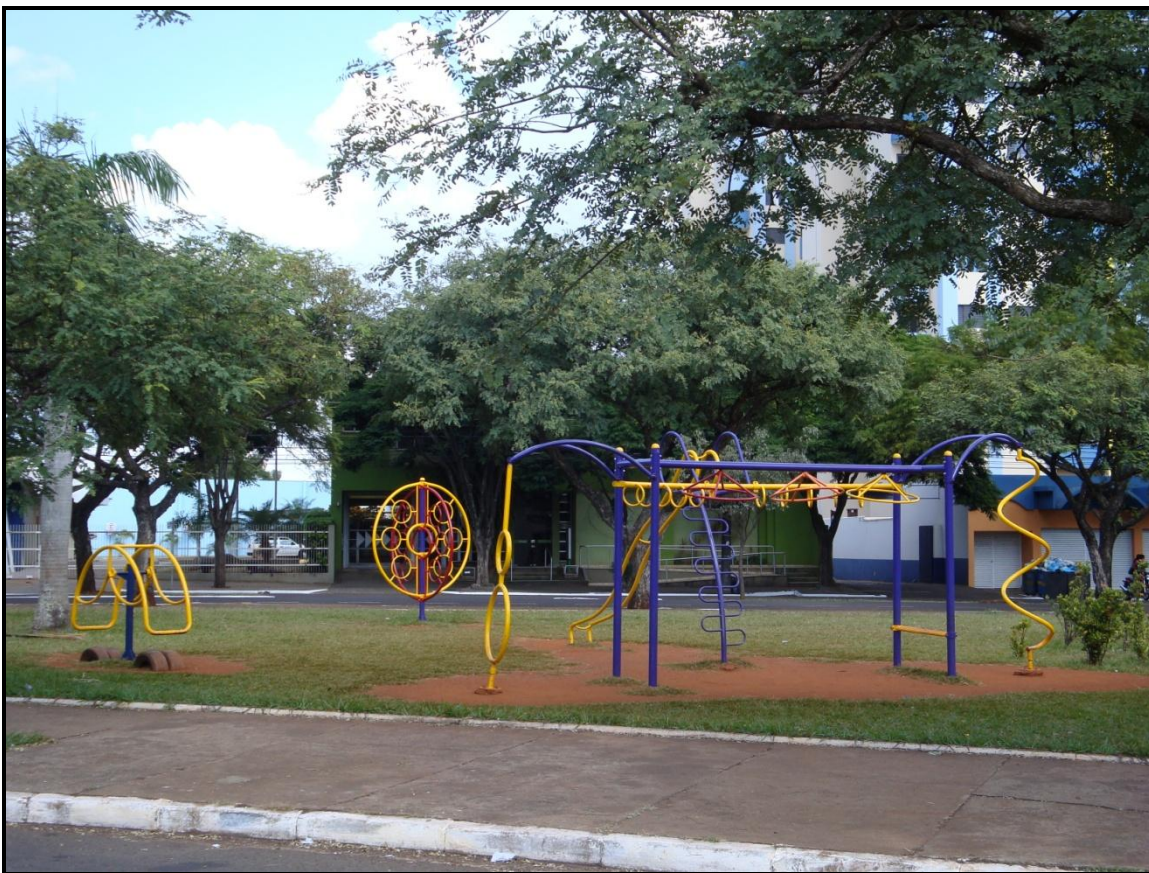


José Alcides Remolli - 26/08/2009.

5.2.19 Academia da Primeira Idade

Os equipamentos destinados à primeira idade foram encontrados em apenas duas praças que fazem parte da nossa área de estudo (5,55%), ou seja, na Praça Nadir Aparecida Cancian, localizada na Zona 7, e na Praça Todos os Santos, localizada na Zona 2. Os equipamentos que fazem parte dessa academia (Figura 42) são fabricados com tubos de aço carbono, logo, não apresentam pontas cortantes ou quinas que possam ferir ou provocar cortes, como é comum nos brinquedos tradicionais que equipam a maioria dos parques infantis existentes atualmente. Cada módulo da API é composto dos equipamentos: multi-infantil, com cinco funções distintas, sendo: escorregador tubular, gira-gira, volante aéreo, escorregador tubular e pegada aérea; gangorra de pé de equilibrista e escalada (trepá-trepá).

Figura 42 – Academia da Primeira Idade. Praça Nadir Aparecida Cancian, Zona 07



José Alcides Remolli – 01/05/2009.

5.2.20 Parque Infantil

De acordo com o levantamento realizado, o parque infantil/Api se encontra presente em dez praças (27,77%) do total pesquisado, sendo que em sua grande maioria esses equipamentos se apresentam em condições de conservação bastante precárias, uma vez que possuem brinquedos danificados – podendo causar ferimentos nos seus usuários – e com falta de pintura. De Angelis (2000, p. 67) cita que “é preciso que os diferentes equipamentos que compõem um parque infantil venham ao encontro dos anseios das diversas faixas etárias que frequentam esse logradouro”. Atualmente, o que diferencia as Api's e os parques infantis é a qualidade do material empregado na sua confecção e a modernidade dos seus equipamentos, bem diferentes daqueles tradicionalmente conhecidos e que equipam a grande maioria dos parques infantis.

5.2.21 Banca de Revistas

A banca de revistas tem a sua presença em quatro praças³ (11,11%) na área pesquisada, estando localizadas na região mais central da cidade, e fora dessa área central encontramos esse tipo de estrutura na Praça Todos os Santos, na Zona 2, lado sul da cidade. São bancas tradicionais, haja vista ocuparem esse espaço há muitos anos. Boa parte delas é confeccionada com materiais que muitas vezes não condizem com o ambiente das praças. Foi-se o tempo em que a banca de revista localizada na praça funcionava como um centro de difusão de cultura onde as pessoas adquiriam livros, revistas ou jornais e as liam ali mesmo, sob a sombra generosa das árvores. Hoje, através do avanço tecnológico ocorrido nos meios de comunicações, a internet é um dos fatores que tem facilitado, por meio da disponibilização em suas páginas virtuais, a leitura de livros, revistas e jornais sem que as pessoas precisem sair de suas casas. As bancas de revistas para poderem manter a sua sobrevivência, precisam comercializar uma quantidade enorme de produtos que não têm nada a ver com o fim a que se destinam, ou seja, a cultura e a informação.

³ Praças com banca de revista: Raposo Tavares, Napoleão Moreira da Silva e Todos os Santos.

5.2.22 Quiosque de Alimentação ou Similar

Os espaços públicos que contam com quiosques de alimentação ou similares são em número de sete (19,44%), se apresentando na forma de quiosques, trailers ou de pequenos reboques tracionados por carros. São colocados em pontos estratégicos das praças, com licença prévia da prefeitura municipal, para ocuparem aqueles espaços e são fiscalizados pela Vigilância Sanitária do Município. Os quiosques utilizados na comercialização de cachorro quente e outros comestíveis são confeccionados com chapas de inox – material de fácil higienização. Já os que comercializam sorvetes são confeccionados em fibra de vidro.

5.2.23 Edificação Institucional

Consideramos como edificação institucional toda edificação pública que se encontra ocupando espaços nas áreas das praças. Dessa forma, foram classificadas como tais “escola, creche, biblioteca, centro comunitário, posto de saúde, teatro, e demais estruturas operacionais das concessionárias dos serviços públicos – luz, água, telefonia”, como proposto por De Angelis (2000, p. 74). No Plano Piloto da cidade de Maringá encontramos cinco praças (13,88%) ocupadas por esse tipo de edificação.

5.2.24 Templo Religioso

Os templos religiosos foram os responsáveis pelo surgimento de um grande número de praças, porque foi através da urbanização do seu entorno que elas passaram a exercer a função aglutinadora, do encontro e da convivência social. De Angelis (2000, p. 75) avança que “era a igreja a determinar, normatizar e disciplinar a evolução da *urbe* que surgia a partir de uma capela, a qual deveria ocupar o ponto mais alto no relevo de uma região”. Na cidade de Maringá, por ser ainda jovem e ter a sua gênese ligada a um planejamento prévio, a influência da igreja não chegou a ser tão forte, mas, ainda assim ela conseguiu ocupar áreas urbanas consideradas nobres. Dentro da área do Plano Piloto,

área de estudo desta pesquisa, encontramos templos religiosos ocupando quatro praças⁴ (11,11%), sendo a maior delas, em termos de área, ocupando a região mais central da cidade, a Catedral Basílica Menor Nossa senhora da Glória.

5.3 Avaliação Qualitativa

Na realização da avaliação qualitativa dos equipamentos e das estruturas existentes nas praças, buscamos adotar critérios e parâmetros fixos para cada um dos itens avaliados, de modo, que um mesmo equipamento ou estrutura não viesse a sofrer avaliação diferenciada em cada uma das praças.

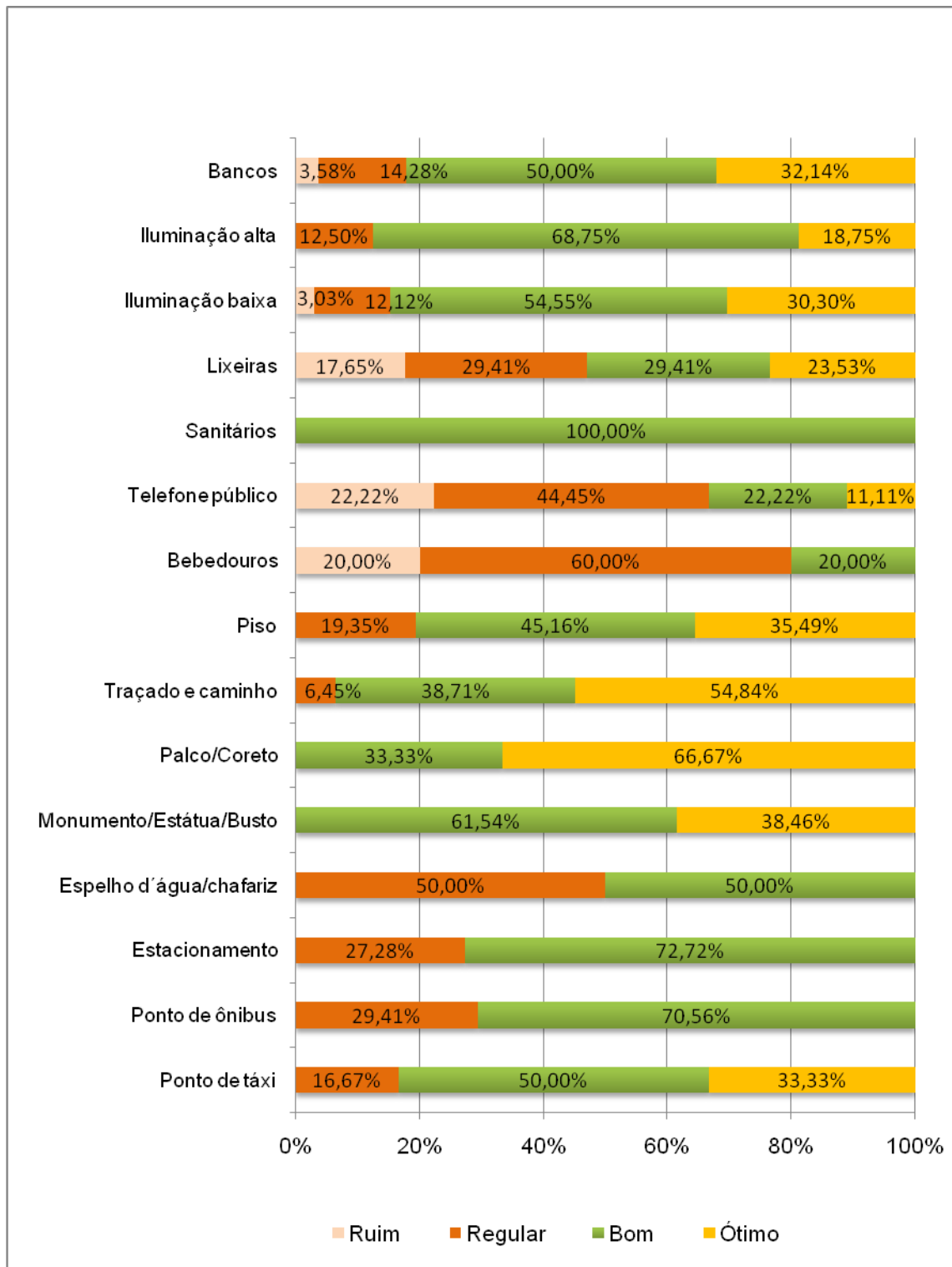
Para a coleta dos dados relacionados ao levantamento qualitativo dos equipamentos e estruturas existentes nas praças do Plano Piloto, fizemos uso da mesma metodologia de avaliação proposta por De Angelis em 2000 (descritas no item 4, Metodologia).

Os dados resultantes dessa avaliação individualizada dos equipamentos e/ou estruturas existentes nas praças foram obtidos através da aplicação de conceitos – ruim, regular, bom e ótimo –, e de notas variando em uma escala de 0,0 (zero) a 4,0 (quatro), sendo: de 0,0 –| 1,0 ↔ ruim; de 1,0 –| 2,0 ↔ regular; de 2,0 –| 3,0 ↔ bom; de 3,0 –| 4,0 ↔ ótimo. Efetuamos a média aritmética simples, resultando em uma nota final e nos permitindo classificá-las nos conceitos ruim, regular, bom e ótimo.

Com a tabulação dos dados obtidos nessa avaliação qualitativa mediante a aplicação das notas e dos conceitos acima descritos, foi possível tomarmos conhecimento da situação em se encontram cada um desses equipamentos e/ou estruturas (Figura 43). Conseguimos também obter o estado geral de conservação nessas 36 praças estudadas (Figura 44).

⁴ Praças com templo religioso: da Catedral, Emiliano Pernetá, Monsenhor Bernardo Cnudde e das Américas.

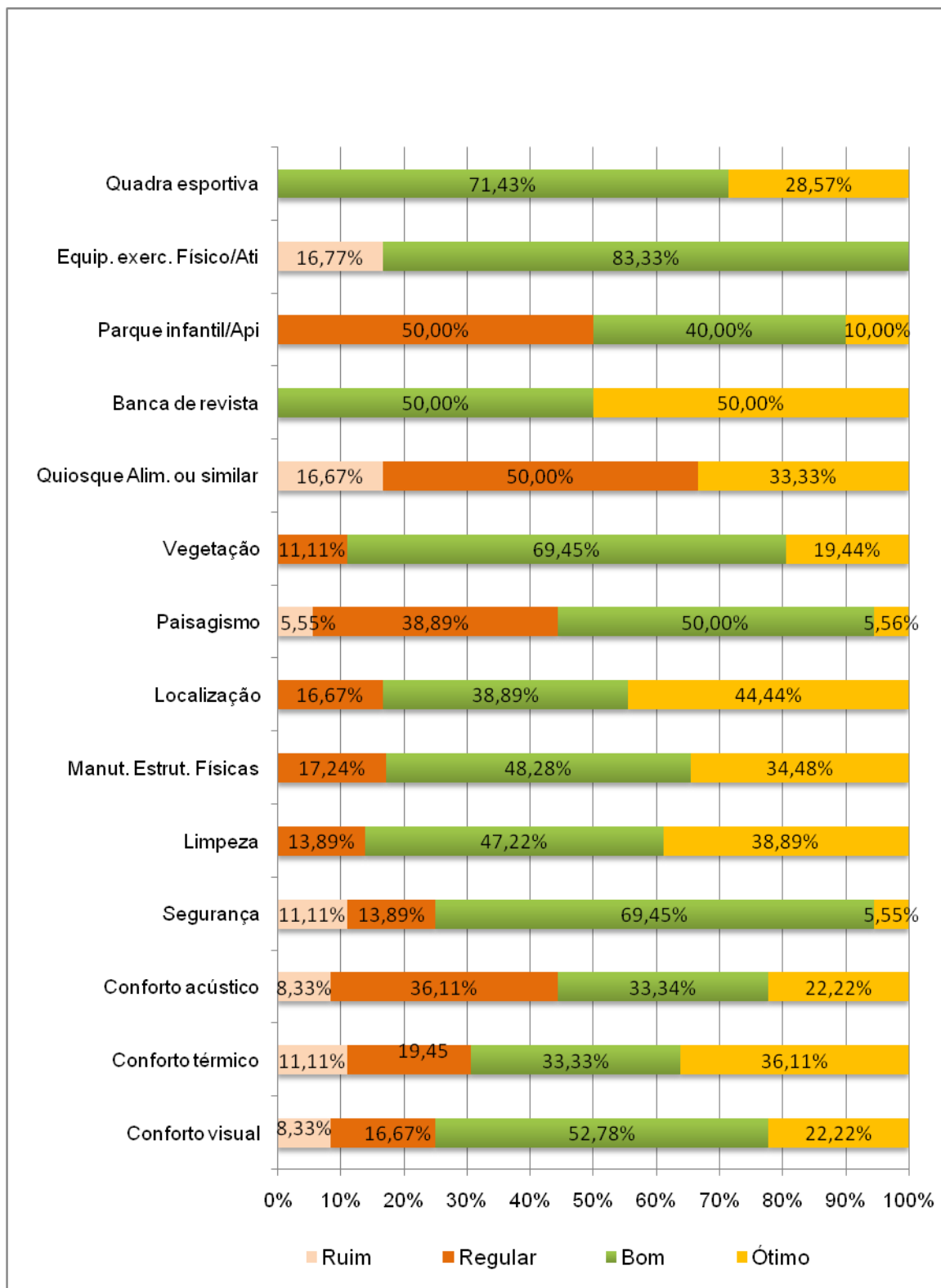
Figura 43 – Avaliação qualitativa dos equipamentos e/ou estruturas



ORGANIZAÇÃO: José Alcides Remolli, 2010.

Continua...

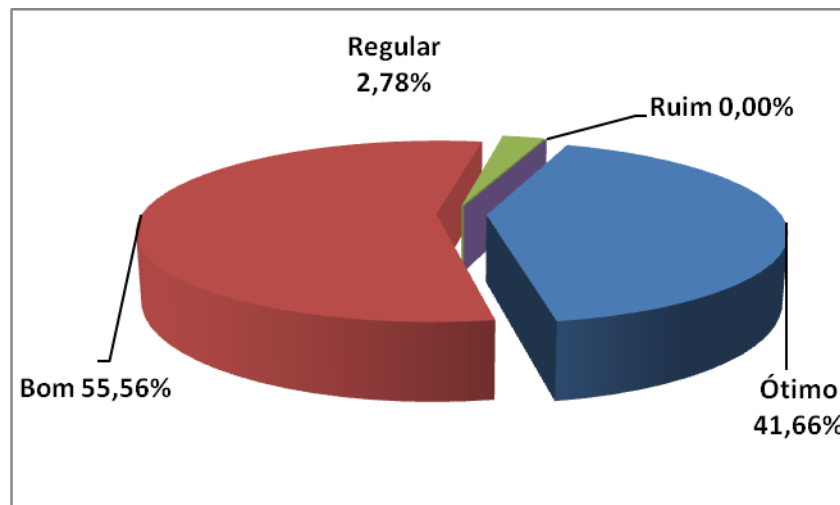
Figura 43 – Continuação



ORGANIZAÇÃO: José Alcides Remolli, 2010.

Constatamos, por intermédio dessa avaliação qualitativa, que 41,66% das praças obtiveram conceito ótimo; 55,56% ficaram com conceito bom e 2,78% com conceito regular. Na sequência descreveremos os resultados obtidos com essa avaliação em cada uma das estruturas, equipamentos e demais características avaliadas nessas praças.

Figura 44 – Estado geral de conservação das 36 praças do Plano Piloto da cidade de Maringá



5.3.1 Bancos

Levando em conta que a praça é um local de encontro, lazer e socialização da população nas cidades, os bancos desempenham um papel muito importante na busca de tal intento. Como já expusemos, a presença desse equipamento não necessariamente deve fazer parte das praças, mas é de bom grado que, sempre que possível, essas áreas sejam dotadas dos mesmos.

O uso desse tipo de mobiliário faz-se necessário para que as pessoas da terceira idade e as portadoras de deficiência não tenham o seu espaço limitado, e mesmo para as demais pessoas que os utilizam para uma pausa ou descanso entre um trajeto e outro, para fazer a leitura de jornal ou revista, ou para simplesmente sentar e contemplar a natureza a sua volta.

Outro fator que deve ser levado em consideração quando da colocação e distribuição desse tipo de mobiliário nas praças diz respeito a sua disposição ao longo dos caminhos. Estes devem estar dispostos de forma que não concorram com os espaços disputados pelos transeuntes.

Na sua distribuição, a preferência é que os bancos sejam colocados sob as copas das árvores, para que possa ser aproveitado o seu sombreamento, haja vista a cidade estar localizada em uma região que apresenta clima quente e bastante insolação na maior parte dos meses do ano.

No que tange ao estado de conservação, das vinte e oito praças do Plano Piloto que possuem bancos, 82,14% estão entre os conceitos bom e ótimo, o que nos leva a concluir que, como na sua grande maioria são confeccionados em concreto ou granilite, a depredação por vândalos se torna dificultada, mas esse tipo de mobiliário nem sempre é adequado ao uso correto pela maioria da população e tampouco confortável.

Bancos confortáveis, com encosto, confeccionados em madeira e pintados com tinta a óleo e com uma boa distribuição foram encontrados na Praça dos Expedicionários, localizada na Zona 04.

5.3.2 Iluminação

Geralmente, as praças públicas são mal planejadas quanto ao sistema de iluminação que utilizam. No sentido de economia, normalmente são utilizados os super postes com duas ou quatro luminárias, podendo iluminar uma área maior com menor número de postes. No entanto, ao atingir a fase adulta, a copa das árvores passa a comprometer a passagem da luz, tornando as praças escuras e inseguras para o uso da população.

A maioria dos elementos arbóreos das praças que compõem o Plano Piloto da Cidade de Maringá é composto por árvores que estão no estágio adulto, apresentando copas avantajadas e criando sérios problemas de iluminação nesses espaços públicos.

Assim, com o intuito de melhorar a segurança e a iluminação nessas áreas, a Secretaria de Serviços Públicos buscou uma padronização de postes menores com luminárias rebaixadas, com melhor disposição nas praças para a solução desse problema.

Na avaliação qualitativa, verificamos que trinta e três praças, ou seja, 84,85%, estão entre os conceitos bom e ótimo, onde esses espaços possuem a iluminação baixa, já no caso da iluminação alta, o conceito bom e ótimo aparecem em dezesseis praças (87,50%).

5.3.3 Lixeiras

O uso desse tipo de equipamento nos espaços públicos tem por objetivo principal a manutenção da limpeza e “retrata o grau de civilidade, educação e cidadania da população, quando efetivamente utilizadas”, segundo De Angelis (2000, p. 84).

Nas praças do Plano Piloto da cidade de Maringá encontramos esse tipo de mobiliário em 52,94% delas, estando entre os conceitos ótimo e bom. Entre os conceitos regular e ruim encontramos 47,06%.

5.3.4 Sanitários

Encontramos sanitários em duas praças analisadas: na Praça Deputado Renato Celidônio e na Praça Regente Feijó. Ambas as praças estão com conceito bom (100%) na avaliação qualitativa. Todavia, na primeira praça os sanitários permanecem abertos continuamente, já no segundo caso, por estarem localizados em uma praça fechada, já que nela se encontra instalado o Centro Esportivo da Vila Operária, a sua permanência de

uso fica restrita aos horários em que o centro permanece aberto para a prática das atividades esportivas.

Para a avaliação qualitativa desse tipo de estrutura levamos em conta a sua condição de uso, a conservação e a higiene, que consideramos como requisitos mínimos para a sua existência nos espaços públicos. Ressaltamos a necessidade de vigilância constante nesses logradouros públicos para que não haja depredação do patrimônio público e uso do espaço para atividades que não àquelas a que se destinam.

5.3.5 Telefone Público

Ao avaliarmos esse item, consideramos seu estado de conservação, de uso e a sua distribuição, se instalados nas praças ou a sua proximidade com o entorno delas. Nas praças analisadas, 33,33% apresentam conceitos ótimo e bom, e 66,67% entre os conceitos regular e ruim. em relação a seu funcionamento, os aparelhos se encontram em perfeitas condições de uso.

5.3.6 Bebedouro

Nas praças em que há bebedouros, estes consistem de torneiras colocadas ao nível do solo em condições precárias de uso – quando não são colocados apenas registro com um pequeno pedaço de cano na ponta, geralmente de material plástico, de baixo custo, haja vista serem frequentes a subtração desse material por vândalos. Quanto a sua avaliação qualitativa, apenas 20,00% estão com conceito bom e 80,00% estão entre os conceitos regular e ruim.

5.3.7 Pisos

Na avaliação desse item, levamos em consideração o tipo de material empregado em sua confecção – funcionalidade e segurança que oferece aos usuários –, o estado de conservação em que se encontram – presença de rachaduras, soerguimento do piso do

concreto pelas raízes das árvores, principalmente quando se encontra muito junto ao tronco das árvores; pisos confeccionados com pequenas pedras, que quando soltas podem provocar acidentes, sendo encontrado esse problema em algumas praças que utilizam esse tipo de material, e harmonia com as demais estruturas e mobiliários existentes na praça.

Nesse item, encontramos 80,65% com conceito entre ótimo e bom, estando os outros 19,35% com conceito regular.

5.3.8 Traçado dos Caminhos

O traçado dos caminhos dentro da praça nem sempre atende às necessidades da população, haja vista ser concebida com o intuito da convivência, do passeio e do lazer entre as pessoas. Com o aumento do número de habitantes nas cidades, conseqüentemente há um maior fluxo de pessoas circulando pelas vias e praças públicas; portanto, houve necessidade dos traçados e caminhos dos espaços públicos serem reestruturados, de modo a facilitar e dar maior vazão ao fluxo de pessoas.

Fazendo uma classificação dos traçados dos caminhos nas áreas de praças, De Angelis (2000, p. 87) os enquadra em três grupos:

- a) os externos, localizados no perímetro das praças; b) os internos, de trânsito rápido, que permitem atravessar a praça sem percorrer seus meandros interiores, geralmente retilíneos; e c) aqueles cuja função é levar o transeunte para um “passeio” por toda a praça, podendo ser retilíneos ou sinuosos.

Nas praças pesquisadas, observamos que os traçados dos seus caminhos se encontram nos padrões de funcionalidade, com largura adequada ao fluxo de pessoas e com estado de conservação muito bom. Nesse aspecto, encontramos 93,55% das praças com conceitos ótimo e bom, e 6,45% com conceito bom.

5.3.9 Palco/Coreto

Embora sejam estruturas existentes em três das praças pesquisadas (8,33%), os palcos e os coretos encontram-se em bom estado de conservação, mesmo por que são bem pouco utilizados. No caso do coreto instalado no centro da Praça do Expedicionário, pela sua dimensão reduzida serve mais como elemento de decoração e não para se fazer algum tipo de apresentação cultural. Já no caso dos palcos, o mais utilizado é o da Praça Raposo Tavares – “Templo Aberto” – utilizado por evangélicos para pregações e cultos. Verificamos na avaliação qualitativa 100,00% estão entre os conceitos ótimo e bom.

5.3.10 Obras de Arte

Como obras de arte estão incluídos os monumentos, as estátuas e os bustos, sendo elementos nem sempre percebidos pela população transeunte. Nas praças em que pesquisamos, encontramos apenas monumentos e bustos, sendo sete monumentos e seis bustos. Sua avaliação apresentou-se com 100,00% entre os conceitos ótimo e bom.

5.3.11 Espelho d’água/Chafariz

Encontramos espelhos d’água e os chafarizes em duas praças, de um universo de trinta e seis pesquisadas no Plano Piloto da cidade de Maringá. O chafariz da Praça da Catedral encontra-se desativado para limpeza e reforma, tem sido ligado em algumas datas festiva da cidade e no final do ano, por ocasião das festividades do natal e ano novo. Esse chafariz obteve conceito bom (50,00%) na sua avaliação. Na Praça Monsenhor Bernardo Cnudde, apresenta-se com conceito regular (50,00%); esse chafariz é de menor tamanho e de formato circular quando comparado àquele existente na Praça da Catedral, e encontra-se desativado pelo motivo de sua lâmina d’água servir como fonte de criação e disseminação do mosquito da dengue (*Aedes aegypti*).

5.3.12 Estacionamento

Nesse item, foram consideradas somente as áreas subtraídas das praças para servirem como estacionamento⁵, sendo considerados como critérios para a sua avaliação: conservação, segurança, sombreamento e localização. Dessa forma, 27,28% foram avaliadas com o conceito regular e 72,72% com conceito bom.

5.3.13 Ponto de Ônibus/Táxi

Esse item foi avaliado considerando-se a presença do ponto de ônibus e/ou táxi⁶ na área da praça como fator principal, e posteriormente se os mesmos eram ou não dotados de abrigo e o seu estado de conservação; caso não estivessem instalados na praça, a sua proximidade deveria ser a menor possível. Nas praças pesquisadas, o ponto de ônibus ficou com conceito entre bom (70,59%) e regular (29,41%), e o ponto de táxi com conceito ótimo (33,33%), bom (50,00%) e regular, com (16,67%).

5.3.14 Quadra Esportiva

A prática de atividades esportivas nas praças é um dos atrativos para se levar a população para esse espaço público. É um tipo de estrutura que geralmente atende às diversas faixas etárias da população de ambos os sexos.

As quadras esportivas são estruturas simples, bastando para isso estarem cercadas com alambrado e possuírem sistema de iluminação para que seu uso seja estendido no período noturno, particularmente na época do verão, em que as temperaturas são bastante

⁵ Praças com estacionamento: da Catedral, Deputado Renato Celidônio, Raposo Tavares, Napoleão Moreira da Silva, Todos os Santos, Emiliano Perneta, 21 de Abril, Júlio Jerônimo dos Santos, Monsenhor Bernardo Cnudde, do Aeroporto e das Américas.

⁶ Praças com Ponto de Ônibus: da Catedral, Deputado Renato Celidônio, Raposo Tavares, Todos os Santos, Vereador Malaquias de Abreu, Emiliano Perneta, 7 de Setembro, dos Sertões, Pio XII, 21 de Abril, Geoffrey Wilde Diment, Rotary Internacional, Júlio Jerônimo dos Santos, Prof. Nadir Aparecida Cancian, Monsenhor Bernardo Cnudde, do Aeroporto e Salgado Filho. Praças que apresentam Ponto de Táxi: Raposo Tavares, Napoleão Moreira da Silva, Todos os Santos, 7 de Setembro Rotary Internacional, Júlio Jerônimo dos Santos e Monsenhor Bernardo Cnudde.

quentes durante o dia. Nas praças pesquisadas, encontramos esse tipo de estrutura apresentando conceito entre bom (71,43%) e ótimo (28,57%) em seis praças.

5.3.15 Equipamentos para Prática de Exercícios Físicos

Esse equipamento, na sua forma mais tradicional – aparelho para abdominal e barras –, confeccionado com madeira e ferro, é encontrado em duas praças. Os equipamentos existentes, contudo, estão completamente deteriorados pela ação do tempo; observamos que outros equipamentos existiam no local, tendo sido possivelmente retirados para manutenção e não sendo recolocados novamente. A partir de 2006, novos aparelhos foram implementados em diversas praças – as Academias da Terceira Idade – com um número maior de equipamentos e com maiores benefícios à saúde das pessoas. A princípio, eram equipamentos destinados à terceira idade, mas acabaram sendo utilizados pelas pessoas de todas as idades. A sua avaliação apresentou 83,33% com conceito bom e 16,67% com conceito ruim.

5.3.16 Estruturas para Terceira Idade

As estruturas existentes direcionadas às pessoas idosas restringem-se às mesas quadriculadas para jogos de dama e xadrez, à cancha de bocha e de malha, sendo direcionada mais ao sexo masculino, excluindo as pessoas do sexo feminino do lazer e do convívio com outras pessoas.

A partir do ano de 2006, a Prefeitura Municipal de Maringá, em um programa inédito no Brasil, passou a oferecer à terceira idade um novo tipo de equipamento destinado à prática de atividades físicas e, por conseguinte, lazer e socialização.

Ferreira (2008, p. 5) propala que as Academias da Terceira Idade possuem equipamentos “que servem para alongar, fortalecer, desenvolver a musculatura em geral e trabalhar a capacidade aeróbica dos indivíduos, principalmente os idosos”.

Hoje, essas ATI's encontram-se instaladas em mais de quarenta espaços públicos distribuídas por toda cidade, e os equipamentos que as compõem são fabricados com tubos de aço carbono, de forma que não apresentam “quinas” cortantes, dificultando provocar acidentes com as pessoas idosas. Sua pintura é feita com tintas de coloração fortes (azul, vermelho, amarelo) e com uma maior durabilidade às intempéries.

Na área de realização desta pesquisa, encontramos esse tipo de estrutura em quatro praças, e mesmo possuindo pouco tempo de instalação apresentam uso intenso não só pelas pessoas idosas, mas também pelas pessoas de todas as idades. Esses equipamentos encontram-se em ótimo estado de conservação (100,00%), ficando, portanto, com conceito ótimo em todas elas.

Ressaltamos que, como são equipamentos destinados às pessoas idosas, junto a essas academias são colocados bancos e lixeiras confeccionadas com o mesmo material dos equipamentos, além de bebedouros (torneiras), mas com altura compatível para utilização dos idosos.

5.3.17 Academia da Primeira Idade

Como a Academia da Terceira Idade passou a ter um público grande de usuários, sendo este de todas as idades, inclusive crianças, a empresa responsável pela construção desses equipamentos passou a construí-los também para o público jovem.

Esses equipamentos são confeccionados com tubos de aço carbono, portanto, não apresentando pontas cortantes ou quinas que possam provocar cortes ou ferimentos, como é comum nos brinquedos tradicionais encontrados na maioria dos parques infantis espalhados pela cidade.

Cada módulo das API's é composto pelos equipamentos: multi-infantil, com cinco funções distintas sendo – escorregador tubular, gira-gira, volante aéreo, escorregador tubular e pegada aérea; gangorra de pé de equilibrista e escalada (trepa-

tropa). Os módulos destinados à primeira idade foram encontrados em apenas duas praças que fazem parte da nossa área de pesquisa, ou seja, na Praça Nadir Aparecida Cancian, localizada na Zona 7, e na Praça Todos os Santos, localizada na Zona 2. Apresentam-se ambos os módulos com conceito ótimo.

5.3.18 Parque Infantil

Os parques infantis que encontramos nas áreas pesquisadas são equipamentos já bastante antigos e constituídos pelo mesmo tipo de brinquedo em todos os parques existentes. De Angelis (2000, p. 92), definindo a respeito dos equipamentos que compõem os parques infantis, argumenta que “esses equipamentos são apenas uma parte de toda uma gama maior de opções que pode incluir desde uma sala de leitura ou de jogos didáticos, até áreas verdes projetadas para o público infantil”. Encontramos esse tipo de equipamento em dez praças que pesquisamos, e em sua avaliação obtivemos o conceito ótimo (10,00%) em apenas uma praça; quatro praças apresentaram-se com conceito bom (40,00%), e com conceito regular (50,00%) outras cinco praças.

5.3.19 Banca de Revista

Essa estrutura foi encontrada em apenas quatro praças, sendo que três delas localizam-se no centro da cidade e a outra na Zona 2, instalada na Praça Todos os Santos. Constatamos na sua avaliação que essas estruturas estão entre os conceitos ótimo (50,00%) e bom (50,00%).

5.3.20 Quiosque de Alimentação

Um número pequeno de praças – sete – apresenta-se com esse tipo de estrutura utilizada para a comercialização de lanches e sorvetes. É confeccionada com material inoxidável de fácil limpeza e higienização, existindo uma padronização que a diferencia de trailer e reboque, sendo estes mais utilizados na comercialização de caldo de cana.

A fiscalização das estruturas que comercializam lanches, sorvetes e similares é realizada por fiscais da Vigilância Sanitária, e o alvará de licença para uso dos espaços é expedido pela Prefeitura do Município. Na avaliação realizada, encontramos 3,33% apresentando conceito ótimo, 50,00% com conceito regular, e 16,67% com conceito ruim.

5.3.21 Vegetação

Nesse item, a sua avaliação visou ao estado geral e de manutenção dos elementos arbóreos existentes nas áreas das praças. Sob esse aspecto, em sua avaliação constatamos os resultados: com conceito ótimo temos 19,44% das praças, com conceito bom 69,45% e com conceito regular 11,11%.

As áreas nas quais realizamos esta pesquisa são as consideradas mais antiga da cidade. Consequentemente, a sua arborização também é a mais velha, tendo sido as primeiras a serem implantadas nas ruas e praças. Atualmente, essas árvores são frondosas e apresentam-se com bom diâmetro de copa, produzindo um excelente conforto térmico, especialmente nos meses mais quentes do ano.

Quanto aos problemas com a arborização, o que ocorre com mais frequência são os danos físicos causados por ventos fortes e também pela ação de vândalos, havendo necessidade de podas inadequadas nessas plantas.

O uso em demasia de duas ou três espécies de árvores – sibipirunas (*Caesalpinia peltophoroides*), tipuanas (*Tipuana tipu*) e ipês-roxos (*Tabebuia avellanedae*) – encontradas em quase todas as praças pesquisadas – é outro fator que em caso de incidência de pragas ou doenças pode haver comprometimento de grande número de exemplares arbóreos.

5.3.22 Paisagem

Levamos em consideração, para avaliar o paisagismo, a escolha e a locação das diferentes espécies, a criatividade e a inserção do “verde” no conjunto de cada praça. Os conhecimentos mais variados sobre as mais diferentes espécies de vegetais existentes que possam a compor a paisagem na área de uma praça é fator preponderante para que haja harmonia entre os elementos a integrarem a composição paisagística.

Encontramos nessa avaliação 5,56% das praças com conceito ótimo, 50,00% com conceito bom, 38,89% com conceito regular, e 5,55% com conceito ruim. Na maioria dessas praças, o verde se apresenta de forma quantitativa e não qualitativa, inexistindo perfeita harmonia entre as espécies plantadas. Poderíamos ter praças melhor trabalhadas paisagisticamente caso houvesse profissionais qualificados na execução dos trabalhos de formação e recuperação desses espaços públicos.

5.3.23 Localização

Para avaliarmos esse item, seguimos as recomendações descritas por De Angelis (2000, p. 90): “uma distância de 400 m, o que significa uma caminhada a pé em torno de dez minutos, seja satisfatória em termos de localização da praça” para que as pessoas possam alcançar esses espaços públicos.

A facilidade de acesso a pessoas de todas as faixas etárias e o local em que esta se localiza – se próxima a centros residenciais ou comerciais – é outro fator que contribui para que a população faça maior ou menor uso das praças.

Nesta avaliação, encontramos 44,44% das praças com conceito ótimo, 38,89% com conceito bom, e 16,67% com conceito regular.

5.3.24 Manutenção das Estruturas Físicas

Consideramos para avaliação desse item o estado geral dos equipamentos, das estruturas e também o aspecto geral de toda a vegetação existente no conjunto da praça. Os resultados obtidos foram: 34,48% das praças se apresentam com conceito ótimo; 48,28% foram avaliadas com conceito bom e 17,24% receberam conceito regular.

Por estarem localizadas em áreas com considerável movimento de pessoas, essas praças merecem maior atenção por parte dos responsáveis pela manutenção desses logradouros, uma vez que estão situadas nas áreas mais centrais da cidade, e os serviços de reparos a serem executados são bastante simples, tomando um tempo bem curto em sua execução.

5.3.25 Limpeza

Para efeito de avaliação, consideramos o estado geral de limpeza em que se encontram os seus caminhos, a poda e a varrição dos seus gramados, a poda de galhos das árvores que estejam quebrados ou secos e folhas secas das palmáceas. Como resultados dessa avaliação, 38,89% das praças obtiveram conceito ótimo, 47,22% conceito bom, e 13,89% com conceito regular.

5.3.26 Segurança

Na avaliação desse item, consideramos alguns fatores: se a praça está localizada em área estritamente residencial ou se em área comercial, o sistema de iluminação existente, o tipo de vegetação, a frequência de pessoas na praça ou no seu entorno, o seu estado de conservação e a frequência de policiamento na praça ou nas suas imediações.

Dessa forma, verificamos que as praças pesquisadas, se apresentam seguras, uma vez que 5,55% delas estão com conceito ótimo, 69,45% com conceito bom, 13,89% com conceito regular e 11,11% com conceito ruim.

Os trabalhos realizados pela Secretaria de Serviços Públicos do município, no sentido de melhorar o sistema de iluminação tanto das praças como das vias públicas, com o rebaixamento das luminárias, contribuiu para maior segurança desses logradouros públicos, uma vez que essas luminárias sofrem menos a interferência das copas das árvores.

Na atualidade, desempregados, mendigos ou moradores de rua não oferecem tanto perigo quanto os usuários de drogas. O que ocasiona insegurança aos usuários das praças é o fato de esses dependentes químicos praticarem pequenos furtos para depois trocar os produtos roubados por drogas.

Durante os trabalhos de levantamentos de dados em algumas praças pesquisadas, encontramos, em plena luz do dia, pessoas fazendo uso de substâncias tóxicas, escondidas por entre escadas e concha acústica em praças que possuem esse tipo de estrutura.

5.3.27 Conforto Acústico

Nesse item, os agentes causadores de poluição sonora foram o principal fator que pesou em nossa avaliação. Têm-se, na área do Plano Piloto da cidade de Maringá, 33,34% das praças de forma circular, e como essas áreas estão em ponto de confluência com ruas e avenidas, apresentam tráfego de veículos durante o dia todo.

Obtivemos nessa avaliação os resultados: 22,22% dessas áreas se mostraram com conceito ótimo, 33,34%, com conceito bom, 36,11% com conceito regular e 8,33% com conceito ruim.

O resultado da soma entre o conceito ótimo e bom – 55,56% – refere-se às praças de formato circular localizadas nas áreas mais afastadas do centro, onde o fluxo de veículos é menor e, por conseguinte, o nível de ruído também se torna menor. Vale frisar

que na realização dessa avaliação não usamos nenhum equipamento para medição de ruídos, apenas nossa percepção enquanto estávamos na praça.

5.3.28 Conforto Térmico

A relação entre a área sombreada e a não sombreada e o nível de impermeabilização da praça e o do seu entorno foram os itens considerados na avaliação qualitativa do conforto térmico.

As praças analisadas estão localizadas na área mais antiga da cidade, e a sua arborização é constituída de árvores mais velhas com copas maiores, que em muitos casos acabam se entrelaçando e formando grandes áreas sombreadas.

Por outro lado, essas áreas são as que mais se encontram impermeabilizadas pela quantidade de edificações e prédios, calçamento e ruas asfaltadas e, conseqüentemente, provocando aumento da temperatura. Assim, apresentam níveis satisfatórios de conforto térmico, diferenciando essas áreas arborizadas daquelas edificadas de seu entorno, atuando como fator importante na amenização dessa temperatura.

Como resultado dessa avaliação, encontramos 36,11% das praças com conceito ótimo, 33,33% com conceito bom, 19,45% com conceito regular e 11,11% com conceito ruim.

5.3.29 Conforto Visual

Na avaliação do conforto visual, consideramos a característica visual da praça e da arquitetura que compõem o seu entorno e a sensação de conforto, harmonia e agradabilidade dos elementos de composição dos espaços existentes com a sua arborização e ajardinamento, equipamentos, estruturas e mobiliários.

Pelo resultado que obtivemos através desta pesquisa, podemos assinalar que existe uma forma harmoniosa entre os elementos de composição da praça e da arquitetura que compõem o seu entorno, mesmo naquelas praças situadas em locais com grande fluxo de veículos. Destacamos que as mais tranquilas são encontradas nas zonas mais afastadas da área central.

Assim, como resultado dessa avaliação encontramos 22,22% das praças com conceito ótimo, 52,78% com conceito bom, 16,67% com conceito regular e 8,33% com conceito ruim.

5.4 Arborização das Praças

Quando da realização do levantamento quantitativo dos equipamentos e/ou estruturas bem como da sua avaliação qualitativa, realizamos, conjuntamente, um levantamento das espécies com maior ocorrência – arbóreas, arbustivas, frutíferas, palmáceas e de forrações – nas áreas das praças do Plano Piloto da Cidade de Maringá.

No levantamento feito “in loco” da vegetação existente nas áreas das praças, buscamos apenas a sua identificação e não a quantidade de cada elemento existente. Na identificação dessa vegetação, as mais comuns e conhecidas, foram realizadas visualmente, e as mais difíceis e menos comuns feitas através de fotografia dos elementos e posteriormente identificadas por intermédio de bibliografia – (LORENZI, 2002), bem como o nome científico e a família a que pertencem.

Através do levantamento nas praças localizadas na área do Plano Piloto da cidade de Maringá identificamos 40 espécies arbóreas (Quadro 6). As espécies com maior ocorrência nas praças são: Ipê-roxo (*Tabebuia avellanedae*) – presentes em 75,00% delas; Sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*) – presentes em 72,22%; Tipuana (*Tipuana tipu*) em 66,66%; Alecrim (*Holocalyx balansae*) e Pau-ferro (*Caesalpinia ferrea*) em 33,33% cada, Jacarandá mimoso (*Jacaranda mimosaeifolia*) em 27,77% e Flamboyant (*Delonix regia*) com 16,66%.

Essa alta concentração de indivíduos arbóreos pertencentes a uma mesma espécie na arborização das praças da área do Plano Piloto torna-se um fator preocupante, pois no caso de uma eventual exposição dessa vegetação à ação de pragas e patógenos esta incorrerá em sérios riscos.

Na relação de ocorrência dessas espécies arbóreas especificamos o nome científico, o nome vulgar, a família a que pertencem e a porcentagem das praças em que essas espécies se encontram presentes.

Quadro 6 – Ocorrência das espécies arbóreas nas praças do Plano Piloto

Nº	NOME CIENTÍFICO	NOME VULGAR	FAMÍLIA	%
1	<i>Tabebuia avellanae</i>	Ipê-roxo	Bignoniaceae	75,00
2	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	Sibipiruna	Leguminosae/Caesalpinoideae	72,22
3	<i>Tipuana tipu</i>	Tipuana	Leguminosae/Faboideae	66,66
4	<i>Holocalyx balansae</i>	Alecrim	Leguminosae/Caesalpinoideae	33,33
5	<i>Caesalpinia ferrea</i>	Pau-ferro	Leguminosae/Caesalpinoideae	33,33
6	<i>Jacaranda mimosaefolia</i>	Jacarandá mimoso	Bignoniaceae	27,77
7	<i>Delonix regia</i>	Flamboyant	Leguminosae/Caesalpinoideae	16,66
8	<i>Eugenia uniflora</i>	Pitanga	Myrtaceae	16,66
9	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	Ipê-amarelo	Bignoniaceae	13,88
10	<i>Araucaria angustifolia</i>	Pinheiro-do-Paraná	Araucariaceae	11,11
11	<i>Grevilea robusta</i>	Grevilea	Proteaceae	11,11
12	<i>Ligustrum japonicum</i>	Ligustro	Oleaceae	11,11
13	<i>Tibouchina granulosa</i>	Quaresmeira-rosa	Melastomaceae	11,11
14	<i>Aspidosperma polyneuron</i>	Peroba	Apocynaceae	8,33
15	<i>Caesalpinia ferrea</i>	Pau-ferro	Leguminosae/Caesalpinoideae	8,33
16	<i>Chorisia speciosa</i>	Paineira	Bombaceae	8,33
17	<i>Licania tomentosa</i>	Oiti	Crysobalanaceae	8,33
18	<i>Murraya paniculata</i>	Falsa-murta	Rutaceae	8,33
19	<i>Colubrina glandulosa</i>	Sobrasil	Rhamnaceae	5,55
20	<i>Ficus elastica</i>	Falsa-figueira	Moraceae	5,55
21	<i>Ficus microcarpa</i>	Ficus	Moraceae	5,55
22	<i>Nectandra paniculata</i>	Canela	Lauraceae	5,55
23	<i>Schinus molle</i>	Aroeira-salsa	Anacardiaceae	5,55
24	<i>Schinus terebinthifolis</i>	Aroeira	Anacardiaceae	5,55
25	<i>Albizia hasslerii</i>	Farinha seca	Rutaceae	2,77
26	<i>Cassia grandis</i>	Cássia-rósea	Leguminosae/Caesalpinoideae	2,77
27	<i>Cassia macranthera</i>	Cássia amarela	Leguminosae/Fabaceae	2,77
28	<i>Cedrela fissilis</i>	Cedro	Meliaceae	2,77
29	<i>Cordia ecalyculata</i>	Café de bugre	Boraginaceae	2,77
30	<i>Eucalyptus spp.</i>	Eucalipto	Myrtaceae	2,77
31	<i>Ficus lyrata</i>	Figueira-violino	Moraceae	2,77
32	<i>Gallesia integrifolia</i>	Pau-d'alho	Phytolaccaceae	2,77
33	<i>Magnolia devayi</i>	Magnólia	Magnoleaceae	2,77
34	<i>Melia azedarach</i>	Cinomomo	Meliaceae	2,77
35	<i>Olea europea</i>	Oliveira	Oleaceae	2,77
36	<i>Pinus spp.</i>	Pinus	Pinaceae	2,77
37	<i>Pterocarpus violaceus</i>	Aldrigo salgueiro	Leguminosae	2,77
38	<i>Spathodea campanulata</i>	Espatódea	Bignoniaceae	2,77
39	<i>Tabebuia roseo-alba</i>	Ipê-branco	Bignoniaceae	2,77
40	<i>Terminalia catappa</i>	Chapéu-de-sol	Cobretaceae	2,77

ORGANIZAÇÃO: José Alcides Remolli, 2010.

Nesse levantamento, encontramos algumas espécies arbóreas frutíferas (Quadro 7) como parte da arborização de praças, sendo que as três espécies de maior ocorrência foram a Mangueira (*Mangifera indica*), em 27,77% delas, seguidas de Jambolão (*Syzygium jambolanum*), em 5,55% das praças, Acerola (*Malpeghia punifolia*), em 2,77% das praças, Jabuticabeira (*Myrciaria cauliflora*), em 2,77% das praças, e Abacateiro (*Persea americana*), em 2,77% das praças pesquisadas.

Quadro 7 – Ocorrência das espécies arbóreas frutíferas nas praças do Plano Piloto

Nº	NOME CIENTÍFICO	NOME VULGAR	FAMÍLIA	%
1	<i>Mangifera indica</i>	Mangueira	Anacardiaceae	27,77
2	<i>Syzygium jambolanum</i>	Jambolão	Myrtaceae	5,55
3	<i>Malpeghia punifolia</i>	Acerola	Malpighiaceae	2,77
4	<i>Myrciaria cauliflora</i>	Jabuticabeira	Myrtaceae	2,77
5	<i>Persea americana</i>	Abacateiro	Lauraceae	2,77

Organização: José Alcides Remolli, 2010.

Quanto às palmáceas (Quadro 8), foram relacionadas 8 diferentes espécies, sendo as de maior expressão a Palmeira jerivá (*Syagrus romanzoffiana*), em 30,55% das praças, a Palmeira imperial/real (*Roystonea* spp), em 22,22%, e a Areca bambu (*Dypsis lutescens*), em 8,33% das praças.

Quadro 8 – Ocorrência das espécies de palmáceas nas praças do Plano Piloto

Nº	NOME CIENTÍFICO	NOME VULGAR	FAMÍLIA	%
1	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	Palmeira jerivá	Palmae	30,55
2	<i>Roystonea</i> spp.	Palmeira imperial/real	Arecaceae	22,22
3	<i>Dypsis lutescens</i>	Areca bambú	Arecaceae	8,33
4	<i>Caryota mitis</i>	Cariota	Arecaceae	5,55
5	<i>Euterpe edulis</i>	Palmito juçara	Arecaceae/Palmae	5,55
6	<i>Phoenix dactyfera</i>	Tamareira	Arecaceae	5,55
7	<i>Acrocomia aculeate</i>	Macaúba	Arecaceae/Palmae	2,77
8	<i>Ravenala madagascariensis</i>	Palmeira-dos-viajantes	Streliziacae	2,77

Organização: José Alcides Remolli, 2010.

Nas espécies arbustivas (Quadro 9), o Pingo de ouro (*Duranta repens aurea*) foi encontrado em 11,11% das praças pesquisadas e a Primavera (*Bougainvillea spectabilis*) em 5,55%.

Quadro 9 – Ocorrência das espécies arbustivas nas praças do Plano Piloto

Nº	NOME CIENTÍFICO	NOME VULGAR	FAMÍLIA	%
1	<i>Duranta repens aurea</i>	Pingo de ouro	Verbenaceae	11,11
2	<i>Bougainvillea spectabilis</i>	Primavera	Nyctaginaceae	5,55
3	<i>Chamaecyparis psifera</i>	Tuia	Cupressaceae	5,55
4	<i>Ixora coccinea</i>	Ixora	Rubiaceae	5,55
5	<i>Justicia brandegeana</i>	Camarão-vermelho	Acanthaceae	5,55
6	<i>Lantana camara</i>	Cambará	Verbenaceae	5,55
7	<i>Plumbago capensis</i>	Bela-emília	Plumbaginaceae	5,55
8	<i>Azalea indica</i>	Azaléia	Ericaceae	5,55

Organização: José Alcides Remolli, 2010.

No que se refere às forrações (Quadro 10), a Grama Mato-Grosso (*Paspalum notatum*), por ser uma espécie facilmente encontrada, bem adaptada ao clima e altamente resistente às intempéries, pode ser encontrada em quase todas as praças pesquisadas, ou seja, está presente em 91,66% das praças do Plano Piloto.

Quadro 10 – Ocorrência das espécies de forrações nas praças do Plano Piloto

Nº	NOME CIENTÍFICO	NOME VULGAR	FAMÍLIA	%
1	<i>Paspalum notatum</i>	Grama-mato-grosso	Gramineae/Poaceae	91,66
2	<i>Setcreasea purpurea</i>	Trapoeira roxa	Commelinaceae	5,55
3	<i>Ophiopogon japonicas</i>	Grama preta	Liliaceae	2,77

Organização: José Alcides Remolli, 2010.

A arborização na cidade de Maringá iniciou-se pela necessidade de se criar um serviço florestal para garantir a preservação dos recursos naturais e que promovesse o reflorestamento e a arborização. Com esse intuito, chega à cidade, em 1949, contratado pela Companhia Melhoramentos, o engenheiro agrônomo Luiz Teixeira Mendes, especialista em botânica e silvicultura.

A criação do Horto Florestal, com área de 37 ha, local de produção das mudas de árvores e de preservação de parte da mata nativa da região, foi seu primeiro trabalho. Na condução desse plano de arborização da cidade de Maringá, contou com a assistência de Annibal Bianchini da Rocha, também engenheiro agrônomo.

As espécies de árvores que formariam essa grande massa verde que hoje é Maringá tiveram diversas origens, com sementes e mudas destinadas à multiplicação, vindas de outros Estados e da própria região. A distribuição das espécies arbóreas pelas ruas, avenidas, praças e parques da cidade propicia o surgimento de flores durante o ano inteiro.

6 DISCUSSÃO

Com os trabalhos de campo realizados mediante levantamento quantitativo e avaliação qualitativa dos equipamentos e/ou estruturas existentes buscamos resgatar as leis que nominaram as praças localizadas na área do Plano Piloto da cidade de Maringá. Assim, pesquisou-se junto ao Arquivo da Câmara Municipal, no Setor de Patrimônio e no Setor de Cadastro Técnico da Secretaria Municipal de Controle Urbano e Obras Públicas da Prefeitura Municipal de Maringá as leis que as nominaram.

Das 36 praças pesquisadas para elaboração deste trabalho, em 15 delas não foi possível encontrarmos as leis que as denominaram. Segundo informação levantada junto à SEURB/PMM, todas as praças existentes na área do Plano Piloto possuem o nome de origem da época da fundação da cidade, ou seja, já vieram nomeadas pela Companhia Melhoramentos quando da implantação da trama urbana da cidade.

Quanto às formas de praças existentes nessa área de estudo bem como a sua distribuição na malha urbana, encontramos 33,34% delas de forma circular, localizadas nos entroncamentos com outras avenidas ou ruas, de modo a facilitar a distribuição do trânsito de veículos. A forma triangular, com 27,78%, é a segunda em evidência, sendo originada da sobra de áreas quando do planejamento da cidade. Vale ressaltar que a malha urbana do Plano Piloto foi previamente planejada com base na carta planialtimétrica da região.

Por intermédio do levantamento quantitativo obtivemos o conhecimento de todos os equipamentos e/ou estruturas existentes em cada uma das praças estudadas bem como as condições de uso em que se encontram e a ocorrência das espécies de vegetação.

Nesse âmbito, observamos a presença de equipamentos e/ou estruturas fazendo parte de um número razoável de praças, tais como bancos, iluminação rebaixada, lixeira, telefone público e caminhos calçados. Quando avaliados qualitativamente, esses itens relacionados apresentam-se, na sua maioria, entre os conceitos bom e ótimo. De modo

geral, todas as praças localizadas dentro dessa área de estudo estão em boas condições de uso para a população. Esses resultados contemplam a importância e a necessidade da existência desses equipamentos para o alcance de uma vida saudável e plena, conforme avaliados por Gomes, (2005), Santos e Martins (2002), Ribeiro e Vargas (2001) e Serdoura e Silva (2006).

No que diz respeito à manutenção das praças públicas, verificamos que todas apresentam gramados bem aparados e limpos, os equipamentos e as estruturas existentes bem pintados e livres de pichações. Segundo informação prestada pelo Diretor do SEMUSP, as praças localizadas na área mais central – da Catedral e Deputado Renato Celidônio – por abrigarem a Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória e a outra, prédios públicos, contam com funcionário em tempo integral, responsável pela limpeza e manutenção dos seus gramados e estruturas.

Com o intuito de conhecermos melhor o passado das praças existentes na área do Plano Piloto e a sua evolução através do tempo, buscamos resgatar e analisar as informações obtidas por De Angelis (2000) em trabalho elaborado para tese de doutoramento sobre as praças da cidade de Maringá, PR.

Para a realização dessa comparação, analisamos os dados de 35 praças encontradas por De Angelis (2000) com as informações obtidas nas 36 praças existentes atualmente. Utilizamos as informações relativas ao levantamento quantitativo e a avaliação qualitativa dos equipamentos e/ou estruturas.

Embora não necessariamente deva fazer parte das praças, o banco é um tipo de mobiliário muito bem vindo nesses ambientes públicos, de forma a oferecer maior conforto aos seus usuários. Houve um acréscimo muito pequeno desse tipo de mobiliário nas praças, uma vez que De Angelis (2000) o encontrou em 74,28% das praças e atualmente eles são encontrados em 77,77% das praças.

Equipamentos urbanos são partes componentes que complementam esses espaços destinados à população do seu entorno. Nesse âmbito, Robba e Macedo (2003) e Moraes, Goudard e Oliveira (2008) destacam a importância em identificá-los de acordo com a dinâmica da praça e das necessidades da população que a utiliza, seja como passagem rotineira, seja como opção de lazer e descanso.

Um item que se sobressai nesse levantamento quantitativo em relação à situação encontrada por De Angelis (2000) refere-se à iluminação das praças. O aumento no número de praças com iluminação rebaixada no seu interior foi de 34,28% para 86,11%, complementada com a iluminação pública também rebaixada no seu entorno. Nesse contexto, os problemas causados pelo sombreamento das copas das árvores adultas e a falta de segurança no interior das praças foram resolvidos de modo satisfatório. O quesito segurança, aliado à preservação do patrimônio público que é de todos, foi reforçado por Luz (1997), Dourado e Silva (2005), Ribeiro e Vargas (2001), Gomes (2005) e Almeida (2008).

Com o principal objetivo de servir à manutenção da limpeza nos ambientes públicos, De Angelis (2000) encontrou as lixeiras em 34,28% das praças contra 47,22% encontradas por nós. Outro item que teve crescimento acentuado foi o telefone público: De Angelis (2000) o encontrou em 25,71% desses logradouros, enquanto que os localizamos em 55,55% das praças.

Os bebedouros foi outro item que teve o seu número acrescido nas praças, sendo geralmente inadequados ao uso por serem simples torneiras colocadas, na maioria das vezes, em nível muito baixo, dificultando o uso por pessoas idosas. De Angelis (2000) anotou 34,28% das praças com esse equipamento, enquanto que os encontramos em 41,66% das praças.

A presença de caminhos calçados nas praças se manteve inalterado. Para De Angelis (2000), eles faziam parte em 80% das praças, hoje estão em 80,55% delas. Outro item que teve aumento considerável, possivelmente pelo crescimento da população

urbana ocorrido nessa última década, foi a localização de ponto de ônibus na praça ou o mais próximo possível da mesma. Pelo levantamento realizado por De Angelis (2000), foram encontrados em 25,72% das praças, existindo, hoje em 47,22% delas.

Houve acréscimo também na quantidade de pontos de táxi. De 8,57% das praças encontradas por De Angelis (2000) com essa estrutura, a sua existência subiu para 19,44% das praças atualmente.

Esses equipamentos e estruturas foram os que apresentaram maior alteração em relação aos mesmos itens analisados por De Angelis (2000). Os demais itens que fazem parte deste levantamento quantitativo descrito no Quadro 1 se mantiveram inalterados ao longo dessa década entre uma avaliação e outra, mostrando pequena elevação ou diminuição do percentual encontrado em alguns itens de cada uma das praças analisadas, o que leva a concluirmos que a administração tenha encontrado, na maioria das praças, as necessidades básicas da população do seu entorno, e os acréscimos colaboraram para que não houvesse uma redução no atendimento à preservação dessas áreas de lazer.

Como novos equipamentos no ambiente das praças, realçamos o surgimento, a partir de 2006, das academias de terceira e primeira idades nas praças, como forma de incentivo à prática de exercícios físicos, melhoria na qualidade de vida das pessoas, em especial aos idosos e sociabilização com pessoas de várias faixas etárias. O que havia até então direcionado ao lazer dos idosos na praça eram as mesas destinadas ao jogo de damas, dominó ou cartas. A prática de atividade física, a busca e/ou resgate da saúde são dinâmicas da vida moderna que se esgotou com muitas atividades laborais e que agora procura recuperar o tempo perdido e viver mais e com mais saúde. Cumprem assim as praças o seu papel de refletir o fluxo das vidas humanas ao seu redor e procuram atender às necessidades atuais, ressaltando-se que essas iniciativas têm sido bem aceitas e trazem a oportunidade de um retorno às praças como espaço urbano para encontro, lazer, a saúde e o bem estar individual e coletivo.

Os percentuais da avaliação qualitativa do estado geral de conservação dos equipamentos e das estruturas existentes nessas praças também se mostraram muito parecidos, tanto nas informações obtidas por De Angelis (2000) – 97,14% na somatória dos conceitos bom e ótimo – quanto nos percentuais obtidos para elaboração desta dissertação – 97,22%, também com a somatória dos conceitos bom e ótimo, se apresentando de forma muito parecida com valores percentuais muito próximos. Na avaliação qualitativa individualizada, quando somados os conceitos bons e ótimos de cada item, observamos uma quantidade de itens com semelhança em seus percentuais, havendo uma variação para mais ou menos muito pequena, mostrando uma semelhança bem significativa entre os resultados obtidos por De Angelis (2000) e os resultados obtidos neste trabalho.

Portanto, vale ressaltar que diversos itens avaliados apresentaram melhorias, como é o caso dos bancos, iluminação alta, iluminação baixa, lixeiras, bebedouros, equipamentos para prática de exercícios físicos, equipamentos destinados à terceira e à primeira idades, vegetação, manutenção das estruturas físicas, limpeza, etc., em comparação à realidade de dez anos atrás.

Diante da análise das informações coletadas através do levantamento quantitativo e com a avaliação qualitativa dos equipamentos e/ou estruturas existentes nas praças localizadas na área do Plano Piloto da cidade de Maringá obtidos por De Angelis (2000) e as informações coletadas para a elaboração deste trabalho, pudemos observar que a evolução ocorrida nesses logradouros públicos foi bem menor que o esperado em termos de quantidade de novos equipamentos e/ou estruturas construídas nesses logradouros públicos, muito embora a frequência de uso tenha se alterado, produzindo maior uso das instalações ou simplesmente estar no espaço para usufruir da natureza presente.

A cidade de Maringá é reconhecida nacionalmente pela preservação e conservação de várias áreas verdes com matas nativas na área urbana da cidade, pela sua arborização de ruas e avenidas – proporcionando floração durante todos os meses do ano – e pela quantidade e beleza de suas praças.

Neste sentido, para o gerenciamento, manutenção e execução de todos os serviços da área urbana da cidade, a Secretaria Municipal de Serviços Públicos – SEMUSP – foi criada durante a primeira gestão da atual administração pública através da Lei Complementar nº 591/2005, tendo, entre outras, as seguintes competências:

- o planejamento operacional, a formulação e a execução da política de serviços públicos do município;
- a manutenção das oficinas de reparos de veículos, máquinas e equipamentos da Administração Direta e Indireta do município, bem como da marcenaria e da serralheria;
- manutenção da pavimentação, galerias, ruas e estradas do município de Maringá;
- edificação e manutenção das obras e prédios públicos da Administração Direta e Indireta do município;
- manutenção dos serviços de coletas de resíduos, conservação e limpeza pública, roçadas e iluminação pública;
- demais funções comuns às secretarias municipais.

A Secretaria Municipal de Serviços Públicos, conforme informações prestadas pelo seu Diretor Administrativo, Francisco Gomes dos Santos, para execução dos trabalhos que lhes são atribuídos conta com um efetivo de novecentos funcionários de carreira, estando os mesmos distribuídos pelas diversas gerências operacionais específicas, sendo que cada uma delas conta com um gerente responsável pela execução dos serviços referentes a sua áreaa trabalhando conjuntamente com as demais gerências.

Para o atendimento na execução dos serviços de manutenção – como plantio, replantio, poda, corte – de árvores, arbustos palmáceas, floríferas e gramados, manutenção de pisos, equipamentos e demais estruturas nas áreas das praças, a responsabilidade recai sobre duas gerências: a) Gerência de Arborização; e b) Gerência de Parques, Praças e Jardins. Descrevemo-las a seguir

a) Gerência de Arborização: setor sob o comando de uma pessoa com cargo comissionado, alguém de confiança do responsável pela administração direta da Secretaria, podendo ser trocado a cada gestão ou quando este assim o desejar.

b) Gerência de Parques, Praças e Jardins: comandado por um funcionário de carreira com largo tempo de serviços prestado junto a esse setor. A longa experiência desse funcionário na execução de trabalhos junto às áreas de parques, praças e jardins o qualificou ao comando da Gerência em questão.

Por considerar que esses setores operacionais são de suma importância junto a essa Secretaria, na manutenção e preservação das áreas verdes existentes na cidade, de forma que sua arborização é um referencial de destaque no cenário nacional, tanto pela quantidade de elementos arbóreos quanto pela beleza das suas floradas, verificamos a necessidade de um profissional com qualificação técnica para a execução desses serviços.

Quanto aos serviços de limpeza dos gramados, da arborização e da manutenção de suas estruturas e equipamentos, a prioridade dada às praças mais centrais da cidade se deve ao fato de elas se localizarem em áreas de maior fluxo diário de pessoas. À medida que nos afastamos da área central, observamos que esses mesmos serviços passam a ser executados com intervalos mais espaçados.

No que se refere à questão de prioridades tanto nas reformas como nas instalações de novos equipamentos e/ou estruturas nas áreas das praças, de acordo com o Diretor Administrativo da SEMUSP, Francisco Gomes dos Santos, as reivindicações de melhorias são realizadas a partir do momento em que há uma pressão da comunidade através das Associações de Bairros juntamente aos Vereadores, para que estes, por meio de projetos, procedam aos trâmites necessários para execução de tais benfeitorias.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade de Maringá apresenta-se atualmente com mais de cento e dez praças espalhadas pela sua malha urbana, considerando as já instaladas e aquelas apenas nomeadas. Desse montante de praças, trinta e seis estão localizadas na área do Plano Piloto e serviram como objeto de estudo para a elaboração desta pesquisa.

Maringá é reconhecida pela qualidade de vida que oferece a sua população, pela beleza de sua arborização de ruas, avenidas e praças e pela florada dessas árvores durante o ano todo. Notamos, contudo, que na maioria das praças pesquisadas poucas espécies arbóreas, como o Ipê-roxo (*Tabebuia avellanedae*), Sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*), Tipuana (*Tipuana tipu*), Alecrim (*Holocalyx balansae*) e Pau-ferro (*Caesalpinia ferrea*) estão presentes, colocando esses espaços em situação de risco em caso de proliferação de doenças e pragas que possam atacar a vegetação.

No que tange à distribuição das praças localizadas na área de estudo, numericamente existe uma relação muito próxima entre as zonas, estando diversas delas situadas na divisória dessas zonas, nos chamados “redondos”, que são áreas de praças de formato circular que auxiliam no fluxo de veículos nas intersecções com diversas avenidas e ruas, apresentando-se em maior número na área do Plano Piloto. Dessa forma, elas acabam ficando próximas uma das outras, facilitando o seu uso pela população de mais de uma zona. Na sequência, encontramos as praças de forma triangular, logradouros resultantes do reaproveitamento da sobra da malha urbana junto a ruas e avenidas.

Através do sistema de iluminação rebaixado, conjuntamente com o rebaixamento da iluminação pública no entorno, houve amplo favorecimento da ação de iluminar no ambiente das praças e segurança dos seus usuários. A interferência causada pela copa das árvores no sistema de iluminação alta (superposte) deixou de existir, criando ambientes livres de sombreamento e com maior segurança. Diversas praças apresentam os dois sistemas de iluminação: a baixa e a alta, um complementando o outro.

Com respeito aos equipamentos e/ou estruturas existentes nas praças, podemos asseverar que não é a sua existência no ambiente da praça que servirá para a apropriação efetiva dos seus usuários. Verificamos, durante os trabalhos de coleta de dados, que em algumas praças sem equipamentos sua utilização era muito maior do que em outras melhor estruturadas. Praças apenas gramadas e com pouca arborização sendo usadas nas mais diferentes formas de uso: jogar vôlei, soltar pipa, passear com criança, jogar bola, simplesmente conversar, namorar ou se mostrar e ser visto.

Como forma de incentivar a prática de atividades físicas, promover a melhoria na qualidade de vida das pessoas, principalmente dos idosos e procurar atrair a população para o ambiente das praças, a partir de 2006 a Prefeitura Municipal passou a instalar diversas Academias da Terceira Idade (ATI) e Academias da Primeira Idade (API). Diversas praças foram contempladas com esse tipo de equipamento, em algumas só a ATI, em outras as duas modalidades – ATI e API. Essas academias acabaram caindo no gosto da população de uma maneira geral e, não só nas pessoas idosas, de forma que a diversidade dos seus usuários promove a socialização e troca de experiências entre as pessoas das mais variadas faixas etárias.

Quanto ao estado geral de conservação das praças localizadas na área do Plano Piloto, realizada através da avaliação qualitativa dos seus equipamentos e/ou estruturas, observamos que 97,22% delas encontram-se com os conceitos ótimos e bons. Notamos que nas zonas situadas mais ao entorno dessa área central o número de praças é bem menor, com menor quantidade de equipamentos e estruturas. Reiteramos que é nessas áreas mais periféricas que a população mais necessita de praças dotadas de equipamentos e estruturas destinadas ao seu lazer diário e para prática de exercícios físicos.

Com os dados obtidos com as coletas de informações realizadas através do levantamento quantitativo e da avaliação qualitativa, e por podermos conhecer melhor cada uma dessas praças localizadas na área do Plano Piloto, pela beleza e pela agradabilidade que elas representam, julgávamos que essas praças sofreram uma evolução considerável desde a última avaliação realizada por De Angelis (2000).

Não obstante, a partir do momento em que esses dados foram tabulados e confrontados com aqueles obtidos para a realização deste trabalho, descobrimos que a evolução dessas praças foi bem insignificativas, uma vez que os dados obtidos durante este trabalho ficaram idênticos ou com pequenas variações, para mais ou para menos no percentual, quando comparados com os dados obtidos por De Angelis (2000).

Houve a incorporação de vários equipamentos e estruturas nas áreas das praças – como bancos, mesas, iluminação rebaixada, lixeiras, telefones públicos, etc. –, a sua arborização, com o desenvolvimento alcançado ao longo do tempo e com novos elementos implantados, melhorando sobremaneira o conforto térmico e a beleza visual do ambiente desses espaços públicos.

Diversos fatores contribuíram para que a população deixasse de fazer uso desses espaços públicos. Podemos ressaltar, entre eles, a falta de segurança devido à presença de usuários de substâncias tóxicas; o aumento no número de *shopping centers*, os quais oferecem aos seus usuários ambientes climatizados e com segurança; o surgimento da *internet*, que oferece diversas formas de jogos interativos, entretenimento de várias formas, *chat* de bate-papo, entre outros; além do que, com a mudança de comportamento da sociedade, as pessoas estão ocupando o seu tempo livre com cursos de línguas estrangeiras, computação, etc., ou seja, buscando reciclagem para conseguir melhores colocações no mercado de trabalho.

Por outro lado, constatamos, durante a coleta das informações a campo, que para boa parte da população a praça ainda continua com a função aglutinadora, de convivência e sociabilização entre as pessoas das mais diversas idades. Dessa maneira, pudemos verificar a identificação e apropriação efetiva da população, particularmente nos finais de semana, ao entardecer e feriados, através de usos diversificados, seja pela utilização dos parques infantis, ATI's ou API's, caminhadas, soltar pipas, praticar algum tipo de esporte, seja conversar ou simplesmente contemplar a paisagem.

Problemas diversos advindos da falta de planejamento na execução e principalmente na manutenção de serviços básicos nas áreas dessas praças são evidentes, a saber: reparos de calçadas cimentadas, conserto de pedras tipo “petit pavê” soltos, construção de rampas para deficientes físicos, reparos de bancos, equipamentos quebrados etc. Verificamos, dessa forma, o descaso dos gestores públicos para com essas áreas.

Diante do que avaliamos até o momento, consideramos fundamental que esses espaços urbanos sejam gerenciados para todos, e para que isto se converta em realidade, é desejável que se realizem melhorias, como:

- setor específico para a gestão das praças – setor responsável pela implantação e manutenção de todos os equipamentos e/ou estruturas existentes nas praças;

- utilização de profissionais com formação específica para as áreas de atuação – pessoas com conhecimento e competência necessário aos trabalhos a serem executados;

- patrimônio individual das praças públicas – manter sempre atualizado o levantamento quantitativo e qualitativo dos equipamentos e estruturas de cada praça;

- população do entorno da praça – conscientização da população do entorno da praça na fiscalização e ajuda em sua manutenção.

7 REFERÊNCIAS

ALEX, SUN. **Projeto da praça: convívio e exclusão no espaço público**. São Paulo: SENAC, 2008.

ALMEIDA, REGINALDO MAGALHÃES DE. Novas espacialidades urbanas: shopping centers – simulacro dos espaços públicos. **E-XACTA** – Revista Científica do Departamento de Ciências Exatas e Tecnologia do Uni – BH, Minas Gerais, v.1, p. 03-15, 2008.

ALVAREZ, IVAN ANDRÉ. **Qualidade do espaço verde urbano: uma proposta de índice de avaliação**. Tese [Doutorado]. 2004. Piracicaba, São Paulo. Brasil.

ARANHA SILVA, EDIMA. Lazer nos espaços urbanos. **Revista Eletrônica da AGB**. Seção Três Lagoas – MS. Três Lagoas, v.1, n.1, 2004. Disponível em: <http://www.ceul.ufms.br/agbtl>. Acesso em: 20. maio. 2010.

Associação dos Municípios do Setentrião Paranaense – AMUSEP. Disponível em: www.amusep.com.br. Acesso em 09/12/2008.

BENEVOLO, LEONARDO. **História da Cidade**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva. 2003.

BORGES, DÉBORA GARRETO. **Usos e territórios do espaço livre público**. O caso da “Praça Deodoro” em São Luis – Fortaleza: UFPE. 2005. Dissertação [Mestrado]. Universidade Federal de Pernambuco, Fortaleza. 2005.

BOVO, MARCOS CLAIR; AMORIM, MARGARETE CRISTIANE DE COSTA TRINDADE. **Análise e diagnóstico dos Parques Urbanos em Maringá/PR**. In: Simpósio Brasileiro de Geografia Aplicada – A Geografia Física Aplicada e as Dinâmicas de Apropriação da Natureza, 2009, Viçosa. Universidade Federal de Viçosa, 2009. p. 01-20.

CAGNATO, EUZA VIRGINIA. **Praça Afonso Botelho: o foco das observações no âmbito do esporte e do lazer**. Dissertação [Mestrado]. Curitiba: Universidade federal do Paraná, 2007.

CALDEIRA, JUNIA MARQUES. O papel da praça pública, da Colônia ao Brasil moderno. **Jornal da Unicamp**, 26 de Novembro a 02 de Dezembro de 2007.

_____. **A Praça Brasileira:** trajetória de espaço urbano – origem e modernidade. Campinas: UNICAMP. Tese [Doutorado], Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2007.

CARLOS, ANA FANI ALESSANDRI. **A Cidade**. 5. ed. São Paulo: Contexto. 2001.

CARLOS, ANA FANI ALESSANDRI. **A (re) produção do espaço urbano**. São Paulo: Edusp – Editora da Universidade de São Paulo. 1994.

CAVALCANTE, MIQUELINA RODRIGUES CASTRO. **Avaliação da qualidade térmica de praças em Maceió – Alagoas:** Três estudos de caso. Maceió: FAU. 2007. Dissertação [Mestrado]. Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do espaço habitado. Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2007.

CORRÊA, ROBERTO LOBATO. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989. “Série Princípios”.

DE ANGELIS, BRUNO LUIZ DOMINGOS. **A praça no contexto das cidades:** o caso de Maringá – PR. Tese [Doutorado]. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2000.

DE ANGELIS, BRUNO LUIZ DOMINGOS E DE ANGELIS NETO, GENEROSO. A vegetação e as praças na cidade de Maringá/PR. **Acta Scientiarum**. Maringá, v. 22, n. 5, p. 1455-1461, 2000.

_____. _____. Os topônimos das praças de Maringá, Estado do Paraná. **Acta Scientiarum**. Maringá, v. 23, n. 6, p. 1561-1567, 2001.

DE ANGELIS, BRUNO LUIZ DOMINGOS, DE ANGELIS NETO, GENEROSO, BARROS, GABRIELA DE ANGELIS E BARROS, RAFAELA DE ANGELIS. **Praças:** História, Usos e Funções. Maringá, EDUEM, 2005. il. (Coleção Fundamentum; 15).

DE ANGELIS NETO, GENEROSO, DE ANGELIS, BRUNO LUIZ DOMINGOS, BARROS, GABRIELA DE ANGELIS, BARROS, RAFAELA DE ANGELIS, GUIZELINI, LARISSA DE ANGELIS. Maringá 60 anos: Presente e Futuro. 2007, p. 69-82. In: **Pensar Maringá:** 60 anos de Plano/ [organizadores] Oigres Leici Cordeiro de Macedo, Fabíola Castelo e Souza Cordovil, Renato Leão Rego. – Maringá: Massoni, 2007.

DIZERÓ, JOSELLE DAVANÇO. **Praças do interior paulista**: Estudos de casos nas cidades de Ribeirão Preto e Monte Alto/SP. Campinas: PUC. 2006. Dissertação [Mestrado]. Campinas: Pontifícia Universidade de Campinas, 2006.

DOURADO, LILIAN APARECIDA CAMPOS; SILVA, EDIMA ARANHA SILVA. Espacialização e ordenamento das praças, espaços de recreação e lazer, na estância turística Ilha Solteira – SP. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros**. Seção Três Lagoas. v. 2, n. 2, p. 67-86, 2005.

EMBRAPA/IAPAR. Empresa Brasileira de Pesquisa agropecuária – EMBRAPA/Fundação Instituto Agrônômico do Paraná – IAPAR. **Levantamento de Reconhecimento dos Solos do Estado do Paraná**. Londrina: SUDESUL, 1984. v. 1 e 2.

FERREIRA, ÉRIKA CRISTINA. **Frequência da atividade física e uso de medicamentos em usuários das academias da Terceira Idade no município de Maringá, Paraná**. Centro de Ciências Exatas, Departamento de Estatística. Universidade Estadual de Maringá, Maringá – Paraná, 2008.

FIGUEIRA, RENATO HOLMER. O caráter histórico da praça da matriz em Porto Alegre: significados do lugar, permanência e mudança. **Arqtexto**, v. 9, p. 92-109, 2006.

GARCIA, JÚLIO CÉSAR. **Maringá Verde?** O desafio ambiental da gestão das cidades. Maringá: Eduem, 2006.

GEHL, JAN e GEMZOE, LARS. **Novos espaços urbanos**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, AS, 2002.

GOMES, MARCOS ANTÔNIO SILVESTRE. **De largo a jardim**: Praças públicas no Brasil – Algumas aproximações. Artigo resultante de parte da Dissertação de Mestrado: As praças de Ribeirão Preto – SP: uma contribuição geográfica ao planejamento e à gestão dos espaços públicos. Uberlândia: UFU. 194p. Dissertação [Mestrado] Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, 2005.

GONÇALVES, FELIPE SOBCZYNSKI; PIKUSSA, ROSANE FÁTIMA; OLIVEIRA, THIAGO DE; SANTOS, TALITA MARQUES. As praças que a gente viu! As praças que a gente quer! CBCE. **Resumos**. Curitiba: UFPR. Disponível em: <http://www.cbce.org.br/cd/resumos/295.pdf>. Acesso em: 26/11/2008.

GONÇALVES, FELIPE SOBCZYNSKI. **Espaços e equipamentos de lazer da Vila Nossa Senhora da Luz:** Suas formas de apropriação no tempo/espço de lazer. Curitiba: UFPR. 2008. Dissertação [Mestrado em Educação Física]. Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, PR. 2008.

LAMAS, JOSÉ MANUEL RESSANO GARCIA. **Morfologia urbana e desenho da cidade.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Dinalivro. 2004.

LEFEBVRE, HENRY. **O direito à Cidade.** 3. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

LOBODA, CARLOS ROBERTO. **Estudo das áreas verdes urbanas de Guarapuava – PR.** Dissertação [Mestrado]. Área de concentração: Análise Regional e Ambiental. Universidade Estadual de Maringá, 2003.

LORENZI, HARRI. **Árvores Brasileiras:** manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. v. 1, 4. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum de estudos da flora, 2002.

LUZ, FRANCE. **O fenômeno urbano numa zona pioneira:** Maringá. 1997. Edição da Prefeitura Municipal de Maringá. São Paulo: USP. 1980. Dissertação [Mestrado]. Universidade de São Paulo, 1980.

MILANO, MIGUEL SEREDIUK. **Avaliação quali-quantitativa e manejo da arborização urbana:** exemplo de Maringá-PR. Curitiba: UFPR. 1988. Tese [Doutorado em Ciências Florestais]. Curso de Pós-Graduação em Engenharia Florestal do setor de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1988.

MENEGUETTI, KARIN SCHWABE. **De cidade-jardim a cidade sustentável:** potencialidades para uma estrutura ecológica urbana em Maringá – PR. Tese [Doutorado]. FAU USP, São Paulo, 2007.

MINAKI, MÔNICA. **As praças públicas de Araçatuba/SP:** Análise de um indicador da qualidade ambiental urbana. Presidente Prudente: UNESP. 2007. Dissertação [Mestrado em Geografia]. Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente. Universidade Paulista, 2007.

MONTELLI, CLARISSA CALDERIPE. **Avaliação estética e uso de três praças em Pelotas/RS.** Dissertação [Mestrado em Planejamento Urbano e Regional]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul/RS. 2007.

MONTENEGRO, GLIELSON NEPOMUCENO. **A produção do mobiliário urbano em espaços públicos. O desenho do mobiliário urbano nos projetos de reordenação das orlas do Rio Grande do Norte.** Natal: UFRN. 2005. Dissertação [Mestrado em Arquitetura e Urbanismo]. Área de Concentração: Urbanização – Projetos e Políticas Físico-Territoriais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil, 2005.

MORAES, ANSELMO FÁBIO; GOUDARD, BEATRIZ; OLIVEIRA, ROBERTO DE. Reflexões sobre a cidade, seus equipamentos urbanos e a influência destes na qualidade da vida da população. **Interthesis**, v. 5, n. 2, p. 93-103, 2008.

OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES. REGIÃO METROPOLITANA DE MARINGÁ. Disponível em: www.observatoriodasmetropoles.urfg.br/.../comoandaRMmaringa.pdf. Acesso em 09/12/2008.

ORTH, DORA MARIA; CUNHA, RITA DIONE. Praças e áreas de lazer como ambiente construído influenciando na qualidade de vida urbana. In: **ENTAC 2000**, Salvador, BA. 2000. v. 01, 474-480.

PELLEGRINI, ANA CAROLINA SANTOS; MACHADO, ANDRÉA SOLER. A Praça e a Piazza: Transitoriedade e permanência no esquema clássico de cidade. 7. Seminário do COMOMO. **Anais...** Porto Alegre, outubro de 2007.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE MARINGÁ. **Secretaria de Desenvolvimento Urbano, Planejamento e Habitação – Coordenadoria de Geoprocessamento.** Mapa da malha viária da cidade de Maringá. Junho/2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARINGÁ. Histórico do Município. Disponível em: www.maringa.pr.gov.br/cidade/cidade. Acesso em: 20/10/2008.

REGO, RENATO LEÃO. O desenho urbano de Maringá e a ideia de cidade-jardim. **Acta Scientiarum**, v. 23, n. 6, p. 1569 – 1577, Maringá, 2001.

RIBEIRO, ZENILDA LOPES. **Praças e Lazer:** Dinâmica de uso e apropriação de espaços públicos em Sorriso – MT. Cuiabá: UFMT. 2008. Dissertação [Mestrado]. Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá – MT. 2008.

RIBEIRO, HELENA; VARGAS, HELIANA COMIN. Qualidade ambiental urbana: ensaio de uma definição. In: Novos instrumentos de gestão urbana. São Paulo: EDUSP, 2001. p, 13-19.

ROBBA, FÁBIO; MACEDO, SÍLVIO SOARES. **Praças Brasileiras. Public Squares in Brazil**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003 (Coleção Quapa).

SAMPAIO, ANDRÉ CÉSAR FURLANETO. **Análise da arborização das vias públicas das principais zonas do Plano Piloto de Maringá – PR**. Maringá: UEM. 2006. Dissertação [Mestrado]. Programa de Pós-Graduação em Geografia – Departamento de Geografia. Universidade Estadual de Maringá – PR. 2006.

SANTANA, TRÍCIA CAROLINE da SILVA. Abandono dos espaços públicos e interiorização da vida pública na cidade turística de Natal – RN. Revista Minha Cidade – **Portal Vitruvius**, Ano 5, Vol. 9, Abr. 2005.

SANTOS, MILTON. **Espaço e Método**. São Paulo: Livraria Nobel, 1985.

_____. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Livraria Nobel, 1987.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1991.

SANTOS, LUÍS DELFIM; MARTINS, ISABEL. A qualidade de vida urbana. O caso da cidade do Porto. **Investigação – Trabalhos em curso**. n. 116, p. 1-24, 2002.

SANTOS, PAULO FERREIRA. **Formação de cidades no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

SEGAWA, HUGO. **Ao amor do público: Jardins no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 1996.

SERDOURA, FRANCISCO M.; SILVA, F. NUNES DA. Espaço público. Lugar de vida urbana. **Engenharia Civil. UM**. n. 27, p. 5-16, 2006.

SILVA, CARLOS ALBERTO MORORÓ. **Considerações sobre o espaço urbano de Maringá – PR**: Do espaço de floresta à Cidade-Jardim, representação da “Cidade Ecológica”, “Cidade Verde”. Florianópolis: CTUFC. 2006. Tese [Doutorado]. Programa de Pós-Graduação em engenharia de Produção – Área de Concentração: Gestão Ambiental. Centro Tecnológico da Universidade Federal de Santa Catarina. 2006a.

SILVA, ELIZETE AMÉRICO. **Espaços públicos e territorialidades:** As Praças do Ferreira, José de Alencar e o Passeio Público. Fortaleza: UFC. 2006. Dissertação [Mestrado]. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006b.

TEIXEIRA, MANUEL C. A Praça nas morfologias urbanas brasileiras. Simpósio “A arquitetura da cidade nas Américas”. **Diálogos contemporâneos entre o local e o global**, 52 ICA, Sevilha, Espanha, julho de 2006.

TUDINI, ODILON GROXIATTI. **A arborização de acompanhamento viário e a verticalização da Zona 7 de Maringá-PR.** Maringá: UEM. 2006. Dissertação [Mestrado]. Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá - PR. 2006.

VELASCO, GIULIANA DEL NERO. **Arborização viária X sistemas de distribuição de energia elétrica:** Avaliação dos custos, estudo das podas e levantamento de problemas fitotécnicos. Dissertação [Mestrado]. Área de Concentração: Fitotecnia – Mestre em Agronomia, Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”. 94 p. Piracicaba, Estado de São Paulo, Brasil. 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A - QUADRO GERAL DAS PRAÇAS DO PLANO PILOTO DA CIDADE DE MARINGÁ, PR - EXISTÊNCIA DE EQUIPAMENTOS E/OU ESTRUTURAS

Nº	PRAÇA	ZONA	ÁREA m²	LEI nº	FORMA	Bn	Ia	Ib	Lx	St	Tl	Bb	Cc	Mt	Ec	Et	Po	Pt	Qd	Ef	Ati	Api	Pq	Br	Qq	Pc	Id	Ei	Ig	Pl	Ct	
1	Geoffrey Wilde Diment	6	2.970,75	490/1966	Circular	S	N	S	N	N	S	N	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	S	N	N	N	N	N
2	Sem Denominação	6	971,26		Triangular	S	N	S	S	N	N	N	S	N	N	N	N	N	S	N	N	N	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N
3	Rotary Internacional	6	2.999,64	1.345/1979	Circular	S	N	S	N	N	N	N	S	S	N	N	N	N	N	S	N	N	N	N	N	N	S	N	N	N	N	N
4	21 de Abril	5	9.914,95		Semicircular	N	N	S	N	N	S	N	S	S	N	S	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N	S	S	N	N	N	
5	Pio XII	5	28.055,21		Circular	N	S	N	N	N	N	N	N	S	N	N	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N	S	S	N	N	N	
6	Ary Barrozo	5	670,00	289/1964	Triangular	N	N	N	N	N	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	
7	7 de Setembro	4	5.468,42		Circular	S	N	S	S	N	N	N	S	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	S	N	N	N	N	
8	do Expedicionário	4	7.088,22	996/1973	Circular	S	N	S	S	N	N	S	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	S	N	N	N	S	
9	Amáble Giroldo	4	1.272,00	575/1967	Triangular	S	N	S	N	N	N	N	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	S	N	N	N	N	N	N	N	
10	Lions	4	6.934,00	3.108/1992	Tri. Bipartida	S	S	S	N	N	N	N	S	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	S	N	N	N	N	
11	dos Sertões	4	5.631,00		Tri. Bipartida	S	S	S	S	N	N	S	N	N	N	N	S	N	S	S	S	N	S	N	N	N	N	S	N	N	N	
12	Manoel Ribas	4	8.824,73		Circular	S	N	S	N	N	N	S	S	N	N	N	N	S	N	N	N	N	N	N	N	N	S	N	N	S	N	
13	José Bonifácio	4	4.497,96	996/1973	Circular	S	N	S	N	N	N	N	S	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	S	N	N	N	N	
14	Presidente Kennedy	1	1.590,43	288/1964	Circular	S	N	S	N	N	N	N	S	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	S	N	N	N	N	
15	Napoleão Moreira da Silva	1	11.520,00	32/1957	Quadrangular	S	N	S	S	N	S	S	S	S	N	S	N	S	N	N	N	N	S	S	S	N	S	N	N	N	N	
16	Raposo Tavares	1	3.993,00		Quadrangular	S	S	S	S	N	S	N	S	S	N	S	S	S	N	N	N	N	N	S	S	N	S	N	N	S	N	
17	Deputado Renato Celidônio	50	23.050,00	DL 111/1987	Retangular	S	S	S	S	S	S	S	S	S	N	S	S	N	N	N	N	N	N	S	N	N	S	S	N	N	N	
18	da Catedral	50	24.154,00	1.592/1982	Semicircular	N	S	N	S	N	S	S	S	S	S	S	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N	S	N	S	N	N	
19	Vereador Malaquias de Abreu	2	3.020,76	2.600/1976	Triangular	N	N	S	N	N	N	N	N	N	N	N	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	
20	Pedro Álvares Cabral	2	2.712,11	292/1964	Oval	S	S	S	S	N	N	S	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	S	N	N	N	N	
21	Todos os Santos	2	4.835,50		Ret. Bipartida	S	S	S	S	N	S	S	S	N	N	S	S	S	N	S	S	S	N	S	S	N	S	S	N	N	N	
22	Min. Antônio Oliveira Salazar	2	1.917,00	837/1971	Triangular	N	N	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	
23	Largo das Garças	1			Triangular	S	S	S	S	N	S	B	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	S	N	N	N	N	
24	Rocha Pombo	3	4.345,00		Circular	S	N	S	N	N	N	N	S	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	S	N	N	N	N	
25	Júlio Jerônimo dos Santos	7	1.647,73	535/1967	Triangular	S	S	S	S	N	N	S	S	N	N	S	S	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	
26	Vereador Oswaldo Vieira	7	3.532,32	1.439/1980	Quadrangular	S	S	S	S	N	S	S	S	N	N	N	N	N	S	N	N	N	S	N	N	N	S	N	N	N	N	
27	Monsenhor Bernardo Cnudde	7	7.964,32	5.362/2001	Pent. Irreg.	S	N	S	N	N	N	N	S	N	S	S	S	S	S	N	N	N	S	N	N	N	N	S	N	N	N	
28	Nadir Aparecida Cancian	7	3.187,17	1.699/1983	Triangular	S	N	S	S	N	S	S	S	N	N	N	S	N	N	S	S	S	N	N	N	N	N	S	N	N	N	
29	Emiliano Perneta	3	7.990,00		Quadrangular	S	N	S	S	N	S	N	S	N	N	S	S	N	N	N	N	N	N	N	N	S	N	S	N	S	N	
30	Regente Feijó	3	6.959,03		Circular	S	S	S	N	S	S	S	S	N	N	N	S	N	S	N	N	N	S	N	N	S	S	N	N	N	N	
31	Pioneiro Fiori Progiant	3	1.075,56	3.386/1993	Semicircular	N	N	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	
32	Senador Abilon Souza Naves	3	5.637,52	166/1961	Circular	S	S	S	N	N	N	S	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	S	N	N	N	N	
33	das Américas	8	4.364,60		Triangular	S	S	S	S	N	S	S	N	N	N	N	N	N	N	S	N	N	S	N	S	N	S	N	S	N	N	
34	Salgado Filho	8	1.416,00		Triangular	S	S	N	N	N	N	N	S	N	N	N	S	N	S	N	N	N	S	N	S	N	S	N	N	N	N	
35	do Aeroporto	8	5.289,00		Retangular	S	S	N	S	N	N	S	N	N	N	S	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N	S	N	N	N	N	
36	Jitsuji Fugiwara	8	1.256,00	2.293/1987	Circular	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	S	N	N	N	N	

ORGANIZAÇÃO: José Alcides Remolli, 2010.

S - Sim

N - Não

APÊNDICE B - QUADRO GERAL DAS PRAÇAS DO PLANO PILOTO DA CIDADE DE MARINGÁ, PR - AVALIAÇÃO QUALITATIVA

Nº	PRAÇA	ZONA	Bn	Ia	Ib	Lx	St	Tl	Bb	Pi	Tc	Pc	Mt	Ec	Et	Po	Pt	Qd	Ef	Ati	Pq	Br	Qq	Vg	Pg	Lo	Me	Lz	Sç	Ca	Ct	Cv
1	Geoffrey Wilde Diment	6	Re	Bo	Bo		Re		Bo	Bo					Re			Ót						Bo	Re	Re	Re	Re	Ru	Ru	Re	Ru
2	Sem Denominação	6	Ót	Bo	Bo				Ót	Bo								Ót		Re				Bo	Re	Ót	Bo	Bo	Bo	Bo	Re	Re
3	Rotary Internacional	6	Bo	Bo			Re		Bo	Ót		Bo			Bo	Bo		Ru					Re	Bo	Bo	Re	Bo	Bo	Bo	Re	Bo	Bo
4	21 de Abril	5		Bo			Re		Bo	Bo		Bo		Bo	Bo									Bo	Bo	Ót	Bo	Bo	Bo	Bo	Ru	Bo
5	Pio XII	5		Bo								Bo			Re									Re	Ru	Bo		Bo	Bo	Bo	Ru	Ru
6	Ary Barrozo	5		Re			Ru																	Re	Ru	Ót		Re	Ru	Ót	Ru	Ru
7	7 de Setembro	4	Bo	Bo	Re		Re		Bo	Ót		Bo			Re	Re								Bo	Bo	Re	Bo	Re	Re	Ót	Bo	
8	do Expedicionário	4	Ót	Bo	Re			Re	Ót	Ót	Ót													Ót	Bo	Ót	Bo	Ót	Bo	Bo	Ót	Ót
9	Amabile Giroldo	4	Ót	Ót			Bo		Bo	Ót										Ót				Ót	Ót	Ót	Ót	Ót	Bo	Ót	Ót	Ót
10	Lions	4	Bo	Bo	Bo				Bo	Ót		Ót												Bo	Bo	Ót	Ót	Ót	Bo	Bo	Bo	Bo
11	dos Sertões	4	Re	Bo	Bo	Bo		Re	Bo	Bo	Re				Bo		Bo	Bo	Ót	Re				Bo	Re	Ót	Bo	Bo	Bo	Re	Re	Bo
12	Manoel Ribas	4	Re	Bo				Re	Ót	Ót	Bo	Bo						Bo						Bo	Bo	Ót	Bo	Bo	Re	Re	Bo	Bo
13	José Bonifácio	4	Bo	Bo					Re	Bo		Bo													Bo	Re	Re	Re	Bo	Re	Re	Bo
14	Presidente Kennedy	1	Re	Bo					Ót	Ót	Ót													Ót	Bo	Bo	Bo	Ót	Re	Re	Ót	Bo
15	Napoleão Moreira da Silva	1	Ót	Ót	Ót		Ót	Re	Bo	Ót		Ót		Re		Ót				Re	Ót	Ót		Bo	Bo	Bo	Bo	Bo	Bo	Bo	Ót	Bo
16	Raposo Tavares	1	Ót	Ót	Ót		Ót		Bo	Ót	Ót	Ót		Bo	Bo	Ót					Ót	Ót		Bo	Bo	Re	Ót	Ót	Bo	Bo	Ót	Bo
17	Deputado Renato Celidônio	50	Bo	Bo	Bo	Ót	Bo	Re	Bo	Ót		Bo		Bo	Re							Bo		Bo	Re	Bo	Bo	Ót	Ót	Bo	Re	Bo
18	da Catedral	50		Ót		Bo		Bo	Re	Bo	Bo		Ót	Bo	Bo	Bo								Bo	Bo	Ót	Bo	Ót	Bo	Ót	Bo	Ót
19	Vereador Malaquias de Abreu	2		Ót											Bo									Re	Re	Ót		Ót	Bo	Bo	Re	Bo
20	Pedro Álvares Cabral	2	Bo	Bo	Ót	Re		Ru	Re	Bo														Bo	Re	Ót	Re	Bo	Bo	Re	Bo	Re
21	Todos os Santos	2	Bo	Bo	Bo	Re		Re	Re	Bo	Bo				Bo	Bo	Bo		Bo	Ót	Bo	Bo	Re	Bo	Bo	Bo	Ót	Bo	Bo	Re	Bo	Bo
22	Min. Antônio Oliveira Salazar	2		Bo					Re	Bo														Bo	Bo	Ót		Ót	Bo	Bo	Ót	Ót
23	Largo das Garças	1	Bo	Bo	Bo	Bo		Bo		Ót	Bo													Bo	Re	Bo	Ót	Ót	Bo	Re	Ót	Bo
24	Rocha Pombo	3	Bo	Re					Re	Ót		Bo												Bo	Re	Bo	Re	Re	Ru	Ru	Bo	Re
25	Júlio Jerônimo dos Santos	7	Bo	Bo	Ót	Ót		Ru	Re	Bo	Ót			Re	Bo	Bo								Ót	Ót	Bo	Ót	Ót	Bo	Re	Ót	Bo
26	Vereador Oswaldo Vieira	7	Ót	Ót	Ót	Bo		Re	Ru	Ót	Ót					Bo								Bo	Bo	Ót	Ót	Bo	Bo	Ót	Bo	Ót
27	Monsenhor Bernardo Cnudde	7	Ót	Ót					Bo	Bo			Re	Bo	Bo	Re	Bo			Re				Bo	Bo	Bo	Bo	Bo	Bo	Bo	Bo	Bo
28	Nadir Aparecida Cancian	7	Ót	Ót	Re		Re	Re	Ót	Ót					Bo			Bo	Ót	Bo				Bo	Bo	Ót	Ót	Ót	Bo	Ót	Bo	Ót
29	Emiliano Perneta	3	Ót	Ót	Ru		Ru		Ót	Bo				Bo	Bo								Ru	Bo	Bo	Bo	Bo	Bo	Bo	Re	Bo	Bo
30	Regente Feijó	3	Bo	Re	Re		Bo		B	Bo	Bo							Ót		Bo				Bo	Bo	Ót	Ót	Ót	Ót	Bo	Bo	Bo
31	Pioneiro Fiori Progiante	3		Re			Ru																	Ót	Re	Ót		Ót	Bo	Re	Ót	Re
32	Senador Abilon Souza Neves	3	Ru	Bo	Bo			Ru	Re	Re														Bo	Re	Re	Re	Re	Re	Re	Re	Re
33	das Américas	8	Bo	Re	Bo	Ru		Re	Re	Ót	Ót			Re				Bo	Ót					Ót	Bo	Ót	Ót	Bo	Bo	Ót	Ót	Ót
34	Salgado Filho	8	Bo	Bo						Ót	Ót					Bo		Bo		Re			Re	Bo	Bo	Bo	Bo	Bo	Bo	Ót	Re	Ót
35	do Aeroporto	8	Bo	Bo	Ru			Bo						Bo	Re			Bo						Re	Re	Bo	Bo	Bo	Re	Ót	Ru	Bo
36	Jitsuji Fujiwara	8		Ru																				Ót	Re	Bo		Re	Ru	Ru	Ót	Re

ORGANIZAÇÃO: José Alcides Remolli, 2010.

Ót - Ótimo Bo - Bom Re - Regular Ru - Ruim

APÊNDICE C – Leis, Projetos de Leis e Decretos

MARINGÁ. Lei nº 490/66, de 11 de outubro de 1966. Fica denominada Praça Geoffrey Wilde Diment a atual Praça Ivaí, em toda a sua extensão. Arquivo da Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Projeto de Lei nº 2063/79, de 26 de outubro de 1979. Altera a denominação da Praça 31 de Março para Praça Rotary Internacional. Arquivo da Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Lei nº 1345/79, de 5 de dezembro de 1979. Altera a denominação da Praça 31 de Março para Praça Rotary Internacional. Arquivo da Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Projeto de Lei nº 509/64, de 13 de fevereiro de 1964. Fica denominada Praça Ary Barrozo a atual Praça dos Agricultores, em toda sua extensão. Arquivo da Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Lei nº 289/64, de 18 de março de 1964. Fica denominada Praça Ary Barrozo a atual Praça dos Agricultores, em toda sua extensão. Arquivo da Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Projeto de Lei nº 1461, de 24 de abril de 1973. Denomina de Praça dos Expedicionários a atual Praça Frei Caneca. Arquivo da Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Lei nº 996, de 14 de junho de 1973. Denomina de Praça dos Expedicionários a atual Praça Frei Caneca. Arquivo da Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Projeto de Lei nº 890, de 30 de maio de 1967. Denomina a praça localizada na confluência das Avenidas Humaitá e Dr. Luiz Teixeira Mendes (Amábile Giroldo). Arquivo Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Lei nº 575, de 29 de novembro de 1967. Denomina a praça localizada na confluência das avenidas Humaitá e Dr. Luiz Teixeira Mendes (Amábile Giroldo). Arquivo da Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Projeto de Lei nº 4592/91, de 14 de novembro de 1991. Denomina as quadras 59-A e 60-A, localizada entre a Avenida Euclides da Cunha e Rua João Alfredo e Avenida Euclides da Cunha com Conselheiro Tobias, na Zona 4, de Praça Lions. Arquivo da Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Lei nº 3108/92, de 16 de abril de 1992. Fica denominada de Praça Lions as quadras 59-A e 60-A, localizada entre a Avenida Euclides da Cunha e Rua João Alfredo e Avenida Euclides da Cunha com Conselheiro Tobias, na Zona 4. Arquivo da Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Projeto de Lei nº 501, de 26 de novembro de 1963. Denomina Praça Presidente Kennedy a atual Praça Martius, em toda sua extensão. Arquivo Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Lei nº 288, de 26 de fevereiro de 1964. Denomina Praça Presidente Kennedy a atual Praça Martius, em toda sua extensão. Arquivo da Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Projeto de Lei nº 50, de 4 de maio de 1957. Fica denominada Napoleão Moreira da Silva, a antiga Praça Rodoviária. Arquivo da Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Lei nº 32, de 7 de maio de 1957. Fica denominada Napoleão Moreira da Silva, a antiga Praça Rodoviária. Arquivo da Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Decreto Lei nº 111/87, de 25 de maio de 1987. Denomina de Praça Deputado Renato Celidônio a união da Praça D. Pedro II com a Praça Desembargador Franco Ferreira da Costa. Setor de Cadastro Técnico da SEURB/PMM.

MARINGÁ. Projeto de Lei nº 2418/82, de 14 de junho de 1982. Altera a denominação da Praça Cássio da Costa Vidigal para Praça da Catedral. Arquivo da Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Lei nº 1592/82, de 8 de setembro de 1982. Altera a denominação da Praça Cássio da Costa Vidigal para Praça da Catedral. Arquivo da Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Projeto de Lei nº 3962/89, de setembro de 1989. Altera a denominação da quadra 6-A, localizada na Zona 2, na confluência das Ruas Martim Afonso com a Rua Padre Germano Mayer e a Avenida Papa João XXIII para Praça Vereador Malaquias de Abreu. Arquivo da Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Lei nº 2600/89, de 20 de outubro de 1989. Fica denominado de Praça Vereador Malaquias de Abreu, a quadra 6-A, localizada na Zona 2. Arquivo da Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Projeto de Lei nº 508, de 13 de fevereiro de 1964. Denomina Praça Pedro Álvares Cabral a atual Praça Caravelas, e toda sua extensão. Arquivo da Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Lei nº 292, de 10 de abril de 1964. Denomina Praça Pedro Álvares Cabral a atual Praça Caravelas, em toda sua extensão. Arquivo da Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Projeto de Lei nº 1222, de 12 de março de 1971. Fica denominado de Praça Ministro Antônio de Oliveira Salazar, a localizada entre as Ruas Padre Germano Mayer e Tomé de Souza e a Av. Papa João XXIII. Arquivo da Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Lei nº 837, de 5 de maio de 1971. Fica denominado de Praça Ministro Antônio de Oliveira Salazar, a localizada entre as Ruas Padre Germano José Mayer e Tomé de Souza e a Av. Papa João XXIII. Arquivo da Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Projeto de Lei nº 801/67, de 21 de fevereiro de 1967. Denomina de Júlio Jerônimo dos Santos a praça localizada na confluência das Avenidas São Paulo e Colombo, na Zona 7. Arquivo da Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Lei nº 523/67, de 7 de junho de 1967. Ficam denominada de Praça Júlio Jerônimo dos Santos, a existente na confluência das Avenidas São Paulo e Colombo, na Zona 7. Arquivo da Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Projeto de Lei nº 2181/80, de 5 de setembro de 1980. Alterada a denominação da Praça Ipiranga para Praça Vereador Oswaldo Vieira, localizada na Zona 7. Arquivo da Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Lei nº 1439/80, de 18 de novembro de 1980. Fica alterada a denominação da Praça Ipiranga, que passa a ter a denominação de Praça Vereador Oswaldo Vieira. Arquivo da Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Lei nº 5362/2001, de 9 de maio de 2001. Fica alterada para Monsenhor Bernardo Cnudde a denominação da Praça Gomes Carneiro, situada na Zona 7. Arquivo da Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Projeto de Lei nº 2561/83, de 7 de junho de 1983. Denomina-se Praça Professora Nadir Aparecida Cancian a área de terras encravada na confluência da Av. Governador Bento Munhoz da Rocha Neto, e as Ruas Evaristo da Veiga e Marechal Floriano Peixoto, e dá outras providências. Arquivo da Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Lei nº 1699/83, de 2 de dezembro de 1983. Denomina-se Praça Professora Nadir Aparecida Cancian a área de terras encravada na confluência da Av. Governador Bento Munhoz da Rocha Neto, e as Ruas Evaristo da Veiga e Marechal Floriano Peixoto, e dá outras providências. Arquivo da Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Projeto de Lei nº 5071/93. Denomina de Pioneiro Fiori Progiante a praça localizada na confluência das Avenidas Riachuelo e Laguna, na Zona 3. Arquivo da Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Lei nº 3386/93, de 14 de junho de 1993. Fica denominada de Pioneiro Fiori Progiante a praça localizada no cruzamento das Avenidas Riachuelo e Laguna, na Zona 3. Arquivo da Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Projeto de Lei nº 303, de 27 de abril de 1961. Denomina Praça Senador Abilon de Souza Naves a atual Praça da Aviação. Arquivo da Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Lei nº 166, de 26 de maio de 1961. Denomina Praça Senador Aylon de Souza Naves a atual Praça da Aviação. Arquivo da Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Projeto de Lei nº 3425/87, de 21 de setembro de 1987. Denomina a praça localizada na confluência da Avenida Gastão Vidigal com a Rua Cambira, de Jitsuji Fujiwara, na Zona 8. Arquivo da Câmara dos Vereadores.

MARINGÁ. Lei nº 2293/87, de 10 de dezembro de 1987. Fica denominada de Jitsuji Fujiwara a Praça localizada na confluência da Avenida Gastão Vidigal com a Rua Cambira, na Zona 8. Arquivo da Câmara dos Vereadores.

APÊNDICE D – Os Topônimos das praças de Maringá - Paraná

Geoffrey Wilde Diment – Lei nº 490/66. Nasceu na Inglaterra no ano de 1848 e faleceu no dia 12/03/1966 em Maringá. Era agrimensor e trabalhava na CMNP. Praça Geoffrey Wilde Diment.

Praça Sem Denominação – É uma área sem denominação, embora seja dotada com equipamentos (parque infantil) e estrutura (cancha de futebol de salão). No momento essa área é considerada pela Prefeitura Municipal de Maringá como terreno de uso para equipamento comunitário. Praça Sem Denominação.

Rotary Internacional – Homenagem ao Rotary Internacional, que é uma organização de líderes de negócios e profissionais, que prestam serviços humanitários, fomentando um elevado padrão de ética em todas as profissões e ajudam a estabelecer a paz e a boa vontade no mundo. Foi fundado por Paul Percy Harris em 1905, na cidade de Chicago, EUA. Praça Rotary Internacional.

21 de Abril – Feriado nacional em homenagem a Joaquim José da Silva Xavier, que foi enforcado e esquartejado nessa data, no ano de 1792, devido ao seu envolvimento com a Inconfidência Mineira. Praça 21 de Abril.

Pio XII – (1876 – 1958) Nasceu na cidade de Roma, na Itália e foi Papa de 1939 a 1958. Foi o primeiro Papa Roma desde 1724. Teve papel importante durante a 2ª Guerra Mundial, ajudando a salvar milhares de judeus, abrindo a Santa Sé aos refugiados de concedendo-lhes a cidadania do Vaticano. Praça Pio XII.

Ary Barrozo – Ary Evangelista Barroso (1903 – 1964), mineiro de Ubá foi pianista, compositor, regente, radialista, advogado e vereador no Rio de Janeiro. Ficou mundialmente conhecido por ser o criador da obra-prima que é a música “Aquarela do Brasil”. Praça Ary Barrozo.

Praça 7 de Setembro – Feriado nacional onde se comemora a Independência do Brasil – processo que culminou no ano de 1922, com a emancipação política do Brasil, do reino de Portugal, no início do século XIX. Praça 7 de Setembro.

Praça dos Expedicionários – Justa homenagem aos “Pracinhas Brasileiros” – os Expedicionários – que participaram heroicamente da Segunda Guerra Mundial, sendo que na cidade de Maringá, encontra-se residindo muitos desses soldados. Praça dos Expedicionários.

Amábile Giroldo – Pioneira chegou a Maringá em 1945, trabalhando como lavadeira. Praça Amábile Giroldo.

Praça Lions – Homenagem ao Lions Club Internacional fundado em 1917 em Illinois, EUA, por Melvin Jones (1879-1961). É uma organização internacional de clubes de serviços do mundo, voltada para serviços humanitários, fomentar a paz e promover a compreensão mundial através de Lions Clubes. Praça Lions.

Manoel Ribas – (1873 – 1946) era paranaense de Ponta Grossa. Esteve à frente do governo do Estado por treze anos – interventor de 1932 a 1934; governador de 1935 a 1937 e novamente como interventor de 1937 a 1945. Iniciaram as obras das estradas ligando Curitiba a União da Vitória e de Ponta Grossa a Apucarana. A abertura à colonização do Norte do Paraná foi um empreendimento decorrente da sua visão de governante. Praça Interventor Manoel Ribas.

José Bonifácio – José Bonifácio de Andrada e Silva (1763 – 1838). Natural da cidade de Santos – SP é conhecido na história do Brasil como o “Patriarca da Independência”, devido ser o seu principal organizador. Em 1821 foi presidente da junta governativa de São Paulo, sendo posteriormente, assessor e ministro de D. Pedro. Praça José Bonifácio.

Presidente Kennedy – A comoção causada pelo assassinato do presidente John Fitzgerald Kennedy, em Dallas no Texas, na década de sessenta, provocou a mudança do nome dessa praça, que se chamava Praça Martius. Praça Presidente Kennedy.

Napoleão Moreira da Silva – (1907 – 1957) Baiano de Timbó, chegou a Maringá em 1945, estabelecendo-se como comerciante no ramo de secos e molhados. Foi agricultor e um dos primeiros líderes político da cidade, fazendo parte da primeira e segunda legislatura do município. Faleceu de acidente aéreo no litoral paulista no dia 10/04/1957.

Primeira praça maringaense, inicialmente denominada Praça da Rodoviária. Através da Lei nº 32/57 seu nome foi alterado no intuito de prestar homenagem ao pioneiro que chegou a Maringá em 1945. Foi comerciante e um dos primeiros líderes políticos da cidade, fazendo parte da primeira e segunda legislatura do município. Praça Napoleão Moreira da Silva.

Raposo Tavares – Antônio Raposo Tavares (1598 – 1658) Bandeirante paulista, nascido em Beja de São Miguel, no Alentejo, Portugal. Responsável pela expansão das fronteiras brasileiras em áreas até então dominadas pelos espanhóis. Praça Raposo Tavares.

Deputado Renato Celidônio – Foi deputado estadual no período de 1962 a 1966 e, o responsável pela inserção de Maringá no circuito do Festival do Cinema Nacional (em maio de 1958), sendo também, membro fundador do Maringá Clube. Praça Deputado Renato Celidônio, também conhecida como Centro de Convivência Comunitária.

Cássio da Costa Vidigal – Foi um dos diretores da antiga Companhia de Terras Norte do Paraná e defensor da colonização planejada nas terras situadas no Norte - novíssimo do Estado. Nome mudado para Praça da Catedral devido ter sido construído nessa área a Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória. Praça da Catedral.

Malaquias de Abreu – Nascido em 17 de julho de 1907 na cidade de Pitangui, Estado de Minas Gerais, chegou a Maringá em 1948. Estabeleceu-se na cidade como agropecuarista e foi vereador na primeira legislatura, pela extinta União Democrática Nacional. Praça Vereador Malaquias de Abreu.

Pedro Álvares Cabral – (1467 -1520) Navegador português nascido em Belmonte. No dia 9 de março de 1500, com uma esquadra de 13 navios, Cabral parte em direção às Índias. No meio do caminho, durante uma tormenta, desvia-se da sua rota e chega ao Brasil no dia 22 de abril de 1500. Praça Pedro Álvares Cabral.

Todos os Santos – O dia de Todos os Santos é realizado no dia 1º de novembro, sendo celebrada em honra de todos os santos e mártires, conhecidos ou não, na tradição da Igreja Católica. Praça Todos os Santos.

Ministro Antônio Oliveira Salazar – (1889 – 1970) Foi um político português que governou durante quatro décadas (1928 – 1968) de forma autoritária e em ditadura o poder político no seu país. Por outro lado, foi o responsável pelo saneamento das finanças públicas portuguesas. Praça Ministro Antônio Oliveira Salazar.

Largo das Garças – Nome alusivo às garças brancas que podem ser vistas nos finais de tarde buscando abrigo no Parque do Ingá, que se encontra bem ao lado desse Largo, e que, de manhã bem cedo, saem em revoada em busca de alimento nas áreas ao redor da cidade. Praça Largo das Garças.

Rocha Pombo – José Francisco da Rocha Pombo foi jornalista, escritor e historiador. Paranaense de Morretes nasceu em 4 de dezembro de 1857. Praça Rocha Pombo.

Júlio Jerônimo dos Santos – Pioneiro e comerciante, chegou a Maringá no ano de 1951. Praça Júlio Jerônimo dos Santos.

Oswaldo Vieira – Natural de São Jerônimo da Serra, município localizado na mesorregião do Norte pioneiro paranaense, onde nasce no dia 6/10/1929. Foi advogado, Vice-Presidente da Câmara Municipal em 1969, Presidente da Comissão de Finanças e Membro da Comissão de Justiça. Praça Vereador Oswaldo Vieira.

Monsenhor Bernardo Cnudde – Lei nº 5.362/2001. Monsenhor Bernard Abel Alphonse Cnudde foi pároco na Igreja Divino Espírito Santo. Recebeu o título de Cidadão Benemérito de Maringá, através da Lei nº 4.660/98 de 26/08/98. Veio a falecer no dia 20/08/2000 em Maringá. Praça Monsenhor Bernardo Cnudde.

Professora Nadir Aparecida Cancian – Natural de Cambe – PR, onde nasceu a 2 de outubro de 1939. A justificar o nome, lê-se no Projeto de Lei nº 2.561/83: “[...] haja vista que a ilustre educadora muito contribuiu para o ensino superior em Maringá [...]” Praça Professora Nadir Aparecida Cancian.

Emiliano Perneta – Emiliano David Perneta (1866 – 1921) foi advogado, jornalista e auditor de guerra. Natural de Pinhas na região de Curitiba é considerado o maior poeta paranaense. Incorporou ao seu sobrenome um apelido de seu pai. Praça Emiliano Perneta.

Regente Feijó – Diogo Antonio Feijó (1784 – 1843) foi um sacerdote católico e estadista brasileiro, sendo Regente do Império do Brasil de 1835 a 1837. Nasceu na cidade de São Paulo – SP. Praça Regente Feijó.

Fiori Progiante - Natural de Cândido Mota – SP, tendo nascido a 18 de junho de 1926. Chegou a Maringá no ano de 1950, desenvolvendo atividades como industrial (implantou a Indústria de Refrigerantes Ouro Verde) e corretor de imóveis. Praça Pioneiro Fiori Progiante.

Abilon Souza Naves – A praça que leva o presente nome anteriormente chamava-se Praça da Aviação. A justificar a mudança, encontramos textualmente no Projeto de Lei nº 303/61: “[...] é dever do povo de Maringá, e assim nós entendemos, que se faça uma homenagem àquele que realmente ajudou a todos os fazendeiros através de empréstimos no Banco do Brasil e outras mais quando senador da república.” Praça Abilon Souza Naves.

Salgado Filho – Joaquim Pedro Salgado Filho foi jornalista, advogado, senador da República (1947 – 1950) e ministro do Superior Tribunal Militar. Era natural de Porto Alegre – RS. Praça Salgado Filho.

Praça do Aeroporto – Possui esse nome por estar localizado defronte ao primeiro aeroporto instalado na cidade de Maringá. Atualmente suas instalações são utilizadas pela Secretaria de Trânsito do Município, devido à construção de um novo aeroporto na cidade.

Jitsuji Fujiwara – Imigrante japonês nasceu na cidade de Yogo-Ken em 4 de julho de 1919. Chegou a Maringá no ano de 1951, onde desenvolveu atividades nos ramos comercial, industrial e político. Foi o fundador da Cia. Norpa Industrial. Praça Jitsuji Fujiwara.